

**AS PRETÔNICAS <E> E <O>
NO PORTUGUÊS DO BRASIL E NO PORTUGUÊS EUROPEU**

SERGIO DRUMMOND MADUREIRA CARVALHO

**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Rio de Janeiro, 1º semestre de 2010.**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**AS PRETÔNICAS <E> E <O>
NO PORTUGUÊS DO BRASIL E NO PORTUGUÊS EUROPEU**

por:

SERGIO DRUMMOND MADUREIRA CARVALHO

Aluno do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas

(Área de Língua Portuguesa)

**Tese de Doutorado em Letras Vernáculas apresentada
à Coordenação dos Cursos de Pós-graduação em
Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Orientadora: Professora Doutora Sílvia Figueiredo
Brandão (UFRJ).**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Faculdade de Letras

Rio de Janeiro, 1º semestre de 2010.

DEFESA DE TESE

CARVALHO, Sergio Drummond Madureira. *As pretônicas <e> e <o> no português do Brasil e no português europeu*. Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Letras, 2010, 180 fl.mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Silvia Figueiredo Brandão – Orientadora
Departamento de Letras Vernáculas/ Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Doutor Jacyra Andrade Mota
Departamento de Letras Vernáculas / Universidade Federal da Bahia

Professor Doutor Maria da Conceição Paiva
Departamento de Linguística e Filologia / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Doutor João Antônio de Moraes
Departamento de Letras Vernáculas / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Doutor Claudia de Souza Cunha
Departamento de Letras Vernáculas / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Doutor Christina Abreu Gomes
Departamento de Linguística e Filologia / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Doutor Dinah Maria Isensee Callou
Departamento de Letras Vernáculas / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Defendida a Tese:

Conceito:

Em: ____/____/2010

A meus avós, principais mecenas,

A meus pais, gênese e apoio integral,

À querida Clara, amor imprescindível.

**Outros haverão de ter
O que houvermos de perder.
Outros poderão achar
O que, no nosso encontrar,
Foi achado, ou não achado,
Segundo o destino dado.**

(...)

Fernando Pessoa (Mensagem, 1934)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Silvia Figueiredo Brandão, pela dedicação, aliada à competência, paciência e compreensão – constantes por anos a fio.

Aos professores da Faculdade de Letras, que fizeram parte deste trabalho – direta ou indiretamente – contribuindo para minha formação. Fundamentais nesta trajetória.

Aos professores Conceição Paiva e João Moraes, que compuseram a banca do Exame de Qualificação, por suas críticas e contribuições preciosas.

À equipe administrativa da Faculdade de Letras, sobretudo da Pós-graduação, pelo apoio que sempre dão aos alunos, inclusive nas horas mais difíceis.

Aos diretores e equipes de coordenação das instituições de ensino onde trabalho, com destaque para a Profa. Judith Côrtes Teixeira Raposo – por maior tempo de convívio e apoio estendido por vários anos – que sempre reconheceram o valor do aperfeiçoamento e nunca olvidaram o lado humano que envolve todo o processo.

Aos colegas (e amigos) de trabalho, que realmente formam uma equipe, sem a qual não se seguiria em frente.

Aos amigos, pelo apoio que só amigos sabem dar, destacando-se a Professora Ângela Correa, com sua valiosa contribuição na tradução do resumo em francês.

Aos familiares, principalmente àqueles presentes no dia-a-dia, que cooperaram também, com atenção e carinho, para a realização deste trabalho.

E, por fim, a todos os que direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma para esta etapa final e tão importante.

SINOPSE

Estudo, na linha sociolinguística variacionista, sobre as pretônicas <e> e <o> na variedade culta do Português do Brasil e do Português Europeu nas décadas de 1970 e 1990, com base em dados selecionados do *Corpus Varport*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. AS PRETÔNICAS <E> e <O>	19
2.1 Quadro evolutivo	19
2.1.1 <i>Do latim vulgar ao português clássico</i>	21
2.1.2 <i>Do século XVI ao XVIII</i>	26
2.2 Quadro atual	34
2.2.1 <i>Português do Brasil</i>	34
2.2.2 <i>Português Europeu</i>	37
3. ESTUDOS SOBRE AS PRETÔNICAS	43
3.1 No Português do Brasil	43
3.2 No Português Europeu	57
4. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	83
4.1 Fundamentação teórica	83
4.2 Metodologia	92
4.2.1 <i>Hipóteses</i>	92
4.2.2 <i>Os corpora</i>	92
4.2.3 <i>Distribuição preliminar dos dados</i>	93
4.2.3.1 <u>No âmbito do PB</u>	93
4.2.3.2 <u>No âmbito do PE</u>	95
4.3 Descrição das variáveis	97
5. ANÁLISE DOS DADOS	117
5.1 O alteamento das pretônicas no Português do Brasil	117
5.1.1 <i>A vogal <e></i>	117
5.1.2 <i>A vogal <o></i>	127
5.2 O cancelamento das pretônicas no Português Europeu	140
5.2.1 <i>A vogal <e></i>	140
5.2.2 <i>A vogal <o></i>	148
5.3 Síntese comparativa dos resultados	157

6. CONCLUSÃO	159
7. BIBLIOGRAFIA	162
ANEXOS	172
RESUMO	178
ABSTRACT	179
RÉSUMÉ	180

LISTA DE TABELAS, QUADROS, FIGURAS E GRÁFICOS

Quadro 1: Vogais no latim clássico e suas evoluções no latim vulgar, com base em Castro, 1991	20
Quadro 2: Resumo das evoluções mais relevantes da vogal <e> pretônica, com base em Williams (1961: 55-57)	23
Quadro 3: resumo das evoluções mais relevantes da vogal <o> pretônica, com base em Williams (1961: 57-58)	25
Quadro 4: Vogais pretônicas no português clássico, segundo Teyssier (1997: 51)	26
Quadro 5: Aspectos conservadores e inovadores do PB com relação às médias pretônicas segundo Cunha (1986: 205-210)	28
Quadro 6 –O sistema de pretônicas no PE (séc XVI-XVIII), segundo Carvalho (1969: 102)	34
Quadro 7 - O sistema de pretônicas no PB, segundo Camara Jr. (1977)	35
Figura 1: Quadro vocálico de Clements (1991) para as línguas românicas, segundo Bisol (2003: 269)	36
Quadro 8: Pretônicas em PE, segundo Mateus & Andrade (2000)	41
Quadro 9: Pretônicas em PE, segundo Teyssier (1997:77)	41
Quadro 10 – Distribuição da pronúncia das médias pretônicas pelas regiões brasileiras, de acordo com CARDOSO (1999)	44
Tabela 1:Distribuição das pretônicas em Macapá, segundo Hora & Santiago, 2006	45
Tabela 2- Índices de alteamento na fala recifense, segundo Silva, 2008	47
Tabela 3- Índices de alteamento da fala recifense relacionados à RVE e seus contextos subsequentes, em Silva (2008: 323)	47
Tabela 4 – Índices gerais de alteamento com base em Bisol (1981)	49
Figura 2 – Regras Variáveis para as vogais /o/ e /e/ em Bisol (1981)	49
Tabela 5 – Índices de alteamento em João Pessoa, segundo Pereira (1997)	50
Tabela 6- Índices das realizações da média pretônica em Vianna da Silva (1995) e em Yacovenco (2003)	51
Tabela 7 – síntese dos contextos mais relevantes para o alteamento em Belo Horizonte, segundo Viegas (1987)	52
Quadro 11 – Possíveis explicações para o alçamento sem ambiente de harmonização vocálica,	54

com base em Viegas (2006)

Tabela 12: Resultados gerais de vogal pretônica inicial em Lisboa com base no quadro 25 de Rodrigues (2000: 138)	61
Tabela 13: Índices de realizações de <o> pretônico não-inicial com base no quadro 29 de Rodrigues (2000: 142)	62
Figura 3: Índices de realizações de <e> em sílaba pretônica inicial com base no quadro 51 de Rodrigues (2000: 176)	64
Figura 4: Índices de realizações de <e> em sílaba medial com base no quadro 55 de Rodrigues (2000: 185)	65
Quadro 12: variação por sujeito e tipo de sílaba, com base em DELGADO-MARTINS, HARMEGNIES & POCH (1996: 253)	71
Quadro 13: Vogais átonas do PE e seus traços distintivos, conforme Mateus & Martins (2002/1982: 142)	74
Quadro 14: Valores médios de F1 e F2 relatados em Andrade (1989) e Delgado Martins (1977), in: Andrade (1996: 311)	78
Quadro 15: Distribuição dos informantes do PB	93
Quadro 16: Distribuição dos informantes do PE	93
Tabela 14: Índices gerais de dados de PB década de 70	94
Tabela 15: Índices gerais de dados de PB década de 90	94
Tabela 16: Índices gerais de dados de PE década de 70	96
Tabela 17: Índices gerais de dados de PE década de 90	96
Quadro 17: Índices relativos ao alteamento de <e> no <i>corpus</i> de PB da década de 1970	117
Quadro 18: Índices relativos ao alteamento de <e> no <i>corpus</i> de PB da década 1990	118
Tabela 18: Atuação da variável <i>Contexto antecedente</i> no alteamento de <e> no PB 1970 & 1990	118
Tabela 19: Atuação da variável <i>Altura da vogal da sílaba subsequente</i> no alteamento de <e> no PB 1970 & 1990	121
Tabela 20: Atuação da variável <i>Contexto subsequente</i> para o alteamento de <e> no PB 1970 & 1990	122
Tabela 21: Distribuição por classes na variável <i>Classe de palavras</i> para o alteamento de <e> no PB 1970 & 1990	124
Tabela 22: Atuação da variável <i>Classe de palavras</i> no alteamento de <e> no PB 1970 & 1990	124
Tabela 23: Atuação da variável <i>Faixa etária</i> no alteamento de <e> no PB 1970 & 1990	125

Gráfico 1: Atuação, com base em pesos relativos, da variável <i>Faixa etária</i> para o alteamento de <e> no PB 1970	125
Gráfico 2: Alteamento de <e> segundo <i>Faixa etária</i> e gênero no PB 1970	126
Tabela 24: Índices percentuais referentes à variável <i>Gênero</i> no alteamento de <e> em PB 1970 & 1990	127
Gráfico 3: Alteamento de <e >segundo <i>Faixa etária</i> e gênero na década de 90 em PB	126
Quadro 19: Índices referentes ao alteamento de <O> no <i>corpus</i> de PB 1970	128
Quadro 20: Índices referentes ao alteamento de <O> no <i>corpus</i> do PB 1990	128
Tabela 25: Atuação da variável <i>Contexto antecedente</i> para o alteamento de <o> no PB 1970 & 1990	129
Tabela 26: Atuação da variável <i>Classe de palavras</i> para o alteamento de <e> no PB 1970 & 1990	... 130
Tabela 26a: Distribuição do alteamento de <o> por <i>Classes de palavras</i> no PB 1970 & 1990	131
Quadro 21: <i>Formas verbais com alteamento no PB</i>	131
Tabela 27: Atuação da variável <i>Altura da vogal da sílaba subsequente</i> no alteamento de <o> no PB 1970 & 1990	133
Tabela 27a: Atuação da variável <i>Altura da sílaba subsequente</i> no alteamento de <o> no PE 1970 & 1990	134
Tabela 28: Atuação da variável <i>Nasalidade</i> para o alteamento de <o> no PB 1970 & 1990	134
Tabela 29: Atuação da variável <i>Faixa etária</i> para o alteamento de <o> no PB 1970 & 1990	135
Gráfico 4: Comportamento da variável <i>faixa etária</i> para o alteamento de <o> em tempo aparente no PB 1970	136
Gráfico 5: Comparação dos índices percentuais de alteamento de <o> no PB por faixa etária nas décadas de 1970 e 1990	136
Gráfico 6: Alteamento de <o> com base em pesos relativos, segundo a atuação da variável <i>faixa etária</i> em tempo aparente no PB 1990	137
Tabela 30: Índices percentuais referentes à variável <i>Gênero</i> para o alteamento de <o> no PB 1970 & 1990	137
Gráfico 7: Alteamento de <o> com base em índices percentuais, segundo a atuação da variável <i>Gênero</i> em tempo real no PB 1970 & 1990	138
Quadro 22: Índices relativos ao cancelamento de <e> no <i>corpus</i> de PE da década de 1970	140
Quadro 23: Índices relativos ao cancelamento de <e> no <i>corpus</i> de PE da década de 1990	141

Tabela 31: Atuação da variável <i>Contexto subsequente</i> no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990	141
Quadro 24: Segmentos em contexto antecedente que mais co-atuam com as alveolares Sibilantes para o cancelamento de <e>	142
Tabela 32: Atuação da variável <i>Classe de palavras</i> no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990	142
Quadro 25: Cancelamento de <e> referente ao fator <i>outras classes</i> , no PB 1970 & 1990	143
Tabela 33: Atuação da variável <i>Estrutura da sílaba em que ocorre <e></i> no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990	143
Tabela 34: Atuação da variável <i>Contexto antecedente</i> no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990	144
Tabela 35: Atuação da variável <i>Posição da sílaba no vocábulo</i> no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990	145
Tabela 36: Atuação da variável <i>Gênero</i> no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990	146
Gráfico 8: Cancelamento de <e> no PE 1970 e 1990, segundo a variável <i>Gênero</i>	146
Tabela 37: Atuação da variável <i>Faixa etária</i> para o cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990	147
Gráfico 9: Cancelamento de <e> na fala feminina do PE 1970 & 1990, segundo a faixa etária	147
Gráfico 10: Cancelamento de <e> na fala masculina do PE 1970 & 1990, segundo a faixa etária	148
Quadro 26: Índices relativos ao cancelamento de <o> no <i>corpus</i> de PE da década de 1970	149
Quadro 27: Índices relativos ao cancelamento de <o> no <i>corpus</i> de PE da década de 1990	149
Tabela 38: Índices referentes à variável <i>Gênero</i> para o cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990	150
Gráfico 11: Índices referentes ao cancelamento de <o> segundo <i>gênero e faixa etária</i> em tempo aparente no PE 1990	150
Gráfico 12: Índices referentes ao cancelamento de <o> segundo <i>faixa etária</i> na fala masculina em PE 1970 & 1990	151
Gráfico 13: Índices referentes ao cancelamento de <o> segundo <i>faixa etária</i> na fala feminina em PE 1970 & 1990	152
Tabela 39: Atuação da variável <i>Estrutura da sílaba em que ocorre <o></i> para o cancelamento em PE 1970 & 1990	153
Tabela 40: Índices referentes à variável <i>Contexto subsequente</i> para o cancelamento de <o> em PE 1970 & 1990	153

Quadro 28: Consoantes adjacentes à posição da vogal <o> apagada	154
Tabela 41: Índices referentes à variável <i>Classe de palavras</i> para o cancelamento de <o> no PE 1970 & 1990	155
Tabela 42: Atuação da variável <i>Contexto antecedente</i> para o cancelamento de <o> em PE 1970 & 1990	156
Quadro 29: Principais contextos estruturais em que houve semelhanças e diferenças entre alteamento (no PB) e cancelamento (no PE)	157

1. INTRODUÇÃO

A flutuação na pronúncia das vogais médias em português, não apenas em contexto pretônico, é matéria que, há muito, vem chamando a atenção dos estudiosos da língua, encontrando-se registros sobre o tema já no século XVI, como se pode observar nos dois trechos transcritos da gramática de Fernão de Oliveira:

"Das vogais, entre u e o pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns somir e outros sumir e dormir ou durmir e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto entre i pequeno e e pequeno, como memória ou memórea, glória ou glórea. Ainda que eu diria que quando escrevemos i na penúltima, sempre ponhamos.." [OLIVEIRA, 1975: 64].

"i e u, letras vogais, também, segundo mais ou menos consoantes de que vierem acompanhadas, assim gastarão mais ou menos tempo. Mas elas em si sempre são de uma mesma quantidade. E a mim me parece que sempre são grandes, como *ouvido* e *escudo*, e em lugar de i pequeno serve e pequeno, como *memórea*, *hóstea*, *necessáreo* e *reverência*, nas penúltimas das quais partes e outras semelhantes eu nunca escreveria i senão e... [OLIVEIRA, 1975: 74].

No século XX, podem ser citados autores que se ocuparam do fenômeno, ora observando a língua portuguesa como um todo, ora focalizando o sistema de PB e/ou o de PE. São eles, entre outros, REVAH (1958, 1959), SILVA NETO (1970, 1986), CÂMARA JR. (1970, 1977), BISOL (1981, 1989), CALLOU et al (1986, 1991, 1995, 1996), MATHEUS & ANDRADE (2000), RODRIGUES (2000), CUNHA & CINTRA (2001), TEYSSIER (1966, 1997), SCHWINDT (2002), MARQUES (2006).

O sistema das vogais em PB difere do quadro do PE nas posições átonas, sobretudo quanto às médias pretônicas, que, diferentemente do que ocorre no PE, mantêm pleno vigor em PB (o item 2.2 oferece visão mais detalhada sobre o *status* das pretônicas em português).

O sistema pretônico do PB e do PE é talvez um dos traços que mais diferenciam as duas variedades, conforme ressalta Teyssier (1997: 101):

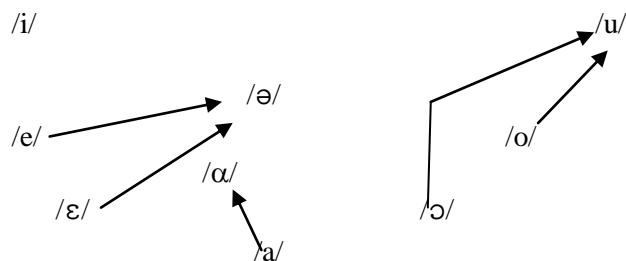
...o brasileiro ignora totalmente, em qualquer posição, a vogal central [ë], tão característica do português europeu (...) O conservadorismo

do português do Brasil, no que se refere às vogais átonas, é, pois, um dos pontos que mais o distinguem hoje do português europeu.

Enquanto no Brasil, ao que tudo indica, mantém-se majoritariamente o vocalismo que havia em PE até o séc. XVIII, a partir dessa data, há uma mudança radical na variedade europeia que tornou os dois sistemas bastante diferenciados. Castro (1991: 252) observa o fenômeno: “*Já o **vocalismo átono pretônico**, e uma vez que as elevações de [e] e [ɛ] para [ə], de [o] e [ɔ] para [u] são inovações do século XVIII (...), era no século XVI um sistema de oito fonemas...*”.

Sendo assim, o vocalismo átono do PB é classificado como conservador e, a princípio, o do PE é considerado inovador, segundo Castro. Porém, como elucidado neste último, a elevação das pretônicas é já documentada nos textos medievais, via de regra, por pressões assimilatórias, o que não seria algo nada inovador. O que existe de novo na mudança ocorrida em PE é que:

A elevação setecentista é de uma natureza diferente, pois ocorre independentemente do contexto sintagmático. É já uma mudança paradigmática, fonológica (não condicionada). Resulta num novo sistema vocálico átono cujos sentidos de elevação são assim representáveis:



(CASTRO, 1991:259)

Deste modo, verifica-se que, enquanto em PB se observa mormente um processo de natureza variável, o alteamento, ao que tudo indica, estável tanto no âmbito de <e>¹ quanto no âmbito de <o>; no PE, a elevação² de <o> e a elevação e centralização de

¹ Os sinais gráficos < > indicam a abordagem do ponto de vista grafemático.

² Usou-se aqui o termo elevação pois se considera o fenômeno de um ponto de vista generalizante, que vai além de motivações puramente fonéticas, ao passo que o termo alteamento fica mais restrito a

<e> são uma realidade inquestionável, já com *status* fonológico. Além disso, observa-se nitidamente um processo de apagamento com relação a essas vogais.

Alerta para o fato Teyssier (1997: 80-81), classificando a questão das átonas em PE como “grave”, ao observar que:

...as vogais átonas escritas *a*, *e* e *o* passaram hoje a [ã], [ë] e [u] em todas as posições (reserva feita para certas exceções que não puderam ser aqui estudadas). Quanto ao [u], percebe-se que ele é frequentemente surdo entre consoantes surdas. A situação do [ë] é mais grave, pois a ‘redução’ atingiu um ponto tal que a sua própria existência corre perigo. Ouve-se hoje *p’ssoa* (*pessoa*), *diss’* (*disse*), *pass’* (*passe*), *fort’s* (*fortes*), *trez vez’s* (*treze vezes*), *pess’gu* (*pêssego*), etc. Uma transformação do sistema fonológico está, pois, ocorrendo, e entre as suas consequências ressalta a de distanciar o português europeu do português falado no Brasil.

Com isso, além do fenômeno da redução, observa-se que o apagamento das pretônicas, fato atípico em PB, é algo que tem demonstrado certa proeminência em PE, chamando a atenção dos estudiosos da língua por envolver questões prosódicas e de natureza estrutural. Além disso, indiretamente, Teyssier deixa transparecer que o alteamento e/ou elevação das vogais ocorre de forma diferenciada no âmbito do <e> e do <o>, em ambas as variedades do português.

Porém, tal sistema está longe de ser estático. O que se pretende destacar neste trabalho é o caráter variável que se mostra em ambas as variedades, observando-se os condicionamentos que o determinam. Nesse sentido, a análise de <e> e <o> em contexto pretônico que se irá desenvolver tem, fundamentalmente, por objetivo, determinar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam 1) o alteamento das vogais médias em PB; 2) o apagamento no PE.

Apesar de serem dois fenômenos distintos, alteamento e apagamento, podem ser vistos como dois estágios diferentes de um mesmo processo de redução fonético-fonológica: de modo geral, a redução do quadro vocálico em posições fracas, de modo específico, a redução do quadro das vogais médias pretônicas (Cf. capítulo 3). Em vista

alterações de caráter assimilatório. Porém, como esta Tese não verificará detalhadamente tal diferenciação, ambos os termos serão utilizados indistintamente no decorrer do estudo.

disso, dados os estágios diferentes em que se encontram PB e PE, tem-se como hipótese inicial que o PE tenderia a confirmar as mudanças ocorridas no séc. XVIII, ainda, com possibilidade de evolução, evolução essa representada pela desenvoltura que o fenômeno do cancelamento vem demonstrando em seu sistema. Em contrapartida, o PB tenderia a manter o estágio anterior às mudanças setecentistas ocorridas no PE, ou seja, revela a tendência natural da língua de redução do quadro vocálico átono, porém por meio do alteamento e apenas em contextos específicos, como o da harmonização vocálica, no caso de <e>, e de condicionamento fonético dos segmentos adjacentes, no caso de <o>. O PB, portanto, propenderia à conservação, como demonstram, na análise aqui realizada, os índices mais reduzidos de elevação das médias num período de duas décadas. Sendo assim, o cancelamento – estágio avançado da redução vocálica – mostrar-se-ia inoperante no sistema de PB e sem perspectivas de ocorrer *a posteriori*.

As análises serão realizadas levando em conta duas sincronias: a década de 70 e a de 90, com base na fala culta de Lisboa e do Rio de Janeiro. Pretende-se, pois, realizar um estudo do tipo que Labov classifica como tempo real de curta duração, levando-se em conta a comunidade de fala, ou seja, estudo de tendência (*trend study*).

Apesar de, em PE, o processo de elevação/centralização de <e> e elevação de <o> ser um processo concluído, conforme aponta Teyssier (1997: 75-76), a partir da segunda metade do séc. XVIII: “*Por volta de 1800, a transformação do antigo [ɔ] em [u] está consumada (...) o [ë] pretônico, tão característico da língua contemporânea de Portugal, surgiu no século XVIII, provavelmente depois de 1750*”, ainda se observam nos *corpora* da pesquisa, além das concretizações [i] e [u], as consideradas mais usuais, respectivamente, no âmbito de <e> e de <o>, também as concretizações [e, i, ε] e ainda [o, ɔ], casos que serão comentados no decorrer da análise.

O trabalho inicia-se com observações sobre o vocalismo do português, do ponto de vista tanto diacrônico, quanto sincrônico, neste caso, em ambas as variedades, ressaltando-se a série das pretônicas (capítulo 2). Logo após, faz-se uma apresentação de alguns estudos realizados sobre as pretônicas em PE e em PB, neste último com ênfase nos de cunho sociolinguístico, uma vez que se procura oferecer uma visão panorâmica a respeito de suas realizações em diferentes regiões do país (capítulo 3). Em seguida, delinea-se o embasamento teórico e metodológico da pesquisa (capítulo 4) e faz-se a análise referente ao alteamento em PB e ao cancelamento no PE (capítulo 5).

2- AS PRETÔNICAS <E> E <O>

2.1 Quadro evolutivo

Antes de focalizar a evolução das pretônicas <e> e <o>, cabe tecer breve comentário sobre a evolução do vocalismo do latim clássico ao latim vulgar. As vogais, no latim clássico, mantinham suas características fonológicas opositivas com base nos timbres e na duração, quantidade (breve ou longa), como na palavra *mālum*, com *a* longo, (maçã), e na palavra *mālum*, com *a* breve, (mal) (CARDEIRA, 2006: 22).

Com o passar do tempo, houve a perda da duração. Com isso, os timbres vocálicos, base da maioria das línguas românicas (francês, provençal, catalão, espanhol, português, italiano, rético), foram-se reorganizando em latim vulgar (HAADSMA & NUCHELMANS, 1963: 19).

Como tendências gerais, as vogais baixas, breve e longa, amalgamaram-se em um único *a*. As altas *i*, e *u* longas mantiveram seus timbres originais. As médias breves *e*, *o* evoluíram para o timbre aberto [ɛ, ɔ].

Houve alternância e fusão de timbres entre a pronúncia das altas *i*, *u* breves e as médias *e*, *o* longas. O poeta Varrão (82 a.C. - c.35 a.C.) assinala a pronúncia da palavra *ve(h)am* como rústica, indicando *viam*, com *i* breve (HAADSMA & NUCHELMANS, 1963: 19). CASTRO (1991: 94) destaca algumas ocorrências do *Appendix Probi*, nas quais focaliza a alternância e evolução de *i* breve para [e] e de *u* breve para [o]:

2. Em *telonium non toloneum*, em *Imago non emago*, em *Iunipirus non iuniperos*, documenta-se uma evolução que perdurou nas línguas românicas de /ĩ/ breve para /e/ fechado.

3. Em *Columna non colomna*, em *Turma non torma*, em *Puella non poella*, observa-se a evolução de /ũ/ breve para /o/ fechado, fenômeno paralelo ao anterior.

Portanto, a alternância entre as altas e médias fechadas já se registra como uma tendência natural desde a formação do latim vulgar. O quadro 1, abaixo, resume as mudanças vocálicas do latim clássico para o latim vulgar.

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR
ī, ū (longos)	/i/, /u/
ŭ, ō	/o/
ō	/ɔ/
ē, ĭ, oe	/e/
ĕ, ae	/ɛ/
ă, ā	/a/

Quadro 1: Vogais no latim clássico e suas evoluções no latim vulgar, com base em Castro, 1991

De modo geral, o português e o italiano conservam os timbres do latim vulgar nas suas vogais acentuadas, já outras línguas românicas demonstram maior tendência à variação no tocante à evolução das altas breves, como se pode exemplificar nas diferentes evoluções da palavra *mīnūs*, do latim ao Francês (HAADSMA & NUCHELMANS, 1963: 19):

mīnūs > meno-menos-meins > moins

Em português, registra-se a evolução *menos* e, em italiano, *meno*³, o que demonstra a tendência mais conservadora dessas duas línguas no tocante ao contexto fônico.

Sendo assim, na passagem para o latim vulgar (TEYSSIER, 1997: 10), há uma redução de dez para sete vogais, duas delas também resultantes de monotongação (ae → /ɛ/, caecum > cego; oe → /e/, foedum > feo).

Além da reorganização dos timbres, o latim vulgar registrou a eclosão da tonicidade silábica do ponto de vista fonológico. Observa-se no galego-português (de 1200 d.C. a aproximadamente 1350 d.C.), etapa seguinte à fase imperial (TEYSSIER, 1997: 10,11), que o sistema vocálico já se organiza de acordo com a tonicidade (tônicas, pretônicas, postônicas).

³ Dicionário Michaellis, pesquisado no site www.uol.com.br

2.1.1. Do latim vulgar ao português clássico

Williams (1961: 54-58) aborda os contextos do latim vulgar que resultaram nas médias pretônicas do português. A seguir, transcrevem-se do compêndio, sucinta e simplificadamente, casos da evolução das médias pretônicas⁴. Com isso, registra-se a variação presente nesse contexto e, ainda, alguns condicionamentos e tendências que atuam até os dias atuais.

a) <e> pretônico do latim vulgar (< latim clássico ē, ĭ, oe, ĕ, ae)

- **e pretônico** > **e** [ə]⁵: caepŭllam > cebola; foetōrem > fedor, pĭcare > pegar, sĕgŭrum > seguro, sermōnem > sermom > sermão.

Obs. 1 - Algumas formas que passaram a *e* pretônico, no português arcaico, voltaram ao *i* latino: fĭgŭram > fegura (arcaico); lĭcentĭam > lecença (arcaico); ũirtŭtem > vertude (arcaico). Em português moderno, tem-se *figura*, *licença* e *virtude*.

- **e pretônico em início de palavra** > **e apenas na grafia**, sendo *i* na pronúncia moderna⁶: aeternum > eterno; eruĭliam > ervilha.

Obs. 2 - O *i* das palavras *igreja* (de eclĕsĭam > eigreja > igreja) e *idade* (aetātem > idade) desenvolveu-se muito cedo, porém, na grafia, sofreram regressão à forma latina no séc. XVIII, com as formas *egreja* e *edade* (WILLIAMS, 1961: 54, 55). O *i* de igreja, segundo Williams, justifica-se também pela influência da velar no grupo *kl*, que se modificou para *gr*.

- **e pretônico + i** > **i ou ei** (Influência da vogal *i* em sílaba seguinte): laesiōnem > lijom (arcaico); prensiōnem > *presionem > prijom (arcaico);

⁴ Foram selecionados, mormente, os casos que resultam em médias pretônicas. Evoluções para ditongos ou hiatos não entraram na lista de evoluções, apenas quando são desfeitos no sentido de originar as pretônicas em estudo.

⁵ Williams provavelmente guiou-se pela pronúncia de PE, pois em PB, as palavras pronunciam-se com [e] pretônico.

⁶ Williams baseia-se na pronúncia de PE, e não na de PB, que tende a realizar a pronúncia média fechada nos exemplos citados.

seruiāmus > sirvamos; uindēmiāre > vindimar; feriamus > feiramos
(arcaico).

Obs. 3 - Ocorria *ei* caso a consoante interveniente fosse um *r* simples; ocorria *i* caso a consoante interveniente fosse *s* ou qualquer outra.

Obs. 4 - Caso o *i* influenciasse a consoante que o precedia, a pretônica média permaneceria: prētiāre > prezar; sēniōrem > senhor. As palatais [ʒ, ɲ, ʎ] produzidas ou não pelo *iode* mais tarde ocasionaram o fechamento do *e*⁷, ocasionando [ɛ̃] (fato que nem sempre se revela na ortografia): mēliōrem > melhor (arcaico) > melhor; regendum > regendo [g > ʒ]; [e > ɛ̃].

O fechamento ocorria também antes de *S* palatalizado em uestīre > vestir [s > ʃ, e > ɛ̃], e após *ch* inicial, plicāre > chegar [e > ɛ̃].

História (de hestória) e mistura (de mestura) têm evolução diferenciada e regressão às formas latinas (cf. WILLIAMS, 1961: 55).

➤ ***e* pretônico + *i* oriundo dos grupos consonantais (ct, sc, x) > *ei*:** fictīcium > feitiço; lēctūram > leitura; mīscēre > meixer (arcaico).

Obs. 5 – Quando o *ei* é inicial, passa a *i*: exemptum > eisento > isento. Grafias eruditas encobrem tal modificação em muitas palavras iniciadas por *ex*: exactum > [ɛ̃^jzatu] ou [izato], porém, a grafia manteve a vogal *e*, como *exato*. A evolução para *i* era comum no português arcaico para qualquer origem de *ei* em posição inicial (cf. evolução de *eclesiam*, p. 55).

Obs. 6 - Se o grupo era *ct + i*, o *iode* do ditongo era proveniente da consoante *k* e o *iode* seguinte atuava sobre o *t*: correctiōnem > correição; directiōnem > direiçom (arcaico). Em palavras eruditas, o [k] não se tornou *iode*, mas caiu na pronúncia. O *e* passa a [ɛ]: directionem > direção (direcção⁸).

➤ ***e* pretônico + *u* > *i* (Influência da vogal *i* em sílaba seguinte):** aequālem > igual; mīnũāre > minguar.

⁷ Idem.

⁸ Grafia e pronúncia de PE.

- **e pretônico + r > [ø]** em alguns casos: pericūlum > perigo > prigo (arcaico); bērillum > esp. brillo > brilho.
- **e pretônico seguido de [ŋg] > i**: *nec-ūnum > nengum > nenhum.
- **e pretônico do latim vulgar seguido por uma consoante labial > o**: sepultūram > sepultura > sopultura; *sīmīliāre > **semelhar** > somelhar (arcaico).

Obs. 7 - Em alguns dialetos, o *o* fecha-se em *u*: sumana.

- **e pretônico seguido de grupo consonantal iniciado por m ou n > [ẽ]**: mendicum > mendigo; mēmōrāre > **lembrar**.

Obs. 8 - Quando o grupo é inicial, a tendência é transformar-se em [i]: ĩntrāre > **entrar**; ĩmplicāre > **empregar**.

- **e pretônico e um e seguinte em hiato > [ɛ]**: crēditōrem > **credor** > credor; mēdicīnam > meezinha > mezinha; praedicāre > **pregar** > pregar.

<i>Algumas evoluções de <e> pretônico do latim vulgar para o português</i>	
__ e pretônico > e [ə]	__ e pretônico do latim vulgar seguido por uma consoante labial > o
__ e pretônico + i oriundo dos grupos consonantais (ct, sc, x) > ei (> i em posição inicial)	__ e pretônico em início de palavra > e apenas na grafia , sendo <i>i</i> na pronúncia
__ e pretônico + i > i ou ei (Influência da vogal <i>i</i> em sílaba seguinte)	__ e pretônico + u > i (Influência da vogal <i>u</i> em sílaba seguinte)
__ e pretônico + r > [ø] em alguns casos	__ e pretônico seguido de [g, ŋ, ʒ, n, ŋ] > i

Quadro 2: Resumo das evoluções mais relevantes da vogal <e> pretônica, com base em Williams (1961: 55-57)

b) <o> pretônico do latim vulgar (< latim clássico ŭ, ō, ō)

- **o pretônico > o [u]**⁹: cūpidītiā > cobiça; dōrmīre > dormir;
fōrmīcam > formiga; monstrāre > mostrar; plōrāre > chorar; pōtēre >
poder; sūperāre > sobrar; sūperbīam > soberba.

Obs. 9 - Em alguns dialetos, o *o* tornou-se *e*: procurar > precurar; fortuna > fertuna.

- **o pretônico + i > u** ou **oi**: dōrmiāmus > durmamos; *mōriātis > moirades (arcaico).

Obs. 10 - A pretônica passava a ditongo caso a consoante intermediária fosse *r* simples. Os outros casos evoluíam para *u*, salvo se o iode influenciasse a sua consoante precedente. Neste caso, permanecia *o*, pronunciado [u]¹⁰. Ex: mulierem > *mulierem > mulher (arcaico); *o* passa a *u* em mulher no séc. XVI, por influência do espanhol (*mujer*) e de seu étimo latino mulierem; *poneamus > ponhamos.

- **o + i oriundo de consoante de grupo consonantal > oi**: octāuum > oitavo.

Obs. 11 - Com o grupo *gn*, a vogal tornava-se *u* ou *o* [u]¹¹: cognātum > cunhado; cognōsco > conheço.

- **o + u > o**: pōtuissem > podesse (arcaico); pōsuissem > posesse (arcaico).

- **o + grupo consonantal iniciado por m ou n > [õ]**: rūmpendum > rompendo; compūtāre > contar.

Obs. 12 - As palavras em que aparece [ũ] podem ser eruditas ou semieruditas. Umbīlicum > umbigo; unguentum > unguento. Suas formas populares são embigo e enguento. *Cumprir* tem evolução diferenciada (cf. WILLIAMS, 1961: 219).

⁹ Mais uma vez, Williams considera apenas a pronúncia de PE.

¹⁰ Idem.

¹¹ Ibidem.

➤ **o pretônico + o intertônico, em hiato > [ɔ]:** coloratum > corado.

<i>Algumas evoluções de <o> pretônico do latim vulgar para o português</i>		
__ o pretônico > o [u]	__ o + grupo consonantal iniciado por m ou n > [õ]	__ o pretônico e o intertônico, em hiato > [ɔ]
__ o pretônico + i > u ou oi	__ o + u > o	__ o + i oriundo de consoante de grupo consonantal > oi

Quadro 3: Resumo das evoluções mais relevantes da vogal <o> pretônica, com base em Williams (1961: 57-58)

No galego-português, constatam-se apenas duas vogais médias pretônicas atuando fonologicamente (TEYSSIER: 1997: 31):

/e/	/o/
(pecar)	(conhocer)

Tal quadro mantém-se na fase posterior à separação do galego do português, o que ocorreu em meados do século XIV. Castro (1991: 207), ao comentar evoluções do português antigo, destaca exemplos de elevação da vogal pretônica no *Testamento de Afonso II* (1214), que são: *difindemêto / defendimento; uinir / uenir; discórdia / discórdia*. O autor ressalta que a **coexistência** de formas com elevação e sem elevação da vogal média não dá ao fenômeno caráter fonológico, sendo apenas caso de assimilação de traço [+alto] de uma vogal tônica. Por esse mesmo motivo, argumenta: “*Deste modo, ainda que as formas **defendim(em)to** e **uenir** precedam as formas **difindimêto** e **uinir**, quando consideramos a evolução do latim ao português, não podemos afirmar que correspondam a um estado de língua mais antigo.*”

A elevação da pretônica no PE só vai constituir um fato relevante durante a primeira metade do século XVIII, uma vez que “*a elevação setecentista é de uma natureza diferente, pois ocorre independentemente do contexto sintagmático. É já uma mudança paradigmática, fonológica (não condicionada).*” (CASTRO, 1991: 259).

Voltando ao galego-português, nota-se que continuou passando por várias alterações fonológicas – palatalização, evolução de grupos consonantais, desnasalização, queda de consoantes, dentre outros fenômenos.

Dois fenômenos em especial, a desnasalização de vogais e queda das consoantes intervocálicas –n-, -g-, -d-, contribuíram para o aparecimento de hiatos, característica vocálica que obteve destaque no galego-português. Tais grupos vocálicos localizavam-se tanto em posição tônica (coobra), quanto em posição pretônica (moesteiro) e postônica (diaboo) (TEYSSIER, 1997: 35).

No *continuum* evolutivo do galego-português para o português clássico, observa-se que hiatos começaram a desfazer-se e, com relação às vogais, muitos deles resultaram, em análise sucinta, na formação de ditongos ou na monotongação. Uma consequência deste último fenômeno foi a consolidação de três vogais pretônicas abertas /a/, /ɛ/ e /ɔ/ (TEYSSIER, 1997: 51) no português clássico.

Portanto, é no português clássico que as vogais pretônicas se firmam no sistema fonológico com um quadro diversificado, idêntico ao tônico, por volta de 1500, conforme se observa no quadro abaixo:

/i/	/u/
/e/	/o/
/ɐ/	
/ɛ/	/ɔ/
/a/	

Quadro 4: Vogais pretônicas no português clássico, segundo Teyssier (1997: 51)

Esse teria sido o sistema pretônico que chegou ao Brasil, em 1500. Tal sistema continuou evoluindo ao longo da história da língua, mudando e variando no tempo e também no espaço.

No item a seguir, serão observadas as pretônicas do português moderno, bem como alguns desdobramentos evolutivos do séc. XVI ao XVIII.

2.1.2 Do século XVI ao XVIII

O século XVI é um marco importante para os estudos contrastivos entre PB e PE, pois muitas das características do português nas regiões colonizadas foram herdadas do estado do português quinhentista nesse período. O português europeu manteve as

características do séc. XVI, ao menos quanto às vogais, até o séc. XVIII, época em que começaram a ocorrer mudanças significativas.

Em seu artigo *Conservação e inovação no português do Brasil* (1986), Celso Cunha faz uma reflexão sobre o tema. Observa que não se pode rotular a variedade brasileira com os traços *unidade* e *conservadorismo*, como tenderia a fazer Silva Neto. Aponta para algo que denomina de “o mito da arcaicidade”, que também permeia o espanhol americano, reforçado por Amado Alonso (CUNHA, 1986: 200).

Cunha mostra-se criterioso ao trabalhar com a hipótese da *unidade* no PB, ressaltando que a produção dos atlas linguísticos vinha demonstrando, ao invés de unidade, um acentuado polimorfismo.

Quanto ao caráter conservador de PB, ressalta algumas causas que influenciaram sua ambientação:

...o fato de ter a língua portuguesa se desenvolvido no Brasil, durante séculos, em condições socioculturais mais propícias à conservação do que à renovação de suas formas. Tendo vivido mais de trezentos anos sem contacto com outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, com um número exíguo de escolas... (CUNHA, 1986: 202)

Contudo, apresenta também fatores que propiciariam uma face inovadora no PB, como o *rush* para as minas no século XVIII (tanto de colonos quanto de portugueses vindos do Reino), migrações que propiciaram o contato de brasileiros com padrões linguísticos inovadores; o estabelecimento da corte portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808; o desenvolvimento urbano na segunda metade do séc. XIX, quando as cidades passam a tomar força no país, com toda a sua rede de relações influenciando os hábitos dos habitantes, bem como, o uso da língua.

Quanto aos fenômenos fonéticos, Cunha (1986: 205-210) resume o *status* do PB em duas vertentes: *a) os que representam a conservação de pronúncia atualmente de nula ou escassa vitalidade na Península; b) os que, à falta de sua documentação nos falares portugueses de qualquer época, devem ser considerados inovações americanas.*

Elencam-se abaixo os exemplos relacionados às médias pretônicas:

Conservação e inovação no PB (com relação às pretônicas <e> e <o>)	
Conservação	Inovação
Realização fechada do <e> e <o> pretônicos não originados de crase, que vigorou em Portugal até o séc. XVIII.	Neutralização no timbre fechado do <e> e <o> pretônicos de vogal simples do latim ou resultante de crase, esqu[e]cer, c[o]rar, ocorrências que o PE distingue até os dias atuais: esqu[ɛ]cer e c[ɔ]rar – pretônicas abertas provenientes de crase dos grupos –ee– e –oo– do latim.
Alternância polimórfica entre as pretônicas e/i e o/u, já conhecida pela língua nos séculos XVI e XVII.	Abertura das vogais pretônicas no Nordeste e em áreas do Norte do país, sujeita a condicionamentos morfofonológicos.

Quadro 5: Aspectos conservadores e inovadores do PB com relação às médias pretônicas segundo Cunha (1986: 205-210)

Observando as relações entre o português atual e o português do séc. XVI, Révah (1958: 388 - 389) compara as duas variedades, PB e PE, destacando os sete percursos evolutivos abaixo:

- 1) A conservação de características do português do séc. XVI tanto em PB quanto em PE;
- 2) A coexistência de formas alternantes no séc. XVI. Uma é adotada em PE e outra é adotada em PB;
- 3) Evoluções linguísticas realizadas diferentemente em Portugal e no Brasil;
- 4) Evoluções linguísticas paralelas nos dois países, com tendências fonéticas e resultados idênticos;
- 5) Importação pelo Brasil de modificações fonéticas realizadas em Portugal após o séc. XVI;
- 6) Modificações que só ocorreram em Portugal;
- 7) Modificações que só ocorreram no Brasil.

Além das características conservadoras comentadas por Cunha (1986), destacam-se em Révah (1958) suas apreciações sobre uma inovação em PE – o apagamento – e uma modificação ocorrida só no Brasil – o caso do <o> pretônico, a seguir:

1- Quanto ao **apagamento** em PE, o autor considera a modificação da vogal anterior nas posições átonas como algo “muito grave”, pela possibilidade de afetar a estrutura das palavras. Exemplifica com <e> na pronúncia lusitana, citando um exemplo (p. 391) de Gonçalves Viana sobre a pronúncia de um verso de Camões: “*E se vires que pode merecer-te*” tem a pronúncia transcrita como “*I se vir’s que pode mer’cer-t*”. Révah comenta que faltam dois pés na estrutura prosódica da frase;

(b) No que toca à **pronúncia de <o> pretônico** em PB, ao comentar as modificações ocorridas só no Brasil, o autor considera o caso de <o> como uma restauração moderna (visto que o *dialeto caipira* apresentava alto índice de alteamento de <o>), que ocorre por influências morfológicas, influência da grafia e, em parte, pela conservação da pronúncia do séc. XVI.

Ainda sobre o <o> pretônico, Révah (1959) comenta que a passagem de <o> a <u>, no PE, não se teria iniciado, como no caso de <e>, ao final do séc. XVIII, mas, ao contrário, seria bastante antiga, tendo sido registrada em um texto de 1344 (*Crônica Geral de Espanha*). Segundo ele, ao longo dos séculos, essa tendência foi sofrendo resistências de natureza diversa (manutenção da unidade vocálica do tema do verbo em toda a conjugação ou da do nome em seus derivados; reação erudita que procurava restabelecer a pronúncia escolar do latim, que era aberta).

Révah (1959: 290) afirma que Luís Caetano de Lima, em 1736, classifica como fechados todos os <o> pretônicos, o que ele sustenta tratar-se de erro de um “*teórico da escrita que confunde ortografia e pronúncia*”. Révah comprova sua crítica com uma afirmativa do próprio Luís Caetano de Lima: “*Assim também devemos usar em **Prócuração e Procuradores**, mas não no verbo **Procuro, Procurar**, que alguns pronúncia impropriamente com O aberto, como fazem em certas províncias*” (RÉVAH, 1959: 290). Acrescenta que, em Portugal, na atualidade, se encontram três pronúncias para a forma procurar: pr[o]curar, pr[ɔ]curar e pr[u]curar. Daí, sugere o autor ser inútil “*invocar a influência do tupi*” (RÉVAH, 1959: 291) para justificar as vogais abertas, comuns no Nordeste brasileiro:

Trata-se de uma tendência erudita, e frequentemente pseudoerudita, que afeta de preferência (mas não exclusivamente) as palavras de origem não popular. Daí a irregularidade dos resultados que não apresentam jamais num determinado falar, mesmo

aproximativamente, o comportamento de uma lei fonética. (RÉVAH: 1959: 291)

Hart (1955) investiga a pronúncia seiscentista do <o> pretônico, revelando que a pronúncia [u] no lugar da pretônica [o] é frequente já no português antigo. Tal tendência evolutiva, segundo o autor, já iniciada no latim, acabou por completar-se em PE nos dias atuais: “...evidence that pretonic **o** (from latin \bar{o} , *u*) and **u** (from latin \bar{u}) had fallen together in early portuguese.” (HART, 1955: 409)¹².

Quanto à investigação da pronúncia de <e> átono, observa-se a contribuição do estudo de Amadeu Amaral sobre o dialeto caipira¹³. Révah (1959: 276) reforça o lado conservador do PB, e considera o “dialeto caipira” um representativo estudo da fala popular e também uma prova da existência de arcaísmos no PB:

1.º – il a étudié un parler populaire en pleine vigueur;
2.º – il a étudié un parler notablement plus archaïsant que les autres parlers populaires brésiliens (cet archaïsme renforcé s’expliquant peut-être par l’isolement relatif paulista avant l’introduction des moyens de locomotion modernes).¹⁴

Segundo Révah (p.281-281), ao estudar a evolução das duas variedades do português, PB e PE, não se pode deixar de comparar os dados fornecidos pelos falares brasileiros aos que se observam nos textos e gramáticas portuguesas, o que permitiria deduzir duas categorias de ensinamentos:

(A) Dans une première catégorie, les données brésiliennes confirment l’existence dans la língua-padrão portugaise des XVI^e-XVII^e siècles de prononciations aujourd’hui disparues ou reléguées dans les parlers populaires ou régionaux;

(B) Dans une seconde catégorie, les données brésiliennes révèlent ou confirment l’existence de certaines prononciations dans les parlers portugais populaires ou régionaux des XVI^e-XVII^e siècles.^{15 16}

¹² “...evidência de que a pretônica **o** (do latim \bar{o} , *u*) e **u** (do latim \bar{u}) tinham se misturado nas fases iniciais do português.” [tradução nossa].

¹³ AMARAL, Amadeu (1920) *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro. (edição utilizada por Révah).

¹⁴ “1º - Ele estudou um falar popular em pleno vigor; 2º - ele estudou um falar notavelmente mais arcaizante do que o de outros falares populares brasileiros (tal arcaísmo pode ser explicado pelo relativo isolamento paulista antes da introdução dos modernos meios de locomoção” [tradução nossa].

¹⁵ Fatos morfossintáticos, como o apagamento de -s, marca de plural, e a simplificação do paradigma verbal, percebidos por alguns como marcas de “um produto crioulo”, são encontrados naturalmente também em Portugal, em regiões como Guimarães, Minho e Barrancos, conforme aponta o autor.

Com relação às vogais, Révah (1959) aponta como elementos conservadores do PB (*première catégorie*) (a) a pronúncia fechada de <e> e <o> finais constatada no dialeto caipira, em vocábulos como “aquele, este, digô, povô”, e mesmo na fala do Rio de Janeiro (dela se encontrariam alguns resquícios em expressões como “dê manhã, cor-de-rosa”) e que seria a predominante no PE segundo testemunhos de Fernão de Oliveira e de Luís Caetano de Lima (em 1736) (p. 283); (b) a pronúncia fechada do <e> pretônico, em vigor no PB, em todas as classes sociais (salvo em certas evoluções condicionadas), que constituía o padrão em Portugal até fins do séc. XVIII ou início do XIX e que os portugueses de hoje produzem como “*um e central ou não pronunciam de forma alguma*” (p. 283).

A coexistência de formas alternantes no séc. XVI, já citada por Révah (1958) e Cunha (1986, cf. quadro 5), é explanada nos estudos de Teyssier (1966) e Carvalho (1969). Teyssier (1966: 193) mostra a nítida distinção entre [i] e [e] em posição pretônica, com base em palavras de grafia constante, sem alternâncias vocálicas:

<i> → diverso, vitória, prisão, cidade, Guiné, silêncio, piloto, etc.

<e> → menor, negócio, defender, Gregório, defeito, desejo, etc.

Também observa a existência de flutuações entre os dois fonemas no sistema vocálico apresentado por João de Barros. Teyssier classifica algumas dessas flutuações, observando suas causas:

(a) fenômeno morfológico: nas formas alternantes fizeram/fezeram, fizesse/fezesse, tiveram/teveram, estiver/estever, o autor constata que as formas em *e* são etimológicas e as formas em *i* são inovações provocadas pela influência das formas verbais de primeira pessoa, que possuem *i* tônico (fiz, tive, estive) e são consideradas marcadas, as quais se opõem às que possuem *e* tônico (fez, teve, esteve), consideradas não marcadas;

(b) fenômeno fonético: assimilação (melhor > milho por influência da palatal [ʎ]) e dissimilação (possebilidade, deregida, defices, antequíssima, requíssima, etc.);

(c) hipercorreção: dilicada, conhicimento, pirigos, bibiam, etc.

¹⁶ “(A) Em uma primeira categoria, os dados brasileiros confirmam a existência na língua portuguesa padrão do século XVI ao XVIII de pronúncias que hoje em dia desapareceram ou estão relegadas aos falares populares ou regionais”; (B) Em uma segunda categoria, os dados brasileiros revelam ou confirmam a existência de certas pronúncias dos falares portugueses populares ou regionais do século XVI ao XVIII” [tradução nossa].

Verifica, ainda, a ocorrência de confusão grafemática entre <u> e <o> em certas palavras, como (i) verbos da terceira conjugação – “fogir/fugir, sobir/subir” em que o “i” é acentuado – para os quais sugere um “*phénomène de dilation, provoqué par le i final*”¹⁷ (p.164) e (ii) verbos da segunda conjugação, sem a presença da vogal i “podesse/pudesse; poseram/puseram”, fenômeno classificado como morfológico, característico da própria classe gramatical e do tempo e modo verbal: “*pour une raison propre au parfait*”¹⁸. Teyssier observa que João de Barros jamais realiza a alternância o/u em outras formas do verbo, como o infinitivo, presente e futuro (respectivamente, poder, podemos e poderemos).

Em alguns substantivos também ocorrem alternâncias: *molher/mulher, logar/lugares, futuro/foturo* (p. 165), para os quais Teyssier não arrisca explicações categóricas, sugerindo para a vitória do “u” em mulher (grafia moderna) a influência do espanhol “mujer”.

Herculano de Carvalho atesta a presença da flutuação das pretônicas no português quinhentista e tece o seguinte comentário sobre o condicionamento fonético por influência da vogal alta da sílaba seguinte: “*o cerramento o > u, e > i estava pois submetido na linguagem quinhentista às mesmas condições em que o fenómeno hoje mesmo se observa, não ainda estabilizado, no português do Brasil.*” (CARVALHO, 1969: 95). Tais condicionamentos, segundo o autor, também ocorrem nos dialetos crioulos de base portuguesa.

Teyssier (1966)¹⁹ e Herculano de Carvalho (1969)²⁰ confirmam o sistema de oito vogais em posição tônica, conforme os exemplos de Carvalho (1969), com base em Fernão de Oliveira: *i* e *u* grandes, *a* grande (*almada*), *a* pequeno (*Alemanha*,

¹⁷ “fenômeno de dilatação, provocado pelo *i* final” [tradução nossa].

¹⁸ “por uma razão própria do perfeito” [tradução nossa].

¹⁹ Analisa a pronúncia das vogais do português quinhentista com base no sistema ortográfico apresentado em diversos textos de João de Barros, cuja produção iniciou-se em 1539-1540.

²⁰ Focaliza a questão do séc. XVI ao XVIII, baseando-se nas variedades modernas do português, incluindo os falares crioulos, e nos autores: Fernão de Oliveira (1536); LIMA, L. C. (1736) *Orthographia da língua portuguesa*. Lisboa Occidental: na officina de Antonio Isidoro da Fonseca; 4º; VERNEY, L. A. (1746) *Verdadeiro método de estudar para ser útil à Republica, e à Igreja: poporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal*. Exposto em varias cartas / escritas pólo R.P. Barbadinho ***Barbadinho da Congregasam de Itália, ao R.P.***Doutor da Universidade de Coimbra. Valensa: na oficina de Antonio Balle. 2v.;4.º (22 cm); BARROS, João de (1957) *Gramática da língua portuguesa*. 3ªed. Organizada por José Pedro Machado, Lisboa; MONTE CARMELO, Fr. Luís de (1767) *Compendio de Orthografia, com sufficientes catálogos, e novas Regras para que em todas as Provincias, e Dinios de Portugal, possam os curiosos compreender facilmente a Othologia, e Prosódia, Istoé, a Recta Pronunciaçam, e accents próprios, da Lingua Portuguesa...* [S.l.]. Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. Com todas as licenças necessárias.

representado por α), *e* grande (*festa*, representado por ε), *e* pequeno (*festo*), *o* grande (*fermosos*, representado por ω) e *o* pequeno (*fermoso*).

Como grandes, Fernão de Oliveira classifica as vogais que considera mais longas (envolve as médias abertas, *i* e *u*), e como pequenas, as vogais que considera mais breves (envolvem as médias fechadas). A oposição /a, ϑ / ocorre nos paradigmas verbais da 1ª conjugação (funcionando na 1ª pessoa do plural no presente e no pretérito do modo indicativo, respectivamente).

Em posição pretônica, confirmam-se as mesmas oposições fonológicas que em posição tônica. Os casos de $[\varepsilon]$ estão mais relacionados a origens etimológicas. Segundo Teyssier, tais casos são pouco produtivos no PE atual (o item 2.2.2 trata do quadro vocálico do PE atual).

Teyssier (1966) comenta que a realização fonética de /e/, o “e pequeno,” em PE, nos dias atuais, remete à forma $[\theta]$, o que classifica, hipoteticamente, como uma forma moderna. Herculano de Carvalho observa que <e> e <o> realizam-se nas posições átonas não finais como $[\theta]$ e $[u]$ respectivamente, podendo sobretudo o primeiro deles, “em certas posições, desaparecer de todo (p. ex., *queremos* realizado como *[kremuʃ]*).” (CARVALHO, 1969: 96-97).

Contrastando a variedade europeia com as ultramarinas (brasileira e falares crioulos), Carvalho (1969: 96) afirma que

No Brasil, pelo contrário, a não ser no caso já referido em que a *e* e *o* pretônicos se seguem *i u* na sílaba imediata, essas vogais permanecem hoje geralmente realizadas, quer na fala culta, quer nos falares populares, como $[e o]$ fechados ou, em certas regiões, como $[\varepsilon \omega]$ mais ou menos abertos. É também $[e o]$ fechados o que se encontra nos falares crioulos, quando não tenha intervindo o fenômeno da harmonização vocálica determinado por *i u* das sílabas imediatas

Finalizando suas observações, Carvalho (1969) propõe “a título embora provisório uma reconstituição do sistema vocálico português entre os séculos XVI e XVIII, que não seria decerto o único, mas porventura o mais generalizado”

(CARVALHO, 1969:101). Destaca-se, a seguir, sua proposta para o sistema de pretônicas²¹:

ɛ	a	ɔ
e	ø	o
i		u

Quadro 6 –O sistema de pretônicas no PE (séc XVI-XVIII), segundo Carvalho (1969: 102)

2.2 Quadro atual

Nos dias atuais, o sistema vocálico do português mostra confluência na posição forte e difere nas posições fracas: em contexto tônico, a variedade brasileira e a européia têm em comum sete vogais²², mas, em contexto pretônico, já se revela a diferenciação evolutiva entre elas. No PB, em que as médias são produtivas, o sistema reduz-se a cinco vogais, enquanto, no PE, eliminado o valor opositivo das médias, funcionam apenas quatro vogais, três altas (anterior, central e posterior) e a baixa (MATHEUS & ANDRADE, 2000:18).

Na fala, é comum ocorrer *flutuação* na pronúncia das pretônicas. Tal fenômeno permite, no âmbito tanto de <e> quanto de <o>, diversas realizações, como em p[e]pino x p[i]pino (harmonização vocálica), em PB, e l[e]gar / l[i]gar (em PE). Tal variabilidade configura-se como um dos pontos que confere relevância ao estudo das pretônicas.

2.2.1 Português do Brasil

Câmara Junior (1977: 59) determina o quadro de sete vogais tônicas observando a existência de neutralizações nas posições átonas. Das átonas, considera as pretônicas as menos fracas em relação à tonicidade, observando o desaparecimento das oposições entre as médias /ɛ/ e /e/ e entre /ɔ/ e /o/, o que resulta, segundo sua visão estruturalista,

²¹ Segundo Carvalho (p. 102) o fonema /a/ aparece em “armada, armador, Aveiro, bradar, caveira, etc.”

²² Alguns estudiosos, como Teyssier (1997: 77) atribuem oito tônicas ao PE atual, pela oposição existente entre as vogais centrais baixas fechada e aberta em paradigma verbal.

nos arquifonemas /E/ e /O/ e na redução da série a cinco vogais, conforme se ilustra a seguir.

altas	/i/	/u/
médias	/E/	/O/
baixa	/a/	
	anteriores	central
		posteriores

Quadro 7 - O sistema de pretônicas no PB, segundo
Camara Jr. (1977)

Callou & Leite (1995: 55) chamam a atenção para o caráter diatópico da neutralização, observando que “*os subfalares que neutralizam em /ɛ/ e /ɔ/ os contrastes /e/ e /ɛ/ e /o/ e /ɔ/, respectivamente, constituiriam o grupo dos subfalares do Norte, e os que neutralizam respectivamente em /e/ e /o/ aqueles contrastes constituiriam o grupo dos subfalares do Sul*”²³.

Percebe-se, assim, que, no Brasil (CÂMARA JUNIOR, 1977), cinco séculos pouco alteraram o sistema herdado na época da colonização, pois, apesar de se ter passado de oito para cinco vogais, mantiveram-se os três níveis de altura: altas, médias e baixa. Além disso, as quatro realizações de médias pretônicas, [e, ɛ, o, ɔ], apresentam razoável produtividade na pronúncia brasileira, servindo, inclusive, de elemento diferenciador de subfalares.

Com base na teoria autosssegmental (Wetzels, 1992²⁴, Clements, 1991), Bisol (2003) propõe uma nova disposição para o sistema fonológico de PB com relação às vogais. Considera que Câmara Jr. propõe um sistema assimétrico e não-natural para as postônicas não-finais em PB: /a, u, e, i/, que, “*...na fonologia do português dificilmente se justificaria como contexto de regra e que não corresponde a nenhuma mudança de registro identificável em (3)*” (BISOL, 2003: 272). A seguir, observa-se o gráfico que Clements (1991) apresenta para as línguas românicas, numerado como (3) no texto de Bisol (p.269):

²³ De acordo com a proposta de Nascentes (1953)

²⁴ CLEMENTS, G. N. (1991) Vowel height assimilation in Bantu languages. In: K. HUB-BARD (Ed.) BLS 17S: *Proceedings of the Special Session on African Languages Structures*: 25-64. Berkeley Linguistic Society. University of California.; WETZELS, W. L. 1992. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 23. 19-55. Campinas: UNICAMP/ IEL.

(3) Línguas românicas

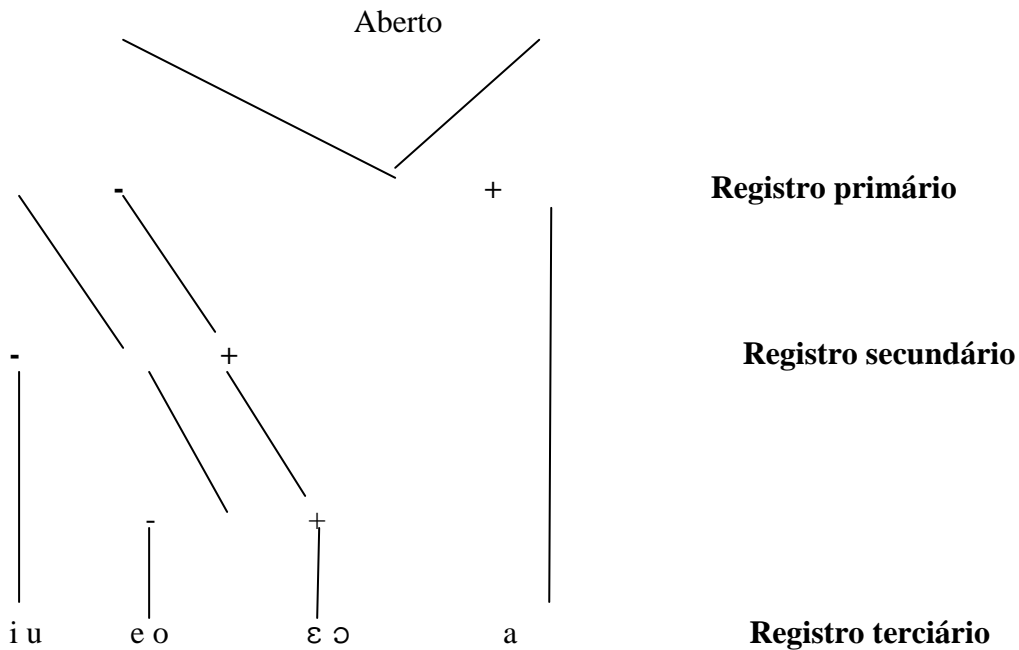


Figura 1: Quadro vocálico de Clements (1991) para as línguas românicas, segundo Bisol (2003: 269)

Segundo Bisol, de acordo com o modelo proposto por Clements (1991), o português, é uma língua de registro terciário (sete vogais - *tônicas*), que passa a secundário (5 vogais – pretônicas e postônicas não-finais) e, por fim, a primário (3 vogais - finais). No registro terciário, o das tônicas, estão especificados os traços relativos à altura por meio dos traços de abertura (aberto 1, aberto 2 e aberto 3). No registro secundário, o das pretônicas, há a anulação de aberto 3, responsável pela diferenciação entre as médias fechadas e abertas. No registro primário, o das postônicas, finais, o traço anulado é o [aberto 2], que distingue as vogais médias e altas, ou seja, fica-se com um sistema de três vogais:

Em suma, o português brasileiro conta com duas regras de neutralização e não três como se vinha postulando [...]. O sistema de cinco vogais tem sua plenitude na pretônica e o sistema de três vogais na átona final. Na postônica não final, flutuam os dois sistemas átonos, o de cinco e o de três vogais. (BISOL, 2003: 275).

A par da neutralização, observa-se um processo variável de harmonização vocálica, já aqui referido, e que consiste na assimilação pela vogal média do traço alto da vogal a ela subsequente, como em *menino* → m[i]n[i]no, *costume* → c[u]st[ume].

Como demonstram diversos estudos (entre os quais alguns dos comentados em 3.1), a variação não se restringe, no âmbito das pretônicas, a casos de harmonização. Outros fatores podem condicionar, a depender do dialeto, a elevação das médias.

(a) No caso da média anterior:

- a presença de /S/ em contexto subsequente: [i]squenta, [i]spera, [i]scura
- sua ocorrência na sequência *des*, prefixal ou não: d[i]stampar; d[i]sossossego; d[i]spertador;
- o ponto de articulação da consoante seguinte (velar, palatal): p[ik]eno, m[iʎ]or

(b) No caso da média posterior:

- o ponto de articulação das consoantes antecedente (velar, labial) e seguinte (labial): [ku]légio, [bu]neca, t[um]ate.

(c) No caso de ambas:

- ocorrência em contexto de hiato, o que favorece, por meio do alteamento, a formação de ditongo: t[i]atro ~ t[j]atro; m[u]eda ~ m[w]eda.

2.2.2 *Português Europeu*

Para descrever o sistema das pretônicas no PE, optou-se pela interpretação de Mateus & Andrade (2000), realizada segundo a Fonologia Autossegmental. Os autores tratam do vocalismo do PE, em especial, no capítulo 2, em que apresentam o sistema como um todo, e no capítulo 3, em que focalizam a estrutura da sílaba, tendo por base o padrão culto de Lisboa.

Ao descreverem as vogais acentuadas, observam que, diferentemente do que ocorre em PB, no PE, além das vogais [i, e, ε, a, ə, o, u], encontra-se, ainda, nessa posição, o [ɐ], cujo contraste com [a] “*seria apenas aparente, uma vez que [ɐ] tônico é uma realização alternativa de outras vogais tônicas em determinados contextos*” (p. 19) a seguir discriminados:

(a) antes de consoante palatal (t[ɐ]lha - <telha>; f[ɐ]cho - <fecho>; cer[ɐ]ja - <cereja >;

(b) antes de glide palatal (l[ɐ]i - <lei>;

(c) antes de consoante nasal (c[ɐ]ma; c[ɐ]na; m[ɐ]nha).

Assim, vocábulos derivados de bases com [ɐ] tônico, na posição pretônica, apresentariam [i] (t[ɐ]lha → t[i]lhado; l[ɐ]i → l[i]gal), vogal que também ocorreria nos derivados de formas com [e] e [ɛ] tônicos (s[e]lo / s[ɛ]lo → s[i]lar) e que, na fala coloquial, poderia ser apagado – [slár]²⁵.

Da mesma forma, os vocábulos derivados de bases com [o] e [ɔ] tônicos, na pretônica teriam [u], (f[o]rça / f[ɔ]rça → f[u]rçar), o que eliminaria o contraste entre <morar> e <murar>, por exemplo, uma vez que, segundo os autores, as tônicas [i] e [u] (s[u]bo, v[i]vo) não alternariam com outras vogais em contexto não acentuado (respectivamente, s[u]bir, v[i]ver).

Em síntese, na posição pretônica, em PE, haveria dois graus de abertura: três vogais altas – [i, i, u] – e uma vogal média [ɐ], que alterna com [a] tônico (p[a]go → p[ɐ]gar).

No capítulo dedicado à estrutura silábica, Mateus & Andrade (2008) partem do princípio de que a sílaba se compõe obrigatoriamente de ataque e rima, podendo um deles (mas, não ambos) ser vazio: “*se uma posição correspondente a um constituinte não está preenchida, esse fato pode ter consequências no nível fonético*” (p. 58).

Vogais podem não ocorrer no nível fonético, quer por não haver vogal subjacente, isto é, pelo fato de o núcleo ser vazio (a posição no esqueleto não está associada a segmento) – como nos exemplos em (1) –, quer por apagamento de uma vogal subjacente – como em (2) e (3), relativas a <e> e (4) a <o>.

	(1)		(2)
escola	[ʃ]cola	pequeno	[pk]eno
estar	[ʃ]tar	depender	[dp]ender
ešana	[ʒ]šana	decifrar	[ds]frar

²⁵ Utiliza-se, aqui, a forma de indicação da sílaba acentuada utilizada por Mateus & Andrade (2000).

eslavo [ʒ]lavo seguro [sg]uro

(3)

(a)		(b)	
telefone	[tʎfɔn]	despegar	[dʃpgár]
devedor	[dvdór]	empedernir	[ẽpdnír]
(c)		(d)	
despregar	[dʃprgár]	desprevenir	[dʃprvnír]
desperdiçar	[dʃprdisár]	desprestigiar	[dʃprʃtizíár]

(4)

soterrar	[sutRár]
sossegar	[susgár]
cometer	[kumtér]

Os vocábulos que compõem o grupo (3), por apresentarem, superficialmente, encontros de três – [tʎfɔn] – até seis consoantes – [dʃprʃtizíár], por violarem o Princípio da Sonoridade e o da Condição de Dissimilaridade, têm de pressupor a existência de vogal subjacente, como pode ser atestado por meio de palavras morfológicamente relacionadas, como d[e]vo / [dvér] e [dvdór].

Os casos que formam (1), no que tange à estrutura da rima, teriam a mesma interpretação dos casos que constituem (5): núcleo vazio. No nível fonético, o que se verifica são encontros formados de (a) plosiva + plosiva; (b) plosiva + fricativa; (c) plosiva + nasal; (d) fricativa + plosiva; (e) nasal + nasal, em contexto inicial e/ou medial de vocábulo.

(5)

(a) ptério	captar	(c) pneu	ritmo	(e) mnemônico	amnésia
(b) psicologia	absurdo	(d)	Afta		

No que concerne “às conseqüências” no nível fonético, para usar a expressão dos autores, do ataque vazio subjacente, observe-se o que ocorre em dados dos tipos expostos em (6) (7) e (8), abaixo.

Em casos como os de (6) e (7) não ocorreria [ĩ]; /e/ e /ɛ/, em (6), concretizam-se como [ɛ], devido ao /l/ em coda, e, em (7), como [i] ou [e], variavelmente. Em (8), /o/ e /ɔ/ subjacentes – que, em contextos não iniciais de vocábulo se manifestam como [u] – também oscilam entre [o] e [ɔ], inibindo a ocorrência de [u]. O ataque vazio seria o responsável pelo bloqueio de [ĩ] e [u].

(6)	(7)	(8)
Elvira	Elefante	Ornar
	Ermida	hospital
	Evidente	Olhar

Na seção 3.2, comentam-se estudos sobre <e> e <o> pretônicos no Português Europeu. Num deles, de carácter quantitativo e recorte sociolinguístico, será possível verificar os casos de variação na variedade oral de Lisboa.

Sintética e simplificada, o quadro das pretônicas em PE revela distribuição diferenciada por série de vogais:

(a) Série das anteriores

Percebe-se que, na série das anteriores, anulou-se a oposição entre as médias [e, ɛ], havendo redução do quadro em favor de uma vogal alta, central e fechada, [ĩ]. Sendo assim, a oposição que antes se fazia entre as vogais [e, ɛ] e [i], faz-se agora entre [ĩ] e [i], fato que distancia o PE atual do português clássico.

(b) Série das posteriores

Já na série das médias posteriores, o fenómeno da redução agiu de maneira mais profunda. A perda de oposição entre as posteriores médias [ɔ, o] deu-se completamente na direção da vogal alta [u], resultando assim na neutralização entre as médias e a alta, ficando a série representada somente pela vogal [u], fato que distancia ainda mais a caracterização do PE atual do português clássico, no tocante ao vocalismo.

O quadro abaixo serve como exemplificação do *status* atual das vogais pretônicas em PE:

Pretônicas em PE, segundo Mateus & Andrade (2000)		
[i] mirar	[ɨ] pegar [pɨgár]	[u] murar/morar
/e/ pagar [pɛgár]		

Quadro 8: Pretônicas em PE, segundo Mateus & Andrade (2000)

Teyssier, diferentemente dos autores citados acima, representa vogais médias nas séries anterior – /ɛ/ ([ε]) – e posterior – /ɔ/ (/ɔ/) e /o/ (/o/)

Pretônicas em PE, segundo Teyssier (1997:77)	
/i/	/u/
	/ë/
	/ɔ/
	/ä/
/ɛ/	/ɔ/
	/a/

Quadro 9: Pretônicas em PE, segundo Teyssier (1997:77)

Isso ocorre porque, em PE, as vogais pretônicas de algumas palavras, por motivos históricos e/ou por condicionamentos fonéticos (CUNHA & CINTRA, 2001: 38, 39), alguns deles já mencionados acima por Mateus & Andrade (2000, 2008), não sofreram a redução iniciada no século XVIII. Os principais casos são os seguintes:

- a) Casos originados da crase do português antigo: [a]→ paadeiro > p[a]deiro, [ɛ]→ esquecer > esqu[ɛ]cer, [ɔ] de coorar > corar;
- b) Casos originados de um antigo ditongo, como o [o] da pronúncia de dourar, doutrina;
- c) Itens provenientes de cultismos: [a]→ actor, [ɛ]→ director, [ɔ]→ adopção;
- d) [o] inicial de ovelha, obter, opinião;

- e) Vogais protegidas por l implosivo: [a]→ altar, [ɛ]→ delgado; [ɔ]→ soldado, colchão.
- f) Em geral, vogais tônicas de palavras simples em vocábulos derivados com os sufixos -inho e -mente mantêm as pronúncias médias: avaramente, brevemente, docemente, amorzinho. Os autores indicam exceções, como [ɐ]→ casinha , [ə]→ mesinha, [u]→ folhinha.

3. ESTUDOS SOBRE AS PRETÔNICAS

3.1 No Português do Brasil

Conforme já comentado em itens anteriores, o PB demonstra alta produtividade da vogal média em posição pretônica, com predominância das realizações abertas ou fechadas de acordo com cada área do país.

Estudos mais recentes sobre as pretônicas no Brasil, como os de CARDOSO (1999), CALLOU et al (1995); LEITE et al (1994, 2002), MORAES et al (1996) e MARQUES (2006), observam, de modo comparativo, a variação no âmbito de diferentes regiões.

CARDOSO (1999:36) em seu quadro, construído com base em trabalhos que analisam as pretônicas em diferentes dialetos brasileiros, explicita a distribuição das realizações das médias por região, sendo que o que se mostra são as principais preferências de pronúncia, pois, como se observará nas páginas a seguir, a flutuação entre médias, fechadas e altas ocorre em todo o território brasileiro. Fica clara a preferência dos falantes das regiões Norte e Nordeste pelas vogais médias baixas (abertas) e a dos falantes das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste pela pronúncia fechada das vogais.

Região	Estados	Vogais Baixas	Vogais Médias
NORTE	AMAZONAS	•	
	PARA	•	*
	ACRE	•	
NORDESTE	CEARA	•	
	R. G. DO NORTE	•	
	PARAÍBA	•	
	PERNAMBUCO	•	
	ALAGOAS	•	
	SERGIPE	•	
	BAHIA	•	
SUDESTE	MINAS GERAIS	•	*
	RIO DE JANEIRO		*
	SÃO PAULO		*
SUL	PARANA		*
	R. G. DO SUL		*
CENTRO-OESTE	M. G. DO SUL		*

Quadro 10 – Distribuição da pronúncia das médias pretônicas pelas regiões brasileiras, de acordo com CARDOSO (1999)

Ao mesmo tempo em que as pretônicas médias mostram alta produtividade, o alteamento revela baixa frequência no Brasil. Tal fato é confirmado na pesquisa de LEITE *et al* (1994), que se baseia em estudos sobre quatro regiões diferentes, do Sul ao Nordeste: Rio Grande do Sul (BISOL, 1981, 1989), Rio de Janeiro (CALLOU *et al*, 1991, 1995, 1998; YACOVENCO, 1993), Minas Gerais (VIEGAS, 1987; CASTRO, 1990) e Bahia e Recife (SILVA, 1991, 2008).

Em tal pesquisa, observa-se também que as vogais tônicas /i/ e /u/ influenciam no processo de harmonização vocálica de maneira diferenciada e que /i/ e /u/ têm praticamente a mesma altura²⁶, idéia que vai em direção contrária à análise de BISOL (1981) que postula ser a vogal /i/ mais alta do que /u/ e, por isso, esta última, segundo Bisol, não exerceria força sobre o alteamento de /e/, pois se assim o fizesse, estaria provocando articulação mais alta do que a sua própria. Leite *et al* (1994) argumentam, ainda, que o alteamento de /e/ é influenciado no Rio de Janeiro, praticamente da mesma forma, tanto por /i/ (p.r. .76), quanto por /u/ (p.r. .71).

Moraes *et al* (1996) realizam uma análise acústica das vogais cardeais de cinco capitais brasileiras ligadas ao Projeto NURC (Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo,

²⁶ Moraes *et al* (1996) revela as seguintes frequências para as altas (F1 [i] = 353 Hz e [u] = 358 Hz).

Salvador e Recife), focalizando o sistema pretônico com relação aos traços anterioridade/posterioridade (eixo horizontal) e o traço de altura (eixo vertical).

Quanto ao eixo horizontal, o Rio de Janeiro é a capital em que as vogais [i] e [u] têm frequências mais distantes entre si. A observação do eixo vertical revelou que em São Paulo e em Salvador, há maior distância acústica entre as vogais [a], [i] e [u] e que o Rio de Janeiro ocupa posição intermediária. Porto Alegre e Recife foram os que menos apresentaram polarização entre as vogais quanto à altura. Sendo assim, os autores chegaram à conclusão de que os traços acústicos selecionados não marcam diferenças entre regiões, já que colocam no mesmo grupo áreas em que as pretônicas se comportam de maneira diferenciada, como São Paulo e Salvador; Porto Alegre e Recife.

A- Região Norte – Macapá

Hora e Santiago (2006), em estudo sobre as vogais pretônicas do falar de Macapá, Norte do Brasil, realizado na linha da Sociolinguística Laboviana, observou a seguinte frequência:

Vogais médias	Vogais alteadas
1424/1641	217/1641
87%	13%

Tabela 1: Distribuição das pretônicas em Macapá, segundo Hora & Santiago, 2006

Dentre as médias, 59% são de vogais fechadas e 28% de vogais abertas, sendo a maioria dos dados de vogais anteriores, 1.005 ocorrências, restando 464 para as posteriores.

Homens e mulheres têm o mesmo P.R. para as vogais fechadas [e, o] (.32, .33 respectivamente). Com relação às vogais abertas [ɛ, ɔ] e às altas [i, u], as mulheres denotam maior frequência de uso, em torno de sete pontos acima dos homens.

Os autores consideram a pronúncia fechada como a variante de prestígio e concluem que homens e mulheres possuem comportamento equilibrado quanto ao uso de [e, o] e que as variantes de menor prestígio não caracterizam nenhum dos gêneros como mais ou menos inovador.

Os anos de escolarização influenciam a realização das pretônicas. Em Macapá, as médias fechadas apresentam maior peso relativo entre os falantes com mais de 9 anos de escolarização (.59), enquanto as altas e médias abertas se destacam entre os falantes de escolaridade mais baixa (com P.Rs. que vão de .31 a .46).

Com isso, Hora & Santiago observam que as médias pretônicas abertas “*não gozam de prestígio na sociedade macapense*” (p. 29), observando ainda que o alteamento ocorre com maior frequência na fala de indivíduos com escolaridade inferior a 9 anos

A variável *faixa etária*, segundo os autores, denota que os processos de harmonização vocálica e de neutralização entre as vogais abertas e fechadas se encontram em variação estável, estando a fala dos mais jovens (15-25 anos) mais próxima da dos mais velhos (49 anos em diante) do que os da faixa intermediária.

B- Região Nordeste – Salvador e Recife

No estudo sobre as pretônicas na fala de Salvador, SILVA (1991) propõe a existência de três regras referentes às vogais médias pretônicas:

(a) Regra categórica de timbre, de caráter regional, que determina o sinal do traço [baixo] entre as pretônicas orais médias

Pretônica média oral	→ [e]/[o] antes de vogal da mesma altura.	c[e]rv[e]ja c[o]rr[e]io
	→ [ɛ]/[ɔ] nos demais contextos	m[ɛ]lh[ɔ]r n[ɔ]v[ɛ]la m[ɔ]r[a]l

Pretônica média oral	(b) Regra Variável de Elevação (RVE), de caráter supradialetal	br[u]chura b[i]liche g[u]verno
	{ [i]/[u] preferencialmente no contexto de vogais altas e de certas consoantes (velar/labial)	

Pretônica média baixa	(c) Regra variável de timbre	f[e]minina m[o]vimento
	{ [e]/[o] preferencialmente no contexto de vogais altas, mas também de outras vogais e num determinado contexto social	

A restrição morfológica foi também observada, ao constatar que as regras citadas acima só se aplicariam a palavras derivadas se tais vocábulos fossem resultantes de novos contextos semânticos, desvinculando-se da base primitiva, como em far[ɔ]l/far[o]lete, c[o]co/c[ɔ]cada

Quanto à fala de Recife (SILVA, 2008), a autora chega à conclusão de que lá atuam as mesmas regras que influenciam a variedade de Salvador, salvo algumas diferenças contextuais e quantitativas.

Os índices de alteamento encontram-se ilustrados na tabela 2, abaixo:

Alteamento			
Anteriores		Posteriores	
Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual
1303/6237	21%	1176/4010	29%

Tabela 2- Índices de alteamento na fala recifense, segundo Silva, 2008

Ao observar a atuação de RVE, percebeu-se que há percentagens elevadas para a atuação das vogais altas – nasais e não nasais, contudo há também índices substanciais relacionados a outras vogais, o que se expõe na tabela 3 (extraída da pág. 323, sendo a tabela 1 no texto original):

Tabela 1- Porcentagem de ocorrência de altas em contexto vocálico

	[u]		[i]	
___[u]	48/286	17%	88/284	31%
___[i]	286/901	32%	762/1893	40%
___[o]	1/77	1%	18/347	5%
___[e]	653/1057	62%	24/525	5%
___[ɔ]	0/131	0%	91/284	32%
___[ɛ]	35/271	13%	30/512	6%
___[a]	18/639	3%	61/1051	6%
___[ũ]	13/46	28%	28/81	35%
___[ĩ]	31/49	63%	109/176	62%
_ [ãeãõ]	90/551	16%	92/1019	9%
___ [l]	1/2	50%	0/65	0%

Tabela 3- Índices de alteamento da fala recifense relacionados à RVE e seus contextos subsequentes, em Silva (2008: 323)

Ao analisar a tabela acima, a autora observa a existência do alteamento em contextos variados, não só no de harmonia vocálica:

Como se esperava, a RVE atua nessa amostra de modo semelhante a outras variedades brasileiras. Do confronto entre as percentagens das realizações altas e não-altas, expostas na tabela seguinte, se pode depreender que a elevação das pretônicas médias se realiza em contextos vocálicos, só parcialmente harmônicos. Encontram-se percentagens elevadas no contexto de altas – nasais ou não-nasais, mas também antes de outras vogais: de [e] (62% de u)), de [ɔ] (32% de [i]) e outras menos significativas – antes de [ɛ] (13% de u)), antes de [ãeãõ] (16% de [u] e 9% de [i]), que se explicam pela interferência de outros fatores, especialmente de consoantes adjacentes. (p.323)

Silva observa, ainda, que a maioria dos trabalhos de orientação laboviana têm apontado em PB a alternância entre altas e médias como uma regra variável estável e também relacionada à difusão lexical (p. 321).

C- Região Sul – Porto Alegre, Taquara, Veranópolis e Santana do Livramento

Bisol (1981), em sua tese de doutorado, observou a variação das pretônicas médias em quatro localidades do Rio Grande do Sul, explorando as peculiaridades dialetais de três delas – escolhidas por suas formas de colonização diferenciadas: alemã, italiana e portuguesa, além de averiguar a fala da capital, Porto Alegre.

Em sua pesquisa, com base na Teoria da Variação, busca a formalização de uma regra variável sobre o comportamento das pretônicas. Ao analisar os problemas referentes a tal empreendimento, tece considerações de ordem fonética, acústica, articulatória e auditiva.

Ilustram-se na tabela 4²⁷ os índices de alteamento extraídos da pesquisa de Bisol, que ficam na média de 26%:

²⁷ Percentagens aproximadas, com base nos dados do texto original: BISOL, 1981:77 [tabela 15].

Alteamento			
Anteriores		Posteriores	
Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual
1769/8107	22%	2147/7389	29%

Tabela 4 – Índices gerais de alteamento com base em Bisol (1981)

A harmonização vocálica é o fenômeno de assimilação mais eficiente para o alteamento das vogais nas regiões observadas no extremo sul do país (sendo que [u] não influencia [e] significativamente), outrossim, o alteamento é mais frequente quando há interação de fatores conjugados, como vogal alta na sílaba seguinte e presença de consoante adjacente favorecedora, por exemplo.

Bisol chega à conclusão de que o fenômeno ocorre de maneira regular, podendo-se, portanto, descrevê-lo como uma regra variável, especificada pelas regras 19 e 20 da página 154, respectivamente relacionadas a /o/ e /e/:

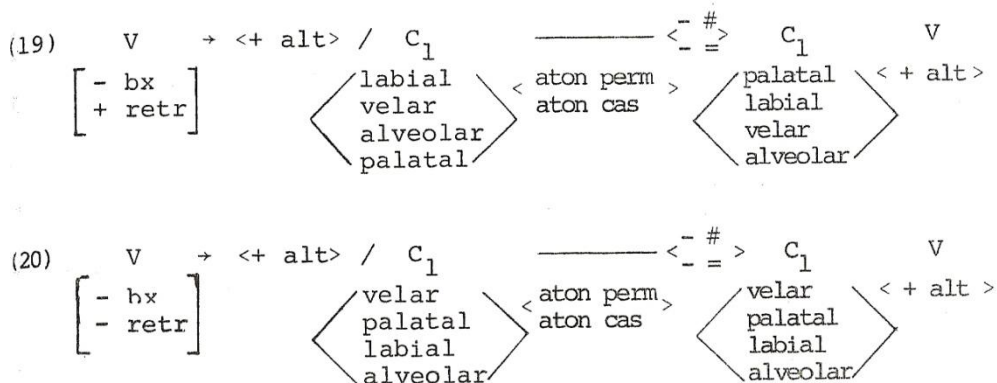


Figura 2 – Regras Variáveis para as vogais /o/ e /e/ em Bisol (1981)

A autora percebeu restrição morfológica à aplicação da regra, pois o alteamento é mais provável em palavras cujas pretônicas conservam o caráter de atonicidade por todo o processo derivativo. Palavras como *solução*, *posição* e *procissão*, três dos exemplos citados, são mais suscetíveis a apresentarem alteamento, pois não possuem história de tonicidade nas formas primitivas (p. 145, 147). Já as pretônicas de vocábulos como *dentista*, *nervura*, *bobice*, derivadas respectivamente de *dente*, *nervo* e *bolo*, em que as médias são tônicas, configurariam um obstáculo à realização do fenômeno.

Como inibidores da aplicação da regra, destacam-se a palatal precedente (no caso de [o]) com função dissimiladora, a alveolar precedente ou seguinte por razões articulatória e acústica, o acento subjacente da vogal e sufixos que ressaltam o valor significativo da forma base, como os formadores de grau.

Bisol (1981) percebeu que há maior frequência de alteamento na fala popular do que na fala culta, entretanto não considerou o fato como sendo estigma social, explicando a diferença pela maior influência da ortografia oficial na fala culta.

No Sul, o fenômeno mostrou-se sensível ao fator etnia. Os monolíngues metropolitanos (fala popular) são os que mais alteiam as pretônicas, em segundo lugar, os bilíngues de origem italiana, em terceiro, os de origem alemã (principalmente em relação a [o]). O grupo que menos aplica a regra é o de fronteiriços, que vive o contato entre o português e o espanhol, sendo esta última a língua românica que mais preservou a média pretônica do latim.

Quanto à faixa etária, o fenômeno encontra-se em equilíbrio, porém, na fala culta, os mais jovens são os que menos alteiam, o que poderia estar sugerindo uma possível regressão da regra na Região Sul.

D – Região Nordeste – João Pessoa

Em João Pessoa, o alteamento mostra-se mais frequente do que nas regiões citadas acima (em que sempre se mostrou abaixo de 30%), ficando em torno de 35%, segundo Pereira (1997).

Alteamento	
Anteriores	Posteriores
Percentual	Percentual
34%	35%

Tabela 5 – Índices de alteamento em João Pessoa, segundo Pereira (1997)

Sua dissertação de mestrado oferece informações sociolinguísticas significativas sobre o dialeto de João Pessoa. Quanto à escolaridade, observou que os universitários são os que mais usam as variantes fechadas [e], [o] e os que menos elevam as médias; e

os de menor escolarização são os que mais aplicam o alteamento e os que menos usam as médias fechadas.

A variável *faixa etária* revela que os mais velhos são os que mais alteiam e os da faixa entre 26 e 49 anos são os que mais utilizam as vogais médias fechadas.

E – Sudeste

(a) Rio de Janeiro

Yacovenco (1993) percebeu que, no Rio de Janeiro, o que mais influenciou o alteamento de /e/ foram as vogais altas, [i] com p.r. de .76 e [u] com p.r. de .71. Quanto a /o/, apenas a alta anterior influenciou o processo (.73), sendo baixa a influência de [u] (.44).

Os dialetos fluminenses pesquisados em comunidades pesqueiras (VIANNA DA SILVA, 1995) apresentaram índices próximos ao que Yacovenco encontrou na fala culta da cidade do Rio de Janeiro, como se pode conferir na tabela abaixo:

Regiões	Vogais anteriores			Vogais Posteriores		
	[ɛ]	[e]	[i]	[ɔ]	[o]	[u]
Cidades do Norte-Noroeste fluminense	4%	61%	35%	7%	62%	31%
Rio de Janeiro	4%	64%	32%	4%	66%	30%

Tabela 6- Índices das realizações da média pretônica em Vianna da Silva (1995) e em Yacovenco (2003)

Callou *et al* (1995:68) observam que a regra de alteamento das médias pretônicas não apresenta índices de progressão, e sim uma possível tendência à regressão, pois os homens e os indivíduos mais velhos aplicam a regra com maior intensidade do que jovens e mulheres; o que foi ao encontro da pesquisa de Yacovenco (1993), em que os mais velhos são os que mais alteiam, ao contrário dos mais jovens. Ressalta-se que Bisol (1981) também percebeu tendência à regressão nos dialetos sulistas.

A regra de abaixamento, com pouca atuação, também está presente no Rio de Janeiro (CALLOU *et al*, 1995), bem como restrições morfológicas ao processo de

elevação das médias. Lemle (1974) observa que o limite de morfema é uma restrição à ocorrência do fenômeno, como em *cafezinho*, palavra que, embora possua vogal alta em sílaba tônica seguinte à média, ambiente favorecedor ao alteamento, não o apresenta, pois a vogal está anterior ao limite de morfema, não sendo atingida, portanto, pela alta da sílaba seguinte.

(b) Belo Horizonte

Quanto ao dialeto de Belo Horizonte, Viegas (1987), em sua dissertação de mestrado, realizou um trabalho sobre as médias pretônicas em Belo Horizonte (3.931 dados), no qual propôs duas regras para o alçamento: harmonização vocálica com a vogal alta seguinte para o /e/ e influência das consoantes adjacentes para o /o/, principalmente das oclusivas. A tabela 7 representa a síntese dos contextos considerados por Viegas como os mais relevantes para /e/ e /o/ pretônicos na região analisada:

	++ ____	C ____ nasal	C ____ obstruinte	____\$C sonorante	____C\$ obstruinte	C V / + alto - + acento \
(e)	favorecedor	favorecedor	desfavorecedor	favorecedor	desfavorecedor	favorecedor
(o)	desfavorecedor	desfavorecedor	favorecedor	favorecedor	favorecedor	neutro

Tabela 7 – Síntese dos contextos mais relevantes para o alteamento em Belo Horizonte, segundo Viegas (1987)

Viegas (2001), dando prosseguimento ao estudo das médias pretônicas em sua tese, aprofunda a discussão sobre algo que já tinha observado em sua dissertação: as exceções às regras, como em *Netuno* e *covil*, exemplos da autora. Em função disso, adotou a perspectiva difusionista e propôs-se a realizar uma análise histórica do processo de alçamento em 489 palavras, além de testes de avaliação e de produção em palavras específicas com falantes da cidade de Belo Horizonte.

A autora constatou que existem palavras em português, oriundas do Latim ou de outras línguas, que provavelmente já foram incorporadas ao sistema com a vogal pretônica alta e, por razões várias, suas grafias acabaram sendo registradas com vogais médias. A autora sugere que tais palavras, cuja lista ela apresenta, sejam avaliadas à parte em trabalhos sobre as pretônicas. Como exemplos (2001: 231, 234, 235), têm-se três itens lexicais com entrada no séc. XIII: *bezerro* (*bizerro*, do lat. hisp. * *ibicerra*,

ibicirra; minino), menino (minino, provavelmente do cast. *mi niño*) e pequeno (piqueno, do lat. vulg. *pitinnu*, associado a uma base expressiva *pikk* = “pequenez”). Observa que a harmonização vocálica é um fenômeno que se revela no português desde o século XIII e, por conseguinte, ocorre inclusive no dialeto padrão do séc. XVI (cf. VIEGAS, 2006). Entretanto, há exceções que não se explicam pela análise histórica: palavras que possuem ambiente para a aplicação da regra não são alçadas e vice-versa.

Assim sendo, faz uma reflexão sobre que modelo teórico explicaria melhor o comportamento das pretônicas no *corpus* analisado, traçando paralelos entre as perspectivas neogramática e a difusionista, para, em seguida, optar pela segunda. A elevação das médias pretônicas, conclui a autora, é um fenômeno sistemático _ e não excepcional, conforme aponta Teyssier (1997: 101) _, podendo, portanto, ser descrito por uma regra lexical.

Em artigo posterior à sua tese, ressalta que há distribuição diferenciada em relação aos contextos de alteamento com relação às vogais /e/ e /o/, conforme se pode observar no quadro 11, que sintetiza causas para o alçamento das vogais, sobretudo alheias ao contexto de harmonização vocálica (VIEGAS 2006: 48):

/e/	/o/
Maior influência da harmonização vocálica	Menor influência da harmonização vocálica
Menor número de vogais alçadas sem ambiente de vogal alta seguinte	Maior número de vogais alçadas sem ambiente de vogal alta seguinte
Ocorrências decorrentes de possível analogia (<i>bimestre/simestre</i>)	Ocorrências explicadas pela presença de consoantes altas e labiais adjacentes (<i>custela, cumer</i>)
Possível presença de vogal alta desde a entrada no léxico (séc. XIII → <i>bizerro e piqueno</i>)	Possível presença de vogal alta desde a entrada no léxico (séc. XIII → <i>acostumar, algodão</i>) ²⁸

Quadro 11 – Possíveis explicações para o alçamento sem ambiente de harmonização vocálica, com base em Viegas (2006)

Oliveira (1991) questiona, com base na Difusão Lexical (DL), os casos de Viegas, 1987, que não se encaixam nos padrões da ambientação fonética: grupos de palavras como *ceroulas*, *cenoura* e *cebola* e, também, *semestre* e *semana*, em que todos os elementos possuem ambientação fonética semelhante, porém só os primeiros itens alçam (*ceroulas* e *semestre*) na fala de BH. O autor propõe que toda mudança sonora ocorra por difusão lexical, sugerindo a ambientação propícia à atuação da DL:

(...) que palavras são afetadas primeiro? Para mim as primeiras ‘vítimas’ de uma mudança sonora da forma X → Y/Z são as palavras que apresentam os seguintes traços (não necessariamente nesta ordem):

- a. X ocorre num nome comum;
 - b. Z oferece um contexto fonético natural para Y;
 - c. X é parte de uma palavra que ocorre em contextos informais de fala.
- (OLIVEIRA, 1991: 10)

Viegas (2001) observa que há casos que não cabem na explicação de Oliveira, pois *ceroulas*, *cenoura*, *cebola*, *semana* e *semestre* encaixam-se nos itens a e c, porém não se enquadram no item b – não possuem ambiente fonético propício à mudança. E palavras como *acentua* e *comício*, encaixam-se nos itens a e b, mas não alçam.

Reafirma, então, a necessidade de investigar exceções como essas, aliando-se a análise histórica ao modelo da DL. Observa que o alçamento das vogais médias não se enquadra completamente na teoria da Fonologia Lexical de Kiparsky (1988), na qual se baseia Labov (1994: 542): “*Difusão lexical é o resultado da abrupta substituição de um*

²⁸ Exemplos retirados de Viegas 2001, p. 238.

*fonema por outro em palavras que contêm vários traços fonéticos*²⁹, nem na de Kiparsky (1995), pois o fenômeno não envolve necessariamente a caracterização do número de traços fonéticos, como afirma Labov, e não é condicionado pela analogia, conforme cita Kiparsky.

O alçamento das vogais médias em Belo Horizonte atinge os itens gradualmente, palavra por palavra. Aponta o maior número de exceções à realização em palavras mais eruditas e formais (p. 47), como *Netuno, crepúsculo, covil*, etc. Os primeiros itens a serem atingidos pela mudança foram os mais familiares (aqueles transmitidos no meio familiar) e, em seguida, os menos prestigiados. Como exemplo de itens menos prestigiados tem-se “*piru x (peru) (...) pilinho x (pelinho), etc.*” (Viegas 2001: 24).

Viegas (2001) constatou, com base em aplicação de testes e entrevistas, o desprestígio do alçamento para alguns informantes de Belo Horizonte. Observa que tal fato não é recente, pois, quanto ao alçamento das pretônicas, Naro (1973) constata o desprestígio do fenômeno na gramática de Nunez de Lião, de 1576. Outro ponto levantado por Naro é a existência de certo sentimento xenófobo brasileiro desde o séc. XVI em relação a Portugal, que contribuiria para a pronúncia lusitana nunca ter constituído um padrão de prestígio em PB.

Viegas concorda com as propostas de Philips (1988) – “*a implementação das mudanças é sempre lexical*” – e com as de Bybee (1995), que relaciona “*a representação do item, suas conexões e seu uso efetivo*”, levando em consideração a dinâmica social da comunidade linguística e suas restrições lexicais (VIEGAS, 2001: 123).

Com isso, a autora propõe a reflexão sobre o conceito de léxico e sobre a forma de construção do léxico: “*penso que a questão social deva ser enfatizada, penso que deva ser dada ênfase na interação entre os indivíduos de uma mesma comunidade e na relação dessa interação com a marcação dos itens.*” (VIEGAS, 2001: 37). A partir desse raciocínio, percebe-se que a simples marcação de um item lexical no momento da enunciação não caracteriza a mudança, e sim:

a marcação do item em determinado momento da enunciação, mas com a marcação em diversos momentos em que o item ocorra. Se

²⁹ “*Lexical diffusion is the result of the abrupt substitution of one phoneme for another in words that contain that several phonetic features.*”

tivermos, por exemplo, em um momento da enunciação uma marcação em “pilhinho” (por pelinho), usado pejorativamente, não há aí implicação na reestruturação do item, mas, se tivermos a ocorrência de “pilhinho” por pelinho, sistematicamente em diversos momentos, existe a possibilidade da reestruturação do item. (VIEGAS, 2001:37)

Assim, o conceito de léxico – *“conjunto de traços (tal como Bybee, 1995) que podem ser alterados pela marcação no momento da enunciação e que podem ser reestruturados.”* (VIEGAS, 2001:37) – relaciona-se ao de reestruturação, pois estaria ligado à frequência do item e a seu uso específico em determinado grupo social.

3.2 No Português Europeu

“O PE não tem sido objecto de estudos centrados na variação, ao contrário do português do Brasil (PB) e de línguas como o inglês, por exemplo”, como observa RODRIGUES em sua tese de doutoramento (2000: 9)³⁰, onde focaliza, na linha sociolinguística, fenômenos fonológicos sujeitos à variação, entre eles as vogais pretônicas, com base em dados coletados da fala real de indivíduos naturais de Lisboa e Braga.

A autora indica como hipóteses de trabalho (p.12) a existência de uma relação entre:

- i) as posições mais proeminentes da cadeia falada e os fenômenos de redução das vogais átonas, nomeadamente, o de queda;
- ii) o tipo de sílaba e a (im)possibilidade de queda das vogais átonas;
- iii) a posição ocupada na palavra por uma sílaba e as possibilidades de realização do seu núcleo, se se tratar de uma sílaba átona;
- iv) a qualidade das vogais nas sílabas átonas e a frequência de ocorrência da queda dessas vogais;
- v) a posição ocupada na estrutura pela consoante e as suas possibilidades de realização, no que toca a consoantes sujeitas à variação fonética.

Ao observar tais hipóteses, percebe-se que a maioria envolve o estudo das vogais, bem como os aspectos linguísticos selecionados abaixo, dentre os demais, que serão alvo da análise de Rodrigues, que são (p.12):

- a) vocalismo oral tónico, cuja variação vocálica se associa às médias /e ε o o/, em função do tipo de falante e de palavra;
- b) vocalismo oral átono, natureza das consoantes e estruturação silábica, com foco em: [u] e [i], em função da estrutura silábica, da qualidade do núcleo, da posição do acento na palavra, da posição da sílaba ocupada pela vogal na palavra, da existência ou não de fronteira prosódica e dos fatores extralinguísticos.

Quanto às tônicas, observa-se que, em Braga, a anterior [i] pode realizar-se mais recuada do que o normal, aproximando-se de um [i̠], principalmente em posição pré-

³⁰ Utilizou-se como fonte a tese de doutoramento, embora esta tenha sido publicada, conforme consta da bibliografia (RODRIGUES, 2003).

palatal. São citados os exemplos de palavras que demonstraram probabilidade de apresentar o fenômeno: *marinha, maravilha*; e em formas verbais, como: *estive, sentiu, partiu, fico, digo*. Tal alternância, segundo a autora, ocorre de forma semelhante com as vogais [o] e [u] na 1ª pessoa do singular do verbo *ir*. Rodrigues não se propõe a analisar esses fenômenos em relação às tônicas, atendo-se apenas aos que envolvem /e ε o o/.

Por tópicos, os casos apresentados pela autora são:

1. /ε o/ (café, avó)→ em Braga apresentam-se alongadas, o que pode causar a percepção de inserção de novo material segmental após a vogal;
2. /ε a/→ grande proximidade fonética entre as vogais;
3. /o o/→ harmonização vocálica que pode causar o fechamento de [o] desencadeado pela vogal da sílaba final em palavras do tipo “gulosos”;
4. /o e/→ Em Braga, ocorre a labialização da consoante precedente a /o/, como em pôr= [p^wo'r]. Em relação à /e/ também ocorre, [e], porém o fenômeno que envolve /e/ não será aproveitado na análise por ter revelado poucas ocorrências;
5. /e/→ em posição pré-palatal (*telha, tenha*), pode sofrer centralização, como também a inserção de semivogal à sua direita e, em Lisboa, também está sujeita a abaixamento (fato que propõe investigar em Braga);
6. /ej, ow/→ estuda a possibilidade da realização centralizada do ditongo não recuado, e, quanto a /ow/, sua possível monotongação ou realização, apenas em Braga, como [ɞw].

Portanto, observando os tópicos acima, percebe-se que a variação que ocorre com vogal tônica no PE tem pouco em comum com o sistema tônico do PB. Em relação às vogais átonas, observa os segmentos /ε/, /e/, /i/, /o/, /o/, além dos ditongo [eⁱ] e [o^w], mostrando que o PE se configura como bastante vulnerável em posições fracas, investigando basicamente os processos de **elevação, centralização, desvozeamento e queda** de certas vogais.

O apagamento é visto também do ponto de vista da constituição silábica, pois um fato que foge aos padrões de algumas correntes teóricas é o de que “*muitas palavras*

ficam reduzidas, em termos vocálicos, no nível fonético, apenas à vogal acentuada, ainda que no nível fonológico contenham diversas vogais.” (RODRIGUES, 2000:18), o que, via de regra, acaba por desrespeitar princípios universais relacionados à silabificação.

As cidades foram escolhidas, dentre outras causas, por fazerem parte de regiões dialetais diferentes: Braga pertence ao dialeto setentrional, incluída na subdivisão “dialectos do BaixoMinho, do Douro e da Beira Alta” e Lisboa pertence à região centro-meridional, frisando a autora que se interessou pela parte mais urbana, explorando a variedade que abrange o uso da língua “*pelas classes mais cultas das áreas compreendidas entre Lisboa e Coimbra, aproximando-se de alguma forma da noção de variedade de prestígio*” (RODRIGUES 2000: 22). Ou seja, Lisboa e Braga são classificadas no trabalho de Rodrigues como sendo regiões que se destacam pelo uso da variedade de prestígio no PE. A autora observa alguns fatores extralinguísticos que podem ter levado ao referido prestígio, como Lisboa ser o centro do poder (capital), centro de difusão dos meios de comunicação social e por ambas as cidades terem possuído as melhores universidades por um longo período de tempo.

Observa também que há certas variantes dessas regiões que não são exatamente de prestígio, como a pronúncia de /e/ como [a, ø] em t[a]lha e cab[ø][ø]ir[ø]iro, como também o apagamento das átonas e a alternância [β, b]; nas palavras da autora: “*entre dizer [β] ou [b] em a bola qual é a variante mais prestigiada? É mais prestigiado pronunciar todas as vogais átonas ou fazer cair algumas?*” (Rodrigues, 2000: 23). Logo, o apagamento é colocado como algo que provavelmente não se enquadra como pronúncia de prestígio das vogais átonas no PE, e a fala de Lisboa caracteriza-se por possuir grande redução das átonas, inclusive do apagamento. Já Braga, uma cidade antiga e expoente de uma região dialetal que abriga tradições antigas da língua, revela-se como região mais conservadora, não assumindo por completo alguns traços da fala lisboeta, principalmente as inovações, como o alto índice de apagamento de vogais átonas.

Os dados foram recolhidos entre 1996 e 1997 nas cidades de Braga e Lisboa, sendo conhecido como “*Corpus de Português Europeu - Variação*”, com as seguintes características:

“uma única entrevista por informante (...) entre os cidadãos comuns nativos de qualquer ponto da cidade de ambos os sexos, cobrindo várias profissões, várias idades, vários graus de riqueza e instrução, na condição de terem vivido grande parte das suas vidas na cidade de origem. Os informantes alfabetizados foram sujeitos a testes de leitura variados. E a parte de discurso informal não obedeceu a nenhum questionário previamente elaborado.” (RODRIGUES, 2000: 40)

Foi realizado um total de 180 entrevistas (78 em Lisboa e 102 em Braga), com indivíduos distribuídos por 5 faixas etárias (de 13-19 anos, de 20-25, de 26-39, de 40-55 e com mais de 55 anos) e 4 graus de escolaridade (sem instrução, antigo ciclo preparatório/9º ano, 12º ano e nível universitário).

Após a visão geral do trabalho de Rodrigues (2000), para o estudo que aqui se apresenta, serão focalizadas apenas as informações relacionadas direta ou indiretamente às vogais pretônicas, descartando-se os resultados sobre as tônicas, as átonas finais e as consoantes.

A autora (p. 81) destaca o comportamento das vogais não-acentuadas que não são altas, /ɛ/, /e/, /a/, /ɔ/, /o/, previsto pelas regras do SPE³¹:

- “i) as não-recuadas elevam-se e centralizam, neutralizando-se em [i],*
- ii) as arredondadas elevam-se, neutralizando-se na forma [u]*
- iii) e a central eleva-se, mas sem se tornar alta, [ɐ].”*

Tal esquema serviria ao português padrão, sem contar com as vogais nasais e exceções³² à sua aplicação, como as palavras derivadas, itens que possuem contextos fonéticos ou origens etimológicas específicas, como: “*somente, sozinha, bolinha, caixote, lourinha, exceção, beldade, invasão, elefante, etc.*” (RODRIGUES 2000: 81).

³¹ Sound Pattern of English (SPE)

³² Rodrigues observa que alguns casos de exceção são discutíveis em relação ao que é tradicionalmente previsto.

A- Pretônica <o> em Lisboa³³

a) Contexto inicial de vocábulo

Em posição pretônica inicial, são investigadas palavras do tipo: *olhar, orientação, outubro, oxigênio, houvesse, hospital, horror*, ou seja, palavras de grafia <(h)o> e <(h)ou> iniciais (RODRIGUES, 2000: 137). Portanto, a autora observa, além da elevação das vogais, fenômenos de monotongação e abertura da vogal posterior <o>.

Predominam em Lisboa as realizações [o, ɔ, u]. Dos 29 casos que poderiam ocorrer como ditongos, 24 realizaram-se como [o] e 5 como [ɔ], conforme sintetizado na tabela abaixo, que tem base em discurso informal (DI):

Realizações de <(h)o> e <(h)ou> em Rodrigues (2000)			
	[o]	[ɔ]	[u]
Ocorrências	79/162	81/162	2/162
%	48%	50%	2%

Tabela 12: Resultados gerais de vogal pretônica inicial em Lisboa com base no quadro 25 de Rodrigues (2000: 138)

Rodrigues interpreta a abertura vocálica como uma inovação, observa a pouquíssima incidência de alteamento/elevação da vogal em posição inicial e também a inexistência de apagamento em tal posição. Quanto à monotongação em posição átona inicial, constata incidência menor do fenômeno em Braga (região que revela mais traços arcaizantes que Lisboa) de onde se conclui ser um fenômeno inovador no sistema de PE.

(b) Contexto não-inicial

A pretônica <o> conta com 1570 ocorrências, representadas por palavras do tipo: *poder, postal, apostar, pormenor, poltrona, fotografia, microfilme, sozinha, propriamente*.

³³ Como esta pesquisa compara a fala do Rio de Janeiro com a de Lisboa, destacar-se-ão de Rodrigues (2000) apenas os dados referentes a Lisboa e também os de discurso informal (DI).

Realizações de <o> em sílaba pretônica não-inicial															
[u]		[ø]		[ɔ]		[ɥ]		[w]		[i]		[o] (/oj/)		[o]	
Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%
1007	64	235	14,9	129	8,2	55	3,5	63	4	25	1,5	14	0,8	42	2,6

Tabela13: Índices de realizações de <o> pretônico não-inicial com base no quadro 29 de Rodrigues (2000: 142)

Com base na tabela acima, destacam-se as principais informações:

_ [ø], na sílaba pretônica não inicial, ocorre mais que em posição inicial e bem menos do que em posição átona final. Observa-se que a queda da pretônica ocorre preferencialmente em sílaba logo à esquerda da tônica e com ataque preenchido, sendo que ataque não preenchido a inibe.

O cancelamento é também mais produtivo em sílabas abertas, do tipo CV (19,6%) e de ataque simples, do que em sílabas de ataque complexo e/ou com *coda*;

_ [ɔ] relaciona-se a prefixo acentuado, sílaba com *coda* sonante ou palavra composta (sufixos como -mente, -inho, etc.);

_ [o] remete a ocorrências de /oU/, núcleos em sílabas com *coda* sonante ou ocorrência em prefixos;

_ [i] corresponde a contextos variados;

_ [w] refere-se a encontros com vogal à direita (*entoação, lisboeta, coincidiu*, exemplos da autora);

_ [ɥ] ocorre mais em sílabas iniciais com ataque não vozeado;

_ [u] remete ao alçamento previsto em posição pretônica.

Rodrigues (2000: 146) conclui “*que a estrutura da sílaba interfere na frequência da queda das vogais /o/ e /ɔ/*”, observando em seguida os percentuais de queda apenas em sílabas de ataque simples seguidas de consoante heterossilábica, gerando 798 ocorrências para a fala de Lisboa. Com base nisso, observa, entre outros tópicos, que a faixa etária 1 é a que mais apresenta queda: 36,9% em média, sendo que, nesta faixa, o nível de instrução interfere: faixa 1 com nível 1 de instrução – 41,5% de queda x faixa 1 com nível 2 de instrução - 32,3%. A faixa 5 foi a que menos apresentou queda, com índice de 21%.

Observando-se nível de instrução, tem-se nos extremos (níveis 1 e 3) a média de 30%, sendo que o nível 2 atinge valor mais baixo: 18,1%. Gênero atua no sentido de

que os homens revelam índices de apagamento que vão até 45% (nível 2 de instrução e mais jovens) e as mulheres e os mais velhos com índices mais baixos (22,4% e 21%, respectivamente).

B- Pretônica <e> em Lisboa

a) Contexto inicial de vocábulo

Englobam-se no estudo palavras como: *elefante, ermida, errar, Elvira, Eanes, europeu, escola* e *experiência* (exemplos da autora). Rodrigues (2000: 174) discrimina cinco tipos de estrutura silábica em que a pretônica pode ocorrer³⁴:

- i) Ataque vazio (elástico);
- ii) Núcleo vazio com *coda* fricativa na 1ª sílaba (*escola*);
- iii) *Coda* fricativa na primeira sílaba com /e/ representado fonologicamente (*expor*);
- iv) Outros tipos de *coda*, diferentes dos acima discriminados (*ermida, Herculano, errar, Elvira*);
- v) Com duas vogais seguidas, sendo uma delas semivocalizada (*Eanes, europeu*, sendo que, no primeiro exemplo, a semivocalização de <e> seria opcional).

A autora distribuiu os dados de acordo com os tipos de estrutura silábica apontados acima, o que pode ser observado a seguir:

³⁴ Baseando-se em Mateus & d'Andrade (2000).

Quadro 51 - LIS BOA <#(h)e> em DI													
	[i]		[e]		[ɛ]		ø		[i] ¹¹⁴				
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Total
Rima não-ramificada	195	92.4	12	5.6	2	0.9	2 ¹¹⁵	0.9	0	0	0	0	211
Coda /S/ - <i>escola</i> ¹¹⁶	0	0	0	0	0	0	803 ¹¹⁷	93.9	11 ¹¹⁸	1.1	41 ¹¹⁹	4.7	855
Coda /S/ - <i>expor</i>	0	0	2	4.1	0	0	43 ¹²⁰	89.5	1	2.0	2	4.1	48
Coda /r,l/	1	25	2	50	1	25	0	0	0	0	0	0	4
Outros ¹²¹	1	50	1	50	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Total	197	17.5	17	1.5	3	0.2	848	75.7	12	1.0	43	3.8	1120

Figura 3: Índices de realizações de <e> em sílaba pretônica inicial com base no quadro 51 de Rodrigues (2000: 176)

Destaques do quadro 51 de Rodrigues:

- _ [i] é típico de palavra de rima inicial não ramificada, ataque vazio;
- _ [ø] realiza-se mormente em sílaba inicial e *coda* fricativa, sem vogal fonológica. Poucos casos de [i] nesta posição;

_ [ø] também é a maioria das realizações em sílaba inicial e *coda* fricativa, com vogal /e/. Neste caso, também há poucos casos de [e] e de [i];

_ [i, e, ɛ] ocorrem nos casos em que a sílaba inicial possui *coda* sonante, comportamento análogo ao de ataque vazio. Não ocorrem [i, ø].

Quanto aos fatores extralinguísticos, a autora conclui, em relação à fala de Lisboa, que para <e> inicial “as diferenças existentes nas percentagens de ocorrência das variantes se devem mais ao tipo de estrutura envolvido do que ao tipo de informante, já que todas as células apresentam comportamento muito uniforme.” (RODRIGUES, 2000: 179).

b) Contexto não-inicial

Palavras como *pessoa, célebre, emblemático* (exemplos da autora) representam as 2664 ocorrências de <e> medial (incluindo-se as pretônicas e as postônicas). Sua

análise foi feita também com base na estrutura silábica, conforme mostra a figura abaixo:

Quadro 55 - LISBOA - <e> átono medial, em DI - sílaba											
Contexto	[i]		∅		[i]		[ɐ]		[ɛ]		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
\$C-\$C	836	47.8	896	51.2	4	0.2	11	0.6	1	0.0	1748
\$CC-\$C	163	94.7	8	4.6	0	0	1	0.5	0	0	172
\$C-C\$(C) ¹³⁶	488	66.3	237	32.2	0	0	1	0.1	10	1.3	736
\$CC-C\$(C) ¹³⁷	7	87.5	1	12.5	0	0	0	0	0	0	8
Total	1494	56.0	1142	42.8	4	0.1	13	0.4	11	0.4	2664

Figura 4: Índices de realizações de <e> em sílaba medial com base no quadro 55 de Rodrigues (2000: 185)³⁵

Percebe-se na figura acima a existência bastante restrita das vogais [i, ɐ, ɛ]. Sílabas de ataque complexo (*emblemático, emprestar*) favorecem a realização de [i]. Sílabas do tipo CV, sem *coda* e de ataque simples (*pessoa*) favorecem a queda da vogal, [ɐ]. No todo, as ocorrências de [i] predominam (56%), mas há contextos em que essa frequência é mais baixa e outros em que é mais alta, conforme visto acima.

Com relação à queda, portanto, o caso é similar ao que ocorre com as vogais átonas arredondadas: incide mais nas sílabas abertas de ataque simples seguidas de consoantes.

Do ponto de vista social, os informantes da faixa etária 5 são os que mais pronunciam a vogal [i] no contexto mais propício à sua queda (sílabas abertas de ataque simples) e a não realização da vogal ocorre com mais frequência entre os homens e os falantes mais jovens. A variável *nível de instrução* não mostrou atuação de destaque para os casos de <e> medial átono.

Com base nos casos de <e> medial, Rodrigues seleciona 13 tipos de sílaba para averiguar quais delas são as mais sensíveis e as menos sensíveis à não realização de [i], ou seja, o quadro confronta casos de realização de [i] com casos de queda, resultando em [ɐ].

³⁵ \$C-\$C (pessoas), \$CC-\$C (emblemático), \$C-C\$(C) (investigar), \$CC-C\$(C) (emprestar)

Dessa etapa de análise, as principais conclusões da autora são:

_ a queda de [i] revela índices mais baixos (inferiores a 35%) nos exemplos 5 (*levaremos*) e 7 (*representativo*), sílabas à esquerda da tônica e em posição par, as quais seriam mais proeminentes que as ímpares, segundo Laks. Com base nisso, levanta a hipótese de menor índice de queda em sílabas iniciais, posições mais proeminentes;

_ Quanto às pretônicas não iniciais (como por exemplo: *parecer, apareceria, complementarmente, complementaridade, representatividade*), a autora percebeu certa assistemática – valores baixos de queda à esquerda em posição ímpar e valores altos em posição par à esquerda – quanto aos ecos rítmicos binários (par/ímpar) do acento principal.

Ao explicar esses últimos resultados desviantes, a autora observou que o que predominou nesses casos foi o tipo de sílaba. Sendo assim, concluiu que entre as duas variáveis apresentadas no decorrer do estudo: “*posição da sílaba e tipo de sílaba, o tipo de sílaba é, assim, o factor que mais condiciona o aparecimento ou não de [i].*” (RODRIGUES, 2000: 192).

Rodrigues, ao final da análise dos dados relativos às vogais átonas <e> e <o>, faz uma ressalva em relação ao estudo de Miguel (1993)³⁶, o qual postula a teoria do núcleo vazio. Segundo Rodrigues (2000), sílabas contíguas com /e/s são o contexto de maior realização de [i].

Portanto, os baixos índices de queda de [i] em tal contexto, apenas 33,3%, comprovam que a teoria de Miguel (1993) não se aplica aos dados de Lisboa. Em seguida à análise dos dados, aqui observada, a autora produz um capítulo em que analisa os principais resultados à luz da teoria autosssegmental, seguindo, após essa etapa, para as considerações finais.

Além da pesquisa de Rodrigues, acima exposta, comentam-se, na versão definitiva da tese, estudos de Delgado-Martins (1996), Delgado-Martins, Harmegnies & Poch (1996), Mateus (2002) e Andrade (1996).

Delgado-Martins (1996) tece considerações sobre o sistema vocálico do português, afirmando que, embora seja uma língua que possui significativo número de vogais, em comparação com outras, tal número depende do nível de análise

³⁶ MIGUEL, M. A. C. Miguel (1993) *Os padrões das alternâncias vocálicas e da vogal zero na fonologia do português*. Tese de Doutorado, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.

empreendido, se fonética ou fonológica. Observa a redução vocálica e a queda das vogais átonas no PE, ponderando sobre uma provável evolução que poderia resultar em um processo de reestruturação silábica.

Comenta o estudo de Leite de Vasconcelos, 1901³⁷, no qual o autor (sem distinguir descrição fonética e fonológica) encontra dezenove vogais orais e dezesseis nasais, levando em conta as diferentes províncias de Portugal. Já Morais Barbosa, 1994³⁸, encontra nove vogais orais e cinco nasais, tanto para o nível fonético quanto para o nível fonológico, com base na fonética articulatória. Ambos os autores não conferem atenção especial à redução ou ao cancelamento de vogais.

Na linha teórica da Gramática Gerativa, a autora cita dois trabalhos que também exploram as vogais do português: Andrade Pardal, 1974³⁹, e Mateus, 1974⁴⁰. O primeiro situa a fonologia no quadro dos processos morfológicos e não trata da redução nem da elisão, o segundo, aborda tais fenômenos, porém não os contempla na matriz fonológica por considerarem-nos elementos oriundos de derivação (regras de acentuação, elevação e centralização das átonas).

Dando prosseguimento ao estudo, observa resultados de pesquisa realizada em laboratório, em 1975⁴¹, com falantes “naifs”, com base na pronúncia de frases curtas. Verificou a queda de 11% das vogais existentes em nível teórico, relativas aos segmentos [i, ɐ, u, i]⁴², sendo que os dois últimos foram os que apresentaram mais queda.

A queda das vogais referida na pesquisa de 1975 provoca encontros consonânticos não admitidos na língua portuguesa, pois forma sequências que constituem ataque de sílaba não posicionado entre a *coda* da sílaba anterior e o ataque seguinte, ferindo o princípio da sonoridade, conforme está em Mateus (1993). Deste trabalho, cita exemplos em que três ou quatro consoantes se encontram nas palavras: [dɲ]ikar (depenicar), [dvd]or (devedor) e [dʃpg]ar.

³⁷ VASCONCELOS, J. L. (1901/1987) *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. 3ª ed., Lisboa: INIC.

³⁸ BARBOSA, J. M. (1994) *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português*. Coimbra: Almedina.

³⁹ ANDRADE PARDAL, Ernesto d'. (1974) *Aspects de la Phonologie Générative du Portugais*, Univ. Paris VIII, Paris.

⁴⁰ MATEUS, M. H. (1974) *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisboa: INIC.

⁴¹ DELGADO-MARTINS, M. R. (1975) Vogais e consoantes do português: estatística de ocorrência, duração e intensidade. *Boletim de Filologia*, Tomo XXIV, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

⁴² A autora usou os símbolos [ɐ, ɔ] para [ɐ, i], respectivamente.

Com base em tais realizações, Delgado-Martins (1996) propõe dois questionamentos: a) depende o princípio de sonoridade das possibilidades articulatórias de produção de sons, ou seja, a violação de tal princípio fonológico estaria no nível fisiológico?; b) mesmo que se assuma que o princípio de sonoridade se encontra em nível fonológico, diferente do fonético, poderá a análise fonológica admitir a violação de princípios por ela mesma estipulados?

Para responder às questões propostas, baseia-se principalmente em Clements, 1990⁴³, e em Miguel, 1993, ressaltando a grande contribuição do trabalho antecessor de Chomsky & Halle (1968), que trabalha com traços distintivos e a sua organização em classes.

Miguel, 1993, trabalha com a perspectiva teórica da Regência e do Charme, que oferta duas contribuições importantes: substituição do conceito de segmento pelo conceito de elemento – formado por partículas pequenas e pronunciáveis, podendo ocorrer isoladamente ou em combinação com outro elemento – e a postulação da vogal fria (v^0).

As partículas pronunciáveis com charme são elementos fonéticos com características específicas de sonoridade, capazes de atuar para a formação das sílabas (o charme positivo relaciona-se à cavidade oral, nasal e faringal). E a vogal fria é, segundo tal perspectiva, uma matriz de traços que possui estrutura capaz de formar sílaba. Nas palavras de Miguel (1993: 81, apud: Delgado-Martins, 1996: 319): “*O valor fonético que atribuímos aos núcleos vazios e a sua natureza é a de um elemento frio, ou seja, uma matriz de traços sem qualquer valor marcado para nenhum deles (i.e. sem hot features).*” Os traços desse elemento frio são: não-arredondado (-*round*), mais recuado (+*back*), mais alto (+*high*) e não-raiz da língua avançada (-*atr*).

Calcula-se, ainda, de outro ponto de vista, a existência de elemento fonológico em contextos de apagamento. Delgado-Martins (1993) cita a diferença de duração, comprovada em outros estudos, que existe entre as consoantes oclusivas envolvidas em contextos de apagamento e as consoantes não envolvidas com o fenômeno: a oclusiva em sílaba de cancelamento da vogal (/pɒt/) geralmente dura mais do que a oclusiva em contextos de não apagamento (/pit/). Portanto, a atribuição de (v^0) à descrição

⁴³ CLEMENTS, G. N. (1990) The Role of the sonority cycle in core Syllabification, *Papers in Laboratory Phonology 1*, p. 283-333. Cambridge University Press. Cambridge.

fonológica torna possível a estruturação da sílaba segundo as regras fonológicas, ou seja, não haveria encontros consonantais na sequência /pøt/ e sim, /pv⁰t/, bem como se resolveriam os encontros consonantais exemplificados por Mateus (1993).

A contribuição de Clements, 1990, dá-se de outra forma, ao estender o traço silábico (próprio de vogais), no inglês e no francês, para as consoantes [l] e [s], em palavras como: [bot+l] e [frã+s]. Assim sendo, Delgado-Martins (1996) aventa a possibilidade de atribuir-se o traço silábico à consoante [ʃ] ou [r], em palavras como explícito [ʃ+plisitu] e flor [flo+r]⁴⁴.

Assim sendo, Delgado-Martins (1996) explicita duas hipóteses para a interpretação fonológica da redução vocálica e da elisão: manter no nível fonológico a representação das vogais que sofrem queda, (v⁰), ou redução, deixando para o nível fonético as alterações vocálicas como relacionadas a regras de re-estruturação silábica ou, com base em Clements, 1990, conferir a certas consoantes, como o [ʃ] e o [r], o traço silábico.

Após tais considerações de ordem fonológica, a autora questiona como ficaria a questão no nível perceptivo. Apoiando-se em pesquisas, como a de Mateus, 1993, e Delgado-Martins, 1982⁴⁵, conclui que a sílaba de estrutura não-marcada representa uma realidade psicológica em português, pois os falantes⁴⁶ tendem a reconstituir a estrutura da sílaba mesmo quando as vogais são elididas, conforme descrito pela autora:

“As palavras como ‘explícito’, em que não existem a nível acústico nem a primeira nem a última vogal, tiveram o seguinte resultado perceptivo por parte dos falantes nativos ‘naifs’: 100% ouviu 4 sílabas, enquanto os ouvintes linguistas portugueses ouviram 4 ou 3 e ainda os linguistas suecos (desconhecendo o português) ouviram 2 sílabas” (Delgado-Martins, 1996: 321).

Em seus comentários finais, a autora revela a tensão entre duas hipóteses opostas: existe uma reestruturação silábica em curso (envolvendo tanto o nível fonético quanto o fonológico) ou há um quadro estável quanto à aplicação do cancelamento e de

⁴⁴ Exemplos da autora.

⁴⁵ DELGADO-MARTINS, M. R. (1982) *Sept etudes sur La Perception d'Accent INIC*, Col. Linguística 10, Lisboa, 1986.

⁴⁶ Nesse caso, falantes de PE.

reduções vocálicas, perfeitamente explicável em termos fonológicos, em que o cancelamento da vogal se dá apenas no nível fonético.

Delgado-Martins, Harmegnies & Poch (1996) investigam a não-realização de vogais no PE e a sua relação com a estrutura silábica e o acento em português. Segundo os autores, as sequências de consoantes que resultam dos apagamentos das vogais estariam, a princípio, incompatíveis com as regras de formação silábica do português. Quanto ao acento, exploram a hipótese de que a posição que ele ocupa na palavra influencia na variação linguística observada. O estudo, com base na fala de dez informantes de nível universitário (cinco homens e cinco mulheres), focaliza os contextos em que vogais, de realização [i, e, ε, ɔ, ɐ, i]⁴⁷, precedem a consoante fricativa [ʃ] em posição inicial de vocábulo e o seu grau de proximidade/distância em relação à sílaba acentuada, sendo que na sílaba seguinte ocorrem as oclusivas surdas [p] ou [t], como em: *hóspede*, *hospeda* e *hospedagem/este*, *externo*, *externato*⁴⁸. Os dados são testados ainda em palavras isoladas e em contexto fixo.

Os dados distribuem-se por três tipos de ocorrências: a) realização plena da vogal, classificada como vogal + consoante (VC), b) uma tênue produção de vozeamento antes da consoante, classificada como segmento híbrido (H), c) cancelamento da vogal, representado por (C), o que seria exclusivamente consoante.

Os contextos que envolvem [ɔ, ɐ] foram descartados da análise, pois não demonstraram variação, ocorrendo quase completamente em contexto (VC)⁴⁹. Desta forma, deu-se prosseguimento à pesquisa com os casos referentes a itens lexicais do tipo “história, hispânico, externo, espaço”, que correspondem às séries C, D, E e F, respectivamente, listadas na tabela abaixo.

⁴⁷ No texto original, as vogais [ɐ, i] representam-se como [α, ɔ] respectivamente.

⁴⁸ Palavras que fazem parte do *corpus* trabalhado pelos autores.

⁴⁹ Apenas 2% das ocorrências de [ɐ] realizaram-se como segmento híbrido (H).

	Palavra isolada			Contexto fixo		
	(VC)	(H)	(C)	(VC)	(H)	(C)
Série C	35%	12,5%	52,5%	25%	2,5%	72,5%
Série D	12,5%	15%	72,5%	17,5%	2,5%	80%
Série E	46,67%	0%	53,33%	36,67%	13,33%	50%
Série F	32,5%	0%	67,5%	27,5%	7,5%	65%

Tabela 12: Distribuição das realizações em sílaba inicial, com base na tabela 2 de Delgado-Martins, Harmegnies & Poch (1996: 254)

Seguindo a estrutura proposta no artigo, resumem-se a seguir os principais resultados por contexto.

- a) Observações por sujeito e por contexto: nenhum sujeito realiza apenas o contexto (VC) ou (H) e nem apenas a combinação dos dois. Todos realizam o contexto (C), o que predomina nas realizações. A série C, de *hispânico*⁵⁰, foi a que mais mostrou variação por sujeito, conforme mostra o quadro a seguir, o que leva os autores a concluir que tal variação é fortemente influenciada pelo sujeito, sendo (C) a forma predominante.

	Palavras isoladas	Contexto fixo	
5 informantes (1, 6, 7, 8, 10)	Somente (C), [ø]	Somente (C), [ø]	
3 informantes (3, 5, 9)	Dois tipos de realização silábica, incluindo (C)	Redução: Informante 5: um tipo, somente (C)	Informante 9 mantém tipos de sílaba e 3 passa a três tipos de realização.
2 informantes (2, 4)	Três tipos de realização (VC), (H) e (C)	Redução: informante 4: dois tipos: (VC) e (C)	Redução: informante 2: um tipo, somente (C)

Quadro 12: variação por sujeito e tipo de sílaba, com base em DELGADO-MARTINS, HARMEGNIES & POCH (1996: 253)

⁵⁰ No texto original, a grafia da palavra registra-se como “espânico”.

- b) Observações com base na posição do acento: os autores observaram que a variação da estrutura da sílaba não se faz dependente da posição do acento na palavra e, conseqüentemente, o fenômeno de redução vocálica também não estaria atrelado à posição do acento;
- c) Observações por gênero: o grupo masculino mostra grande variação por tipo de sílaba, tanto em palavras isoladas quanto em contexto fixo, sendo que a fala feminina mostra maior homogeneidade e lidera as ocorrências do tipo (C), que ocorrem com mais frequência em contexto fixo.

Os autores notam que há uma variação em curso, com a seguinte direção: (VC) > (H) > (C), isto é, realização vocálica que passa a uma vocalização, um vestígio da vogal que progressivamente passa suas qualidades vocálicas à consoante fricativa, restando apenas a sílaba sem realização vocálica.

Percebem que existe variação linguística no contexto estudado, alguns sujeitos realizando os três tipos de estrutura, uns demonstrando realizações bastante conservadoras (CV) e outros, o maior grupo, demonstrando realizações exclusivamente do tipo (C), ou seja, cancelando a vogal. DELGADO-MARTINS, HARMEGNIES & POCH (1996) atentam para o fato da predominância feminina em contexto de cancelamento da vogal o que pode estar indicando mudança, pois, segundo os autores, do ponto de vista da sociolinguística laboviana, as mulheres são precursoras de mudança linguística.

Segundo MATEUS & MARTINS (2002), a supressão das átonas [i, u]⁵¹ junto de consoante, em PE, revela-se, a princípio, como um fenômeno assistemático e complexo, o que dificultaria um tratamento rigoroso e sistemático do fenômeno. Além disso, as autoras chamam a atenção para as observações gerais ou generalizantes feitas sobre o fenômeno que, muitas vezes, podem misturar e/ou ignorar contextos diferenciados. Como exemplo, tem-se o ponto de vista da percepção, o qual realça o fato de não se ouvirem as átonas citadas na fala coloquial, sem a observação de outros registros da língua. Relata-se ainda a pouca presença delas nos espectrogramas, sem observarem-se, no entanto, seu funcionamento em diferentes contextos fonológicos, com suas peculiaridades inerentes aos falantes nativos.

⁵¹ No original, a centralizada anterior representa-se como [ɔ].

Por outro lado, a supressão das átonas [i, u] dá indícios de certa sistematicidade ao se observar a tentativa de falantes estrangeiros em reproduzir o cancelamento das vogais, “*torna-se então bem evidente o carácter artificial, ‘estrangeirado’ e mesmo ridículo dessa forma de falar*” (MATEUS & MARTINS, 2002/1982: 138). Ou seja, existe um mecanismo com um mínimo de organização, que, por sua fluidez, segundo as autoras, tem escapado às tentativas de generalização empírica feitas até o momento⁵².

MATEUS & MARTINS (2002/1982) realizam um estudo tanto do ponto de vista fonológico – baseando-se no sistema de traços distintivos e nas regras gerais do vocalismo átono – quanto do ponto de vista fonético – com o apoio de testes de percepção.

Do ponto de vista fonológico, as átonas comumente são resultantes da aplicação das regras de *elevação* e de *reco*, em interação com regras de acentuação que enfraquecem a tonicidade. As autoras consideram, dentro de uma escala, as vogais de traço [+alto] como as de menor intensidade (acento 3), as de traço [-alto] com intensidade intermediária (acento 2) em relação às tônicas (acento 1).

Ocorrem as átonas em posição final ou entre consoantes. Com relação aos exemplos de pretônicas entre consoantes, as autoras ressaltam as oposições fonológicas entre [i] e [u] e entre estas vogais e [i], [ɐ] e *ausência de vogal*, conforme os grupos de palavras⁵³ abaixo:

Secar / **socar** / **sacar**

[i]

Gerar / **g**irar / **j**urar

[i]

Borrar / **b**errar / **b**arrar

[u]

Apertar / **a**portar / **a**partar

[i]

Perece / **p**arece / **p**rece

[i]

Superar / **s**upurar / **s**oprar

[i]

⁵² Neste caso, referem-se ao momento da confecção do artigo.

⁵³ No texto original, tais palavras compõem o grupo I na página 139.

Tais oposições elencadas acima estão de acordo com os traços fonéticos estabelecidos por Chomsky & Halle (1968) em relação às vogais átonas do português:

	[i]	[ɨ]	[u]	[ə]
Alto	+	+	+	-
Baixo	-	-	-	-
Recuado	-	+	+	+
Arredondado	-	-	+	-

Quadro 13: Vogais átonas do PE e seus traços distintivos, conforme Mateus & Martins (2002/1982: 142)

Os traços *alto* e *recuado* são os que mais apresentam sinais positivos e ambos estão presentes nas vogais [i, u], as quais se diferenciam apenas pelo traço *arredondado*. Com isso, observam as autoras que tais vogais “*apresentam grande proximidade no interior do sistema das vogais átonas em termos de traços distintivos e são resultantes da actuação das regras mais gerais do processo de atonicidade na língua portuguesa*” (MATEUS & MARTINS, 2002/1982: 143).

Do ponto de vista fonético, comentam-se resultados de trabalhos anteriores sobre o vocalismo átono, nos quais se verificou tendência à supressão de [ɨ, u], com índice total de 11%, incluindo-se as átonas finais. Quanto à qualidade vocálica dessas vogais, verificou-se distinção nítida entre os seus dois primeiros formantes, o que afasta a possibilidade de ambiguidade fonética: [i] – F1 416, F2 1115, F3 2190; [u] – F1 270, F2 858, F3 2190.

Para o artigo em questão, foi programado um teste de percepção constituído por palavras que formam pares mínimos entre as vogais [i] e [u] em posição final, 19 pares (rape/rapo, tome/tomo, espelhe/espelho, etc.), em posição pretônica, 15 pares (decente/docente, requestar/recostar, apertar/aportar, etc.) e em palavras que variam pelo número de sílabas e possuem grupos consonantais de oclusiva + líquida (querer/crer, tabelado/tablado, parece/prece), relacionadas à presença/ausência de [ɨ].

O teste foi aplicado a um grupo de 24 estudantes universitários em duas fases: a primeira compõe-se de transcrição ortográfica das palavras que iam ouvindo e a segunda fase constitui-se de audição, sem consulta à lista já escrita pelos estudantes, das palavras e questionamento sobre o número de sílabas de cada uma delas.

Não foram explorados no artigo os resultados relacionados às vogais pretônicas, ficando os resultados restritos aos outros dois grupos pesquisados. Em posição final, o

número de substituições quer da vogal [i] por [u], quer da situação inversa foi de 188 casos, o que equivale a 20% do *corpus*.

Ambientes fonéticos que favoreceram a troca de [u] por [i] foram as ocorrências de vogal depois das consoantes [b] (lambo/lambe, 19 casos), [ʃ] (puxo/puxe, 16 casos), [v] (escovo/escove, 10 casos) e [s] (avanço/avence, 9 casos). Para o caso inverso, trocando-se [u] por [i], têm-se os contextos após as consoantes [ɲ] (desenho/desenhe, 24 casos), [ʎ] (espelho/espelhe, 22 casos), [f] (abafo/abafe, 13 casos) e [p] (rapo/rape, 12 casos).

No espectograma⁵⁴, colocaram-se à prova as palavras lambo/lambe, o que resultou nos mesmos formantes e linha de intensidade semelhante, ou seja, não há marcas claras de diferenciação entre as vogais finais. Também se observaram as palavras puxo/puxe, nas quais sobressaiu o comportamento da consoante [ʃ]: apresenta maior duração, maior intensidade e aumento da fricativação em *puxe* do que em *puxo*, constatando-se ainda ausência de segmento vocálico final em ambas as palavras.

Com relação às palavras que variam pelo número de sílabas devido à ausência/presença de [i], 17% dos casos foram substituídos pela palavra oposta. *Blesa/beleza* totalmente ouvidos como *beleza*; *prece/perece* teve apenas 5 casos de confusão (*prece* por *perece* duas vezes e o contrário, três vezes), *crer* é ouvida 22 vezes como *querer*, enquanto *querer* sempre se ouve como tal; *Aspro* é 18 vezes ouvida como áspero e apenas duas como *aspro*; *trás* sempre é reconhecido como tal e *terás* revelou-se 50% como *trás* e 50% como *terás*.

Percebe-se, assim, a preferência pelas formas com mais sílabas *querer*, *beleza* e *áspero*, e pela forma com menos sílaba, *trás*. As formas *prece* e *perece* obtiveram os menores índices de confusão perceptiva. Sobre essas palavras, os espectogramas produziram três tipos de resultado: a) inexistência de diferenciação acústica para formas que produziram confusão perceptiva (ex: *crer/querer*); b) existência de diferenciação acústica permitindo maior distinção perceptiva (ex: *prece/perece*); c) distinção acústica verificável não na vogal mas em segmento da coarticulação, como em [ʃ] nas palavras *puxo/puxe*.

⁵⁴ Espectógrafo Kay-Electric 6061-B, banda larga, 300 Hz.

Nas considerações finais das autoras, foi verificado que a confusão perceptiva entre as átonas [i] e [u] não é sistemática, levando-se em conta a posição da vogal (medial ou final) ou o contexto fonético adjacente (consoantes antecedentes ou precedentes). Observou-se também a proximidade fonética entre as vogais citadas, caso contrário, não haveria confusão perceptiva entre elas.

Sobre as confusões perceptivas ocorridas e as preferências ou recusas por determinadas formas, as autoras observam que suas causas não dependem apenas de critérios acústicos, mas também de critérios implícitos de conhecimento da língua, tais como: a frequência de uso de formas verbais – 3ª pessoa (*lambe*) em detrimento da 1ª (*lambo*); o conhecimento de algumas formas lexicais (*beleza*) e o desconhecimento de outras (*blesa*); a ambiguidade fonética dos estímulos sem um contexto discursivo esclarecedor; a consciência da estrutura fonológica, reforçada pelo conhecimento da ortografia, o que pode influenciar na reconstrução de vogais; dentre outras observações.

Andrade (1996) observa que o “e mudo”, nome conferido a [ɨ] que reflete a influência da grafia das átonas, é a vogal mais instável e a mais sujeita a não possuir manifestação fonética própria – fato que determinou sua classificação como um *schwa*⁵⁵.

Além dessa característica, destaca alguns de seus aspectos distribucionais, como: ocorrer em sílabas não-acentuadas (também em monossílabos); não ocorrer em posição inicial absoluta de palavra (exceto estilisticamente, diante de [ʃ]); ser usado como vogal de apoio e como vogal epentética.

A autora focaliza, no trabalho em questão, a alternância entre a sua realização fonética e a sua ausência ([i] x [ø]) na posição pretônica, observando seu comportamento também com base na fonética acústica.

A teorização e formalização dos contextos de ‘e mudo’ deparam-se, segundo Andrade (1996), com o problema empírico, ainda não resolvido, da determinação sistemática de seus contextos de atuação (ocorrência obrigatória, contextos favorecedores da presença e da ausência da vogal). Para contribuir com tal questão, os testes foram feitos com base nas hipóteses explícitas nos trabalhos de Gonçalves Viana

⁵⁵ A autora traduz a palavra de origem hebraica como ‘chevá’.

(1883, 1892, 1903)⁵⁶ e Strevens (1954)⁵⁷ – sobre a influência do contexto consonântico adjacente – e na proposta de Miguel (1989), inspirada em Kaye, Lowenstamm e Vergnaud (1985)⁵⁸, a qual propõe “*que a alternância ‘e mudo’/zero é determinada por uma relação de regência (domínio) entre núcleos adjacentes. A proposta destes autores insere-se no quadro teórico não derivacional da Fonologia de Regência desenvolvido por Kaye, Lowenstamm e Vergnaud*” (ANDRADE, 1996: 305).

O ‘e mudo’ tem descrição de base articulatória desde 1867, sendo tratado como vogal fechada central. Tal definição articulatória corresponde à classificação [+alto] e [+recuado] na linha de Chomsky & Halle (1968). Segundo a autora, Sá Nogueira (1941)⁵⁹ chama a atenção para a sua relação com o [ɐ], descrevendo-o como um [ɐ] fechado, e Strevens (1954), diferentemente dos outros autores, acrescenta ao ‘e mudo’ a característica de constrição faríngea. Gonçalves Viana (1883) confere à vogal um caráter ‘abafado’ e não tenso, comparando-a aos *schwas* do francês, também um caráter ‘grave’, contrastando-a com a vogal alta, não anterior, não arredondada do Galês.

Sobre as transcrições do ‘e mudo’, Andrade (1996) observa que o símbolo [ɐ] tem sido utilizado de duas formas: para um nível mais abstrato (representando o comportamento do tipo *schwa*) e para um nível mais concreto, referindo-se à vogal não-alta, não-baixa e recuada. A autora opta pelo símbolo [i] que, segundo ela, é geralmente aceito para representar vogais altas recuadas⁶⁰.

⁵⁶ GONÇALVES VIANA, A. (1883) Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d’après Le dialecte actuel de Lisbonne, *Romania*, 12, pp. 29-98; reed. em *Boletim de Filologia*, 7, 2, 1941, pp. 161-243; reed. em A. R. Gonçalves Viana, *Estudos de fonética portuguesa*, Imprensa Nacional, Casa da moeda, Lisboa, 1973, pp. 83-152.

_____. (1892) Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros, Lisboa, reed. em A. R. Gonçalves Viana, *Estudos de fonética portuguesa*, Imprensa Nacional, Casa da moeda, Lisboa, 1973, pp. 153-257.

_____. (1903) *Portugais. Phonétique et phonologie. Morphologie. Textes*, Skizzen lebender Sprachen, Treubner, Leipzig.

⁵⁷ STREVEN, P. (1954) *Some observations on the phonetics and pronunciation of modern Portuguese*. Rev. Lab. de Fonética da Univ. de Coimbra, 2, p. 5-29.

⁵⁸ MIGUEL, M. A. C. (1989) Alternância da vogal fria com a vogal zero em núcleos práticos, *Actas do V Encontro da APL*, Lisboa, set. de 1989, Lisboa, 1990, pp. 119-125.

KAYE, LOWENSTAMM e VERGNAUD (1985) The internal structure of phonological elements. A theory of charm and government, Ewen and Anderson (eds.) *Phonology Year Book*, 2, Cambridge University Press, pp. 305-328.

⁵⁹ SÁ NOGUEIRA, R. de (1941) *Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos do português*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

⁶⁰ Observa, com base em trabalhos anteriores, que em algumas caracterizações fonéticas levantam algumas dificuldades.

Analisa-se trabalhos acústicos em que se observam os valores médios de F1 e de F2 das vogais [i, i̇, u, e, ø, o], sendo que Andrade (1989, 1992) aborda vogais produzidas isoladamente e Delgado Martins (1977) observa-as em frases, em posição pretônica e pré-pretônica⁶¹. As médias globais de F2 de [i, i̇] de ambos os trabalhos, coincidem, segundo Andrade (1996), conforme se observa no quadro abaixo:

Andrade (1989)				Delgado Martins (1977)			
[i]		[i̇]		[i]		[i̇]	
F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2
232	2161	285	1559	271	1819	354	1547

Quadro 14: Valores médios de F1 e F2 relatados em Andrade (1989) e Delgado Martins (1977), in: Andrade (1996: 311)

A autora observou que F2 de [i̇] apresentou médias diferenciadas para as posições pretônica e pré-pretônica (com diferença de 500Hz, de valor mais baixo em sílaba pretônica), o que pode estar sugerindo um maior recuo em posição mais próxima à sílaba tônica, fato que convida a estudos futuros com maior controle e número de contextos fonéticos/fonológicos.

Com o estudo acústico, pôde-se observar, dentre outros aspectos, que a) os valores de F1 e F2 distinguem as vogais [i, i̇], sendo que a variação de F2 em sílabas pretônicas/pré-pretônicas sugere o maior recuo para as pretônicas (índices mais altos); b) a maior diferença entre as médias de F1 de [i̇] dos dois estudos deve-se ao fato de este formante ser sensível às variações do trato vocal e a diferentes contextos segmentais (Delgado Martins apresenta maior gama de variação de contextos fonéticos), sendo que F1 de [i̇] atinge valores máximos da ordem de 400Hz; c) o elevado espectro de F1 de [i̇] (podendo atingir 400Hz) atinge a zona de dispersão de [ø], o que sugere possibilidade de confusão/neutralização desses sons em determinados contextos, fato que merece atenção de estudos da área; d) as médias de [i̇] indicam também que os valores mais baixos de F1 são relativos a um maior índice de constrição, estando os índices mais altos mais próximos à redução vocálica (que apresenta menor constrição).

⁶¹ Delgado Martins trabalhou com quatro informantes do gênero masculino e Andrade com dois informantes do gênero masculino e dois do gênero feminino. As observações comparativas sempre são feitas com base na fala masculina.

Quanto aos testes de percepção, os estudos de Andrade (1988, 1989) e Delgado Martins (1977), com alguns de seus resultados comentados acima, baseiam-se em tarefas de identificação de estímulos sintéticos por ouvintes portugueses⁶², focalizando a localização de fronteiras perceptivas entre vogais altas recuadas e não-recuadas, sendo que o terceiro, de 1977, investiga também fronteiras entre vogais altas e não-altas.

Com base nos testes de percepção⁶³, observam-se tendências a algumas delimitações fonético-acústicas para as vogais altas e não-altas, como o fato de não se detectarem como [i] estímulos de F2 superiores a 1617Hz (se F3 for da ordem de 2500Hz ou menos) e F1 de [i] ter suposto a proeminência espectral de F1 acima de 1900-2000Hz, enquanto para [i], F1 ficou em torno de 1800Hz⁶⁴.

Para diferenciar as vogais altas das não-altas, notou-se que não há exatamente uma fronteira única entre elas, sendo as diferenças definidas de modo relativo, de acordo com as diferentes relações entre F1, F2 e entre outros formantes.

Continuando a caracterização de ‘e mudo’ por meio de dados acústicos, relata-se a impressão acústica de “timbre obscuro”, que se explica nos tópicos: “(a) (...) *variabilidade de Fn das realizações vozeadas (...)*, (b) *a frequente atenuação das amplitudes dos formantes (sobretudo superiores a F1)*, (c) *a instabilidade do vozeamento (...)* e, enfim, (d) *a brevidade típica da vogal*⁶⁵” (ANDRADE, 1984: 317), salientando-se que quanto menor a duração de segmentos vocálicos, maior a probabilidade de confusão perceptiva. Andrade observa ainda que o “e mudo” pode ser associado a um contínuo, o qual tem, num extremo, manifestações vozeadas, [i], e, no outro extremo, ausência de vozeamento, [ø].

Ao observar-se a ausência de vozeamento em relação às átonas [i, i, u, ø]⁶⁶, percebeu-se que ocorre com mais frequência com ‘e mudo’ (a média das pesquisas é de 75%), e, logo após, é mais frequente o não-vozeamento de [u] (com a média de 45%).

⁶² Vinte ouvintes universitários de Lisboa, entre 18 e 48 anos.

⁶³ Os estímulos vocálicos pertencem à voz masculina.

⁶⁴ A autora observa que tais frequências são relativas, pois variam com o contexto e condições de produção.

⁶⁵ Citam-se durações, aferidas em pesquisas, que vão de 30ms a 60 ms, englobando vogais pretônicas, pré-pretônicas e finais.

⁶⁶ Para tal, baseou-se em:

COMPANY MALDONADO, M. (1954). Notes sur les voyeles atones portugaises après consonnes sourdes. *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*. Univ. de Coimbra, 2, PP. 105-127.

ANDRADE, A. (1982). Reduction of unstressed vowels in Portuguese, comunicação apresentada em Seminários do Dept. de Linguística e Fonética da Univ. de Leeds, dezembro de 1982.

Como as vogais mostraram desempenho variável de acordo com o tipo de discurso, a autora apresenta a hipótese já vista, segundo ela, por outros autores, de que a ausência de vozeamento varia com o tipo de discurso (nos dados de Companys Maldonado, 1954, [i] realiza-se como [ø] em palavras isoladas – 73% – e inserido em texto – 89%; o mesmo ocorrendo com [u], que tem 30% dos casos em palavras isoladas e 65% inseridos em texto).

Andrade (1984) propõe um estudo experimental com base em gravações de 4 informantes (jovens universitários da região de Lisboa, dois homens e duas mulheres), permeando a execução de 160 frases⁶⁷, envolvendo os seguintes contextos de oclusiva: /p-tá/, /p-dá/, /p-ní/, /b-tá/, /b-dá/, /p-t-sá/, /b-t-rá/, /b-d-lá/, /b-s-dá/, /p-rtørá/.

O *continuum* sonoro captado pela autora subdividiu-se em 5 categorias:

_ 0 → ausência de manifestação acústica da vogal, ausência de modificações das propriedades associadas à consoante;

_ 1 → manifestação de atividade laríngea muito fraca,

_ 2 → intervalo de ruído longo,

_ 3 → realização vozeada com F2 relativamente atenuado e duração de 20ms,

_ 4 → realização vozeada com F1 e F2 proeminentes e duração de 20ms-40ms.

Os resultados obtidos com os testes coadunam-se, de maneira geral, com as hipóteses de Gonçalves Viana citadas pela autora. Com relação às pretônicas, segundo Gonçalves Viana⁶⁸, o ‘e mudo’ é geralmente nulo se fica:

- a) Entre duas consoantes surdas ou entre duas sonoras;
- b) Entre f, v ou consoante explosiva e r, exceto no futuro do presente e do pretérito dos verbos;
- c) Antes de r ou entre r e s. Neste caso, pode ocorrer confusão entre os pares crer/querer, parecer/parser. Também entre o prefixo pre- e o prefixo per-, em palavras como perdição/predição, pertinho/pretinho.

Andrade (1984) detecta 100% de queda do ‘e mudo’ na expressão “levava *petardos*” e no vocábulo “*cabedal*”, ou seja, o não-vozeamento não ocorre apenas entre duas surdas ou entre duas sonoras, conforme hipótese de Gonçalves Viana citada acima. Como a mesma falante demonstrou alta presença de vozeamento para as palavras

⁶⁷ Cada falante escolheu determinado número de frases para pronunciar.

⁶⁸ Gonçalves Viana (1892), *Opus Cit.*

'pedaços, elevadas', a autora lança a seguinte hipótese: "a ocorrência de vozeamento não é determinada pelas características de vozeamento do contexto adjacente." (ANDRADE, 1984: 330). Sendo assim, o vozeamento seria determinado por outros fatores. No entanto, ao observar o baixo índice de vozeamento para "um petardo" (58% no nível zero e 42% no nível 1), ressalta a contribuição do contexto não-vozeado para a manutenção de valores baixos de vozeamento. Da mesma forma, o contexto vozeado pode estar contribuindo para maiores índices de vozeamento da vogal, pois a palavra *bedelhava* resultou em ocorrências de 'e mudo' superior a 0 em todos os falantes.

Segundo a autora, atuam em conjunto ao contexto adjacente de duas sonoras (resultados de *cabedal* e *bedelhava*) a posição do 'e mudo' (neste caso, a posição inicial é vista como a mais influente) relativamente ao acento de palavra e outros fatores a serem determinados.

A *relação de domínio entre constituintes silábicos* é uma das primeiras tentativas de explicação fonológica do 'e mudo' pretônico, a qual faz parte do quadro teórico apresentado por Kaye, Lowenstamm e Vergnaud, quadro este adotado por Miguel para o estudo de vogais átonas em português. Tal teoria, que obedece ao princípio universal de regência própria, admite o *núcleo vazio* como representação do 'e mudo' na estrutura subjacente. A ausência de interpretação fonética de um núcleo vazio (nesse caso, ausência de 'e mudo') ocorre quando se verificam as condições de atuação do princípio da regência própria e, ainda, a posição de um *núcleo vazio* é ocupada por um elemento vocálico denominado voga fria (V⁰).

A autora explicita dois contextos que Miguel considera como de ocorrência obrigatória de manifestação fonética do 'e mudo':

- (i) o 'e mudo' pré-pré-tônico em palavras que contêm sequências de dois 'ee mudos' à esquerda da tônica, como 'apetecer', 'telefone', e 'pelejar' ([ɐpɨtsér, tɨlfón, pɨlzár]) e
- (ii) o 'e mudo', também à esquerda da tônica, de palavras como 'vertical', 'ternura' e 'internacional' ([vɨrticál, tɨrnúɾə, itɨrnɨsjunál]). (ANDRADE, 1996: 336)

Confrontando o princípio da *regência própria* aos dados de sua pesquisa, observa em relação ao item (i) que dos quatro exemplos que possuem sílabas pré-pré-tônicas (V2) e pré-tônicas (V1), apenas um se enquadra na teoria apresentada por

Miguel – *bedelhava* – o qual gera um número de realizações fonéticas de V2 significativo. No tocante ao item (ii), o pressuposto teórico não foi confirmado para o item lexical *apertará*, ou seja, associado a uma sequência de consoantes, tem-se 0% de ocorrências de ‘e mudo’.

Resumindo as principais conclusões de Andrade (1996), tem-se em relação ao contexto adjacente ao ‘e mudo’ que: em posição pretônica demonstra pouca ou nenhuma influência para a alternância manifestação fonética x [ø]⁶⁹, e em posição pré-pretônica sugere que a presença de dois elementos vozeados, um à esquerda e outro à direita, influenciam na sonorização do ‘e mudo’.

A sílaba inicial, a princípio considerada influente para a realização fonética de ‘e mudo’, não se mostrou atuante em três dos quatro falantes (na pronúncia da palavra *beterraba*), predominando a realização [ø]. É possível que, em contexto de ênfase, a sílaba inicial demonstre maior atuação.

Trabalhos de cinco autores⁷⁰ sobre o ritmo em PE verificam a ocorrência de zeros fonéticos com relação a tempos fracos, porém Andrade (1996) não detectou ocorrência obrigatória em tal contexto, especialmente no que se refere à palavra *bedelhava*.

Observou-se também que o princípio de regência própria, proposto em Miguel (1989), não contemplou as sequências de dois zeros fonéticos nas palavras *apetecível* e *abecedário*, e para *beterraba* (em três dos quatro falantes). Sendo assim, sugere que o princípio teórico pode ser estendido a um domínio superior a dois núcleos adjacentes, e que sejam levados em conta a relação de sonoridade dos elementos e relações entre os pontos de articulação das consoantes envolvidas.

⁶⁹ Segundo a autora, Gonçalves Viana defendia a não influência do contexto adjacente.

⁷⁰ Dentre eles, Lütke, H. (1954) Fonemática portuguesa II – Vocalismo, *Boletim de Filologia*, 14, p. 197-217. & d’ANDRADE, E. e B. LAKS (1991) Sobre a crista da onda: o acento de palavra em português, *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Setembro de 1991, Lisboa, 1992, p. 15-34.

4- ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

4.1 Fundamentação teórica

Pretende-se analisar os dados com base na Sociolinguística variacionista, sobretudo em função de não haver tal tradição no âmbito do Português Europeu. Foi desenvolvida principalmente nos EUA e Canadá a partir da década de 60 do século XX. Nos EUA, é representada por William Labov, seu inspirador e, atualmente, já se configura em um aparato teórico-científico aplicado internacionalmente.

Tal teoria investiga a língua em seu contexto social, atentando para os princípios e fatores relacionados à variação inerente às línguas, que, ocasionalmente, podem resultar em mudança linguística. Propõe *análises de cunho sócio-cultural*, em que se leve em conta a heterogeneidade de usos a que uma língua é submetida, valorizando-se a dinâmica com que é utilizada pelos falantes, imersos em ininterruptas redes de relações sociais (engloba fatores como idade, gênero, região de origem do falante, bem como seu nível de escolaridade, parentesco, etnia, etc..).

Um outro aspecto que caracteriza a Sociolinguística é a interpretação do fator *tempo*. Enquanto nos estudos de cunho estrutural se tende a focalizar em separado a sincronia e a diacronia, nos de natureza sociolinguística, trabalha-se com as noções de *tempo real* e de *tempo aparente*, tornando possível, em sentido lato, tratar, pancronicamente, os fenômenos linguísticos e, inclusive, formular hipóteses quanto a seus desdobramentos futuros.

A observação da comunidade a ser estudada deve ser o marco inicial de uma pesquisa sociolinguística, pois, na maioria das vezes, é a partir daí que surgirão as hipóteses iniciais de trabalho. Já outras hipóteses decorrem do trabalho direto com os dados. Inicialmente, deve-se definir a *variável dependente*, composta de formas linguísticas de mesmo significado em estado de variação no uso da língua, e, a seguir, as *variáveis independentes*, grupos de fatores que comportam os parâmetros contextualizadores da variação e/ou mudança em curso. Tais variáveis podem-se nortear por questões de ordem *linguística* (aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, discursivos) e/ou *extralinguística* (faixa etária, sexo, condição sócio-econômica/cultural do falante; região em que vive, entre outras).

O processo de *seleção dos falantes* é de grande importância. O sociolinguista deve organizar uma amostra de fala que garanta sua representatividade em relação à comunidade estudada. Quanto ao *número de informantes*, e, conseqüentemente, ao *de dados*, a questão ainda se encontra em aberto, pois cada pesquisa tem seu caráter idiossincrático. Não há um número exato como base, mas, como sugere SILVA-CORVALAN (1989: 17-19), deve haver um número mínimo de falantes por amostra de fala a fim de se garantir a representatividade do *corpus*. A autora sugere que quanto mais informantes por célula⁷¹, mais representativa fica a amostra. Quanto à *qualidade dos informantes*, todas as suas características particulares devem ser evitadas ao máximo, pois se deve favorecer o grupo e não o indivíduo, tornando dessa maneira, a amostra homogênea.

A estatística, envolvendo probabilidade, é um instrumento analítico indispensável em um estudo dessa natureza. Para contribuir no desempenho dessa função matemática, uma das ferramentas computacionais utilizadas pelos pesquisadores é o pacote computacional de programas VARBRUL (PINTZUCK, 1988), especializado para a análise estatística das variáveis linguísticas, ou versões mais recentes do programa, o GOLDVARB 2001⁷² e o GOLDVARB-X, criados para funcionar na plataforma Windows.

O programa, em sua versão inicial, foi desenvolvido por linguistas e programadores, pois algumas características linguísticas de estudos variacionistas começaram a exigir maior refinamento das análises probabilísticas. O VARBRUL na sua encarnação moderna é um tipo de modelo linear generalizado (GLM), mas como se trata de um modelo de regressão logística, é não-linear. Em análise basicamente binária, observa dados relacionados a uma *variável dependente* e controla o grau de atuação de outras variáveis (*variáveis independentes*) em relação à dependente, produzindo pesos relativos para cada uma delas, dependentes e independentes (GUY, G. R. & ZILLES, A., 2007).

No clássico *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968)⁷³, seus autores buscam lançar as bases de

⁷¹ Corvalan indica a quantidade de 5 falantes por célula.

⁷² ROBINSON, J; LAWRENCE, H. & TAGLIAMONTE, S. (2001) *Goldvarb 2001. A multivariate analysis application for Windows*. Ms., University of York.

⁷³ Trabalha-se aqui com a edição de 2006, traduzida para o português.

um estudo linguístico que levasse em conta a heterogeneidade intrínseca das línguas e, seguindo tal linha de raciocínio, explicar seus pontos de vista acerca da **mudança linguística**. Dessa forma, acabaram por contribuir para reflexões de natureza histórica, com possibilidade de preencher lacunas metodológicas, ao lançar um novo olhar para o dinamismo social das línguas.

O texto tem base teórico-metodológica em resultados empíricos de investigações dialetológicas, de contato linguístico (e dialetal) e da sociolinguística. Seus autores fazem um pequeno resumo crítico dos principais postulados neogramáticos com base em Herman Paul (1880)⁷⁴, o qual colocava o idioleto como principal foco de mudança, e também observam os principais autores do pensamento estruturalista – Saussure (1916) na Europa, Bloomfield (1927, 1933) nos Estados Unidos – e do pensamento gerativista – Chomsky (1965).

A crítica dos autores ao pensamento linguístico de Paul assume aspectos variados, como a criação da dicotomia entre língua individual e uso linguístico do grupo, o trabalho subjetivo em comparar idioletos para chegar a conclusões gerais, falta de aparato científico para realizar agrupamentos de falantes para estudo, falta de clareza em relação à análise qualitativa das formas e níveis linguísticos, e, ainda, a inexistência de uma escala de importância para situar/organizar as diferenças entre idioletos. As críticas dirigem-se ainda à concentração da mudança no idioleto em detrimento do grupo social.

Ao observarem Saussure, criticam além da valorização do idioleto, a concepção de língua como sistema homogêneo e o seu desprezo em relação à importância da variação linguística. Chomsky – além de receber críticas similares às de Saussure –, é questionado no sentido de a gramática gerativa ter seus enunciados formulados e julgados por linguistas como gramaticais ou agramaticais, por exemplo. Tal estratégia foi avaliada como “inútil”, por aceitar descrições idealizadas e, por vezes, não autênticas em relação ao estado natural de uso da língua.

Porém, os autores não avaliam toda a análise estrutural de forma negativa, reconhecendo positivamente alguns refinamentos teórico-metodológicos que surgiram após os estudos de Paul⁷⁵, como a separação entre a diacronia e a sincronia e a reclassificação das mudanças observadas segundo novos princípios (como exemplo, a

⁷⁴ Trabalha-se com a tradução de 1970 (cf. bibliografia).

⁷⁵ Cf. WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968 (item 2.0).

separação entre traços⁷⁶ distintivos e redundantes e a distinção entre dialetos prestigiados e desprestigiados).

Sendo assim, Weinreich, Labov & Herzog questionam tais modelos teóricos quanto à sua falta de sistematicidade e interesse em relação ao estudo da mudança linguística. Iniciam seus comentários sobre a concepção de mudança observando que não existem apenas sistemas isolados que se substituem ao longo dos anos e sim, diferentes sistemas que coexistem. Portanto, em lugar da homogeneidade sistêmica, propõe-se a heterogeneidade sistêmica. Ao invés de se estudar a língua isolando-a em uma estrutura delimitada, indica-se seu estudo com base no contato interdialetoal e/ou em seu estado natural de uso, observando-se a comunidade linguística.

Prosseguindo com suas colocações, os autores, sempre com base em seus estudos empíricos, propõem um modelo teórico que seja capaz de dar conta da investigação de mudanças estruturais possíveis e de seus *fatores condicionantes* (linguísticos e extralinguísticos), bem como do seu processo de *transição* (envolve tempo, escolarização, etc.), da *avaliação* dos efeitos do fenômeno para o sistema linguístico como um todo, de seu *encaixamento* no sistema linguístico e, além desses quatro, observar a questão da *implementação*. Os dois últimos caracterizam-se como:

(a) O *encaixamento* da nova forma linguística no sistema dá-se de duas formas: 1. encaixamento na estrutura linguística, podendo coexistir com outras formas, seguindo uma distribuição funcional determinada e conjuntamente disponível a uma comunidade de fala ou sofrendo co-variação com elementos linguísticos e extralinguísticos e 2. encaixamento na estrutura social, sendo os fatores sociais e geográficos elementos essenciais para a realização da forma linguística mutante;

(b) A *implementação* da mudança e sua passagem para o caráter de uma constante no uso linguístico envolve estímulos e restrições sociais e linguísticas. Quando esse fato ocorre, há algum tipo de perda de significação social antes existente associada à comunidade de fala em estudo.

⁷⁶ Estudo que surgiu com base nas relações linguísticas contrastivas, enfatizadas nos estudos de Saussure, Jakobson e Bloomfield e tão bem aplicadas à área de fonologia. Depois, aperfeiçoado por CHOMSKY & HALLE, 1968.

A pesquisa que aqui se propõe, além de observar o comportamento das pretônicas em tempo aparente, examiná-lo-á também em tempo real de curta duração, por meio de um estudo de tendência (*trend study*, de acordo com Labov, 1994). Leva em conta a fala culta brasileira e portuguesa nas décadas de 1970 e 1990. Tais comunidades caracterizam-se por certa estabilidade social no período de tempo analisado, ou seja, Rio de Janeiro e Lisboa não passaram por grandes mobilidades populacionais, como êxodos, não se envolveram em guerras, o que garantiria uma amostra representativa. Como aponta Labov: “*If drastic changes in its demographic makeup have taken place, the changes we observe in language may have little to do with the logic of linguistic change in progress.*” (1994: 76)⁷⁷, isto é, ao se observar uma mudança ocorrida em determinada região é necessário observar a relação entre o fenômeno linguístico em estudo e a sua relação com as mudanças linguísticas já implementadas na região abrangida pela pesquisa, bem como, a relação entre as mudanças e à evolução histórica da região.

Portanto, as amostras de fala culta foram recolhidas do *Corpus Varport*, em épocas diferentes, nas mesmas comunidades de fala, mantendo-se os mesmos procedimentos na forma de obtenção dos dados: entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador).

Observam-se os comportamentos dos falantes em *tempo aparente*, partindo-se do pressuposto de que os falantes com mais idade refletem a fala da comunidade há mais ou menos 40 ou 50 anos atrás, isto é, refletem a língua como era utilizada na época de sua juventude, “*linguistic skills is correlated with their use of the linguistic variables that were socially significant in their youth*” (LABOV, 1994: 46)⁷⁸, ou da sua aquisição da linguagem, “*speech of older people tended to reflect the state of the language when they had acquired it*” (G. SANKOFF, 2002: 2)⁷⁹. Além disso, a distribuição por faixa etária reflete uma rede de relações sociais, como ocupação do falante, gênero, nível de instrução, dentre outras, que são observadas na análise.

Em seguida, analisam-se os dados de outros falantes, em *tempo real*, para observar a evolução da fala na mesma comunidade. Com base nisso, pode-se averiguar se a comunidade tende à mudança ou à estabilidade. O ideal em um estudo

⁷⁷ “*Se mudanças drásticas têm lugar em determinada região demográfica, as mudanças que observamos na linguagem podem ter pouco a ver com a lógica da mudança lingüística em processo.*” [tradução nossa]

⁷⁸ “*Suas habilidades linguísticas estão relacionadas ao uso das variáveis linguísticas socialmente significativas em sua juventude*” [tradução nossa]

⁷⁹ “*a fala dos mais velhos tende a refletir o estado da língua quando eles a adquiriram*” [tradução nossa]

sociolinguístico desse jaez seria a associação dessas observações com uma análise de painel (*panel study*), avaliando-se o comportamento dos mesmos falantes em décadas diferentes, o que pode ser realizado em estudos futuros nas comunidades em questão.

Labov (1994: 83, 84) aponta quatro relações possíveis entre tempo aparente e tempo real. Abaixo, um esboço da tabela feita pelo autor:

Table 4.1 Patterns of change in the individual and the community

	Individual	Community
1. Stability	Stable	Stable
2. Age-grading	Unstable	Stable
3. Generational change	Stable	Unstable
4. Communal change	Unstable	Unstable

Interpretando resumidamente o que o autor explanou sobre os itens, explicam-se por: 1º. estabilidade: os indivíduos, em épocas diferentes, apresentam os mesmos índices para o fenômeno linguístico estudado; 2º gradação etária: há diferenças entre o comportamento de indivíduos em faixa(s) etária(s) ao longo do tempo, porém tal comportamento não afeta a comunidade como um todo; 3º mudança geracional: o comportamento de indivíduos mostra-se estável, porém registra-se o incremento de uso de uma forma variante em uma e/ou mais de uma faixa etária. Tal fato, envolvendo os mais jovens, por exemplo, pode estar indicando mudança em curso; 4º mudança comum: todos os indivíduos demonstram, ao longo do tempo, alteração nas suas frequências de uso das formas linguísticas, adquirindo nova maneira de falar, caso em que praticamente se atesta a mudança.

Uma questão que se vincula à análise da variação e mudança linguística é sua feição neogramática ou difusionista.

De acordo com os neogramáticos (Herman Paul, Lehmann, Osthoff e Brugmann)⁸⁰, a mudança atinge as palavras abruptamente, pois “(...) *na alteração fonética adentro do mesmo dialeto, todos os casos isolados que apresentam as mesmas*

⁸⁰ Os dois últimos, citados em Lehmann (1967): Osthoff, H. and Brugmann, K. (1878) *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen*, 1. Leipzig.

condições fonéticas são tratados da mesma maneira.” (Paul, 1970: 75). As exceções poderiam ser explicadas por empréstimos de outra língua, cujos itens lexicais já teriam entrado para o léxico com alguma alteração (no caso das pretônicas, entrariam já com vogal alteada), ou seriam processos classificados como analogia.

De acordo com Paul, 1970, o processo ocorre abruptamente no léxico e é foneticamente gradual. Lehmann (1967: 204) expõe os dois princípios básicos da corrente neogramática: 1. toda mudança sonora ocorre, dentro da mesma comunidade lingüística, mecanicamente de acordo com leis fonéticas que não admitem exceção; 2. novas formas lingüísticas podem ser criadas pela analogia, inovação lingüística reconhecida nos períodos antigos das línguas.

Lehmann (p. 205) registra a defesa de Osthoff e Brugmann às críticas em relação à existência de exceções às regras: argumentam que não podem ser base de conclusões certos fenômenos de dissimilação e metátese, bem como alterações que atingem formas isoladas e até mesmo a não alteração de formas que possuem ambiente ideal para a mudança, ou seja, tais exceções não desabonariam a consistência das leis fonéticas (*exceptionless*). Consideram tais exceções como naturais dentro do processo de mudança lingüística e, conforme observa Viegas (2001: 29), admitem que ainda não estão em condições de explicá-las, sugerindo, indiretamente, que seriam fenômenos empiricamente observáveis.

Portanto, os neogramáticos definem mudança sonora com base nas leis fonéticas e na questão da “*exceptionless hypothesis*”. Prezam pelo objetivismo das leis fonéticas, exaltando seu mecanicismo e criticam o lado subjetivo e arbitrário dos lingüistas que proferiram críticas ao seu modelo.

Um novo ponto de vista sobre mudança sonora surgiu com o modelo da difusão lexical (DL), que passou a existir, em sua forma moderna, em meados da década de 70, segundo Oliveira (1991). Derivado principalmente dos trabalhos de M. Chen, W.S.-Y. Wang, e C.-C. Cheng sobre o chinês, posteriormente foi ampliado pelos trabalhos de Krishnamurti, Sherman, Labov, Phillips, Bybee, dentre outros.

O estudo sobre o chinês demonstra que há exceções nas mudanças sonoras, as quais não podem ser explicadas por analogia, e também revela a existência de um fenômeno (cisão lexical) substancial, que não pode ser explicado em termos de condicionamento fonético, idéias contrárias a hipóteses neogramáticas. Portanto, na DL,

a mudança não é condicionada apenas por fatores fonéticos, podendo também estar envolvida por fatores semânticos, pela frequência de uso do item e pela valoração social do item.

Na DL, a mudança atinge item a item, processando-se lexicalmente e configurando-se como um processo lento e gradual. A “*exceptionless hypothesis*”, vista como natural pelos neogramáticos, é descartada pela perspectiva difusionista (WANG e LIEN, 1993), a qual admite a existência de várias exceções a processos descritos na literatura e atribui ao léxico o papel de seleção e restrição à aplicação das regras (CHEN e WANG, 1975).

Sobre a propagação da mudança sonora, na DL, observa-se que nem todas as mudanças podem ser foneticamente graduais, como cancelamentos, inserções e metáteses, os quais devem ser concebidos como fenômenos discretos. Portanto, o modelo da DL prevê que as mudanças sonoras sejam foneticamente abruptas e lexicalmente graduais, conforme comentam Wang & Cheng (1977:150)⁸¹: “*We hold that words change their pronunciation by discrete, perceptible increments (that is, phonetically abrupt) but severally at a time (that is, lexically gradual)...*”.

A Fonologia lexical surgiu dentro dessa perspectiva de natureza lexical. Tem seu modelo teórico desenvolvido por Kiparsky (1982, 1985) e por Mohanam (1982, 1986), o qual foi aplicado por Labov (1994). Investiga as relações existentes entre a estrutura morfológica e as regras fonológicas atuantes em uma palavra, observando que o léxico de uma língua está organizado em níveis ou estratos. Na parte mais profunda do léxico estão as raízes, as quais sofrem processos morfológicos. No mesmo nível em que se aplica uma regra morfológica, ocorre também uma regra fonológica, sendo esta aplicada após a primeira.

Há regras fonológicas lexicais (cíclicas, aplicadas na formação da palavra) e regras fonológicas pós-lexicais (não são cíclicas e são aplicadas em combinações de palavras). Dentre seus princípios teóricos, destacam-se a *Convenção de Apagamento de Colchetes* (marcações da estrutura morfológica são apagadas), *Elsewhere condition* (para resolver o conflito entre duas regras disjuntivas em determinado ponto da derivação), *Princípio da Preservação da Estrutura* (regras devem pertencer ao sistema

⁸¹ “*Consideramos que as palavras mudam de pronúncia por discretos elementos perceptíveis (isto é, foneticamente abrupta), porém verdadeiramente com o tempo (isto é, lexicalmente gradual)*” [tradução nossa].

subjacente da língua) e *Condição do Ciclo Estrito* (estabelece restrição à ciclicidade limitando a aplicação de regras cíclicas a estruturas derivadas).

O modelo da *Fonologia Lexical* institui, portanto, a *Regra Lexical*, que se configura como um processo, de maneira geral, lento e com exceções.

Labov (1994) tenta conciliar as duas correntes teóricas, NG e DL, propondo dois níveis de mudanças: low-level (regularidade dos neogramáticos), característico dos estágios iniciais da mudança, e high-level (sujeito a condicionamentos lexicais, gramaticais e sociais), típico de estágios adiantados da mudança. O autor baseia-se na *Fonologia Lexical* para explicar as exceções às regras fonológicas.

4.2 Metodologia

4.2.1 Hipóteses

Para o trabalho que aqui se propõe, tem-se como hipótese principal que o quadro de vogais pretônicas se modifica no uso de diferentes gerações de falantes, e evolui de maneira diferenciada nas variedades brasileira (conforme visto em 3.1, o índice de pretônicas alteadas no Brasil mantém-se na média de 30%⁸²) e européia (as vogais alteadas representam a norma, cf. item 3.2)⁸³: a primeira tende à manutenção das médias e de seu caráter opositivo, com índices de alteamento que parecem estar em regressão, e a segunda, à manutenção de seu quadro já bastante reduzido de vogais pretônicas, ratificando a evolução que começou a mostrar vestígios no final do séc. XVIII.

Acredita-se também que, em PE, em que predominam as variantes altas de <e> e <o>, o cancelamento da pretônica, esteja em evolução, a) podendo apresentar índices diferenciados nos estudos em tempo aparente e em tempo real e b) mostrando-se sensível a condicionamentos de caráter social.

4.2.2 *Os corpora*

A análise dos dados será desenvolvida com base na Sociolinguística Variacionista Laboviana. As amostras de fala foram retiradas do *site* do projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português (VARPORT)⁸⁴ e correspondem a gravações (entrevistas do tipo DID) com duração média de cinco minutos cada (conteúdo em torno de 700 palavras). De acordo com o tempo de gravação, cada entrevista rendeu, em média, um valor aproximado de 60 ocorrências.

A testagem comporta 48 falantes: 24 representativos do PB (12 homens e 12 mulheres) e 24 do PE (12 homens e 12 mulheres)⁸⁵, distribuídos por três faixas etárias (1- de 18 a 35 anos, 2 - de 36 a 55 anos e 3 - de 56 em diante) e por dois períodos diferentes: décadas de 70 e 90 do século XX. Todos são representantes da variedade

⁸² Cf. também tabelas 14 e 15, a seguir.

⁸³ Cf. também tabelas 16 e 17, adiante.

⁸⁴ <http://www.lettras.ufrj.br/varport/>

⁸⁵ Lista de informantes em anexo.

culta (nível de 3º grau). A distribuição dos informantes encontra-se nos quadros abaixo:

Português do Brasil (PB)					
Faixa A		Faixa B		Faixa C	
Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.
Década de 70					
Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.
Década de 90					
Total: 24 informantes					

Quadro 15: Distribuição dos informantes do PB

Português Europeu (PE)					
Faixa A		Faixa B		Faixa C	
Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.
Década de 70					
Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.	2 inf.
Década de 90					
Total: 24 informantes					

Quadro 16: Distribuição dos informantes do PE

Os brasileiros são naturais (e residentes) da cidade do Rio de Janeiro e os portugueses, naturais (e residentes) de Lisboa ou localidades próximas.

4.2.3 Distribuição preliminar dos dados

A seguir, apresenta-se a distribuição das variantes no PB e no PE e, ainda, os dados que não foram considerados para o trabalho com o Varbrul (como os cultismos no PE), discriminando os que não se levaram em conta para a análise do alteamento.

4.2.3.1 No âmbito do PB

Com base em observação minuciosa dos dados e em outros estudos sobre o tema (como SCHWINDT, 2002:161-182), resolveu-se não levar em conta para a análise as vogais que se encontram em hiatos e ditongos, pois tais vogais sofrem alterações

estruturais e prosódicas de natureza diferente da das pretônicas que não se situam em encontros vocálicos.

O *corpus* do português do Brasil conta com 1613 dados (775 da década de 70 e 838 da década de 90) de vogais pretônicas anteriores e posteriores.

As vogais alteadas em PB não ultrapassam o percentual de 30%, como mostram as tabelas abaixo, predominando as realizações de vogais médias fechadas. São raras as ocorrências de apagamento da vogal, entre 0% e 2%, e de vogais abertas, que se mostraram com índices de 1% a 2%. A distribuição dos dados encontra-se nas tabelas a seguir.

Década de 70							
Anterior				Posterior			
[e]	[ɛ]	[i]	[ø]	[o]	[ɔ]	[u]	[ʊ]
326/446	5/446	113/446	2/446	230/329	3/329	95/329	1/329
73%	1%	25%	0%	70%	1%	29%	0%

Tabela 14: Índices gerais de dados de PB década de 70

Década de 90							
Anteriores				Posteriores			
[e]	[ɛ]	[i]	[ø]	[o]	[ɔ]	[u]	[ʊ]
334/459	9/459	114/459	2/459	292/379	2/379	85/379	0/379
73%	2%	25%	0%	77%	1%	22%	0%

Tabela 15: Índices gerais de dados de PB década de 90

A vogal média aberta anterior distribuiu-se no *corpus* em itens lexicais como: **diferente** (1970, fx.3), **liberdade** (1970, fx.3), **diversão** (1990, fx.1), **menor** (1990, fx.1), **menores** (1990, fx.1), **tecnologia** (1990, fx. 1), **tecnológico** (1990, fx.1), **verdade** (1990, fx.2).

Com a vogal média aberta posterior, os exemplos são: **colega** (1970, fx.3), **cortava** (1970, fx.1), **totalmente** (1970, fx.3), **jogar** (1990, fx.1), **propósitos** (1990, fx.2).

Em PB, o apagamento da pretônica também resulta em poucos casos como: *acontecía* (1970, fx.3), *desenfreado* (1970, fx.2), *acontecesse* (1990, fx.3) e *desenvolvimento* (fx.1) e *oitocentos* (1970, fx.2). O ambiente fonético do apagamento em PB é semelhante para todos os casos: uma consoante plosiva /t/ ou /d/ antecedendo a vogal e sibilante em contexto subsequente à pretônica, o que acaba por gerar, com a queda da vogal, uma africada alveolar (*acon[ts]esse*, *[dz]envolvimento*).

Sobre essa questão, vale lembrar que Bisol (1986), observando a palatalização das dentais diante de [i] na fala do Rio Grande do Sul, afirma que a presença de /s z/ em contexto anterior às dentais, como em *instituto*, ou posterior à sequência /t, d + i/, como em *partes*, inibiria o processo de palatalização ou determinaria a ocorrência de uma africada alveolar. Tal restrição teria uma explicação de base fonética: “*duas consoantes foneticamente similares exercem uma atração mútua que fortalece os traços que têm em comum, preservando a consoante primitiva da força assimilatória da vogal alta*” (p. 176). Assim, ao lado de *pen[tʃi]*, encontram-se as formas alternantes *pen[ts]* ~ *pen[ts]*, devido à presença de /s/, morfema de plural.

Para o estudo do alteamento, foram descartadas as variantes abertas, opondo-se apenas as fechadas às alteadas, também os casos de apagamento foram descartados da análise quantitativa.

4.2.3.2 No âmbito do PE

O *corpus* do português europeu conta com 1912 dados (964 da década de 70 e 948 da década de 90) de vogais pretônicas anteriores e posteriores.

Na década de 70, as vogais alteadas em PE constituem a maior parte das ocorrências, 69% tanto no que toca à anterior (variantes [i] e [ĩ]), quanto à posterior (variantes [u] e [ũ]). Contabilizando-se uma média de 10% de ocorrências para o cancelamento das vogais, restam em torno de 18% de ocorrências de vogais médias. As distribuições diferenciam-se por tipo de vogal, como mostram as tabelas abaixo:

Década de 70									
Anterior					Posterior				
[e]	[ɛ]	[i]	[i]	[ø]	[o]	[ɔ]	[u]	[u]	[ø]
93/537	7/537	223/537	145/537	69/537	70/427	21/427	241/427	55/427	40/427
17%	1%	42%	27%	13%	16%	5%	56%	13%	9%

Tabela 16: Índices gerais de dados de PE década de 70

Na década de 90, mantém-se o cancelamento próximo a 10% na série das posteriores. Na série das anteriores, as alterações revelam incremento das ocorrências de cancelamento (8%). Discriminam-se os dados na tabela a seguir:

Década de 90									
Anterior					Posterior				
[e]	[ɛ]	[i]	[i]	[ø]	[o]	[ɔ]	[u]	[u]	[ø]
58/575	8/575	198/575	190/575	121/575	57/373	9/373	225/373	51/373	31/373
10%	1%	34%	33%	21%	15%	2%	60%	14%	8%

Tabela 17: Índices gerais de dados de PE década de 90

Acima, apresentou-se a distribuição das vogais pretônicas no *corpus*, das quais nem todas seguirão para a análise quantitativa, pois possuem evoluções e contextos diferenciados. Segundo Matheus & Andrade (2000), os itens *objecção* e *adopção* não reduzem as pretônicas, pois são consequências de fatos históricos.

Cunha & Cintra (2001) ressaltam também itens lexicais em que normalmente não se realiza o alteamento das médias. São eles:

Esqueecer > esqu[ɛ]cer; coorar > c[ɔ]rar – vogais abertas resultantes de hiatos;

Actor, director, adopção – vogais abertas provenientes de cultismos;

Ovelha, obter, opinião – [o] inicial;

enorme, erguer – e inicial absoluto.

A seguir, comentam-se casos especiais de ocorrências, para depois iniciar-se a descrição das variáveis.

a) Vogal média anterior

_ Aberta [ɛ]

Foram encontrados casos provenientes de cultismos, grupo *ct*: *espectador* (2 casos), *espectáculo*, *directora* (4 casos); palavras compostas, com acentos secundários em posição pretônica: *Heterossexual*, *etcetera*, *Tecnológica* e *tecnologia*; e palavras terminadas em *-mente* ou *-inho*: *paralelamente*, *alegremente*, *concretamente* e *regrazinha*.

Tais palavras não foram levadas em consideração, pois em princípio, não são influenciadas pela flutuação do sistema de vogais átonas de PE em posição pretônica.

_ Fechada [e]

Nas ocorrências da vogal fechada, detectou-se um fenômeno distinto do que prevêem os escritos citados acima quanto aos cultismos em *ct*, registrados pelos autores com vogal aberta, realizaram-se com vogal fechada. Os casos são: *Efectivamente*, *direcção*, *directores*, *espectáculos*, *espectacular*, *Autocorrectivos*, *objectivo* (2 casos), *secção*, *espectáculo* (2 casos), *excepção*. Também não serão consideradas para a análise quantitativa.

b) Vogal média posterior

_ Aberta [ɔ]

Os casos especiais de [ɔ] realizaram-se em palavras com sufixos *-inho* e *-mente*: *copinhos*, *psicologicamente*, *morfologicamente* (mas levaram-se em conta os dois primeiros segmentos vocálicos), *logicamente*, *obrigatoriamente*, as quais não fizeram parte da análise quantitativa.

4.3 Descrição das variáveis

(a) Variável dependente

Tendo em vista o que se demonstrou nas tabelas 8 a 11 do item anterior, a variável dependente ficou diferentemente configurada em cada uma das variedades, conforme se define a seguir:⁸⁶

(i) No PB

Vogal < e >

- | | | |
|-----|-----------------------------|----------------|
| [e] | O <u>r</u> ecreio | (PB- 70, H-1) |
| [i] | Calça Lee de <u>v</u> eludo | (PB- 70, H-1) |

Vogal < o >

- | | | |
|-----|----------------------------|----------------|
| [o] | Só fala <u>b</u> obagem | (PB- 90, M-1) |
| [u] | Hoje é <u>c</u> olégio GPI | (PB- 90, H-3) |

No PB, a análise terá como valor de aplicação o alteamento.

(ii) No PE

Vogal < e >

- | | | |
|-----|---------------------------|-----------------------------|
| [i] | <u>N</u> ecessidade com | (PE- 70, H-1) |
| [ɨ] | fazer <u>e</u> nergia | (PE-90 H-2) |
| [e] | havia lá <u>t</u> errenos | (PE, década de 70, faixa 3) |
| [ø] | Não <u>r</u> ecebo | (PE-70, H-1) |

⁸⁶ A exemplificação obedece à seguinte norma: PE=Português Europeu, PB=Português do Brasil; 70= década de 1970, 90= década de 1990; H=homem, M=mulher, 1, 2, 3= respectivamente, faixas etárias 1, 2 e 3.

Vogal < o >

[u]	S <u>o</u> friam da garganta	(PE-70, M-2)
[u]	Da <u>o</u> formação farmacológica	(PE-90, M-2)
[o]	ah, <u>o</u> sbretudo no agradar	(PE-90, H-3)
[ø]	a melanc <u>o</u> lia	(PE-90, H-3)

No PE, embora a análise se volte basicamente para o apagamento, outras variantes poderão ser tratadas em separado, cada uma delas sendo, conseqüentemente, considerada como valor de aplicação.

(b) Variáveis independentes

Conforme já registrado em Weinreich, Labov & Herzog (1968), como em outros trabalhos sociolinguísticos, o estudo conjunto dos fatores estruturais da língua – linguísticos – e dos fatores sociais – extralinguísticos – faz-se mister em um trabalho que investiga a variação.

Para este estudo, definiram-se nove variáveis, sendo sete para o estudo de ambos os *corpora* – cinco de natureza linguística (*contexto antecedente, contexto subsequente, nasalidade, classe de palavras e natureza e tonicidade da vogal da sílaba subsequente*) e duas de natureza extralinguística (*faixa etária e gênero*) – e, duas de natureza estrutural para a observação de características peculiares ao PE: *estrutura da sílaba em que ocorrem <e> e <o> e posição da sílaba no vocábulo*.

(i) Variáveis linguísticas consideradas nas análises do PB e do PE:

- **Contexto antecedente**

Pelo que se observa na literatura especializada, a assimilação de traços fonéticos pode ser desencadeada por influência de elementos adjacentes – à esquerda ou à direita – a um determinado segmento. Desse modo, parte-se da hipótese de que consoantes com traço [+alto] – palatais e velares –, em contexto antecedente atuam, ou co-atuam com outros fenômenos para o alteamento da vogal.

Com relação ao cancelamento da vogal, tem-se que, antes de ser apagada, a média anterior passa por um processo de alteamento e/ou centralização, ou seja, [e] > [i] > [ø] ou [e] > [i] > [ø]. No caso da média posterior, ocorreria [o] > [u] > [ø] ou [o] > [u] > [ø]. Com isso, algumas consoantes que, em princípio, influenciariam o alteamento, poderiam estar, de alguma forma, atuando para o cancelamento da vogal.

Para testá-la, controlaram-se os segmentos possíveis de ocorrer antes das vogais médias, observando-se em quais deles pode haver a presença ou a ausência do traço citado anteriormente. A organização da variável baseou-se no sistema proposto por CHOMSKY & HALLE (1979).

O traço *alto*, impulsionador do alteamento das vogais, relaciona-se ao corpo da língua, sendo incluído pelos autores entre os traços de cavidade: “*Los sonidos altos se producen elevando el cuerpo de la lengua por encima del nivel que ocupa en la posición neutral; los sonidos no altos se producen sin dicha elevación.*” (pag.176)⁸⁷.

Os autores observam que esse traço – juntamente com *baixo* e *posterior* –, tradicionalmente utilizado para a caracterização das vogais, pode ser empregado também para a classificação das consoantes, embora “*quizás resulte poco familiar*”. (p.177)⁸⁸.

Assim, o grupo ficou constituído pelos seguintes fatores:

- Labiais	não é <u>e</u> specialidade ainda	(PE-70, H-1)
	el <u>a</u> borado, até donde posso	(PE-90, H-3)
	a <u>m</u> elancolia (Homem, faixa 3, PE-90)	(PE-90, H-3)
	maturação se <u>o</u> ferecem	(PE-90, H-3)
	<u>y</u> erificou-se a insistência	(PE-70, H-2)
- Alveolares sibilantes	não havia lá <u>t</u> errenos	(PE-70, H-3)
	que se <u>d</u> edica	(PE-70, H-1)
	quando <u>n</u> evava não é?	(PE-70, H-3)
	qual é o <u>p</u> roblema	(PE-90, H-2)
	para grandes <u>r</u> eflexões	(PE-90, H-2)
- Alveolares sibilantes	não há grande <u>s</u> olução	(PE-90, H-2)
	desenvolvimento)	(PB-90, H-1)

⁸⁷ “*Os sons altos produzem-se elevando o corpo da língua acima do nível que ocupa na posição neutra; os sons não altos produzem-se sem a dita elevação*” [tradução nossa]

⁸⁸ “*talvez pareça pouco familiar*” [tradução nossa]

- Alveopalatais/palatais	cima é a pi<u>ch</u>eira é uma g eneralidade todos são con hecidos agora mel horou a alimentação	(PE-70, H-1) (PE-70, H-1) (PB-70, H-2) (PB-90, H-2)
- Velares	a melan<u>ç</u>olia e g ostava de para grandes r eflexões	(PE-90, H-3) (PE-90, H-1) (PE-90, H-3)
- Ataque Vazio	e nergia	(PE-90, H-2)

- **Contexto subsequente**

Focaliza-se o elemento imediatamente seguinte à vogal. As hipóteses de atuação das consoantes adjacentes equivalem às formuladas para *Contexto antecedente*.

O contexto fonológico seguinte reflete importância significativa, conforme ressalta Schwindt (2002: 167): “*Uma vez que a harmonização vocálica é uma regra de assimilação regressiva, o contexto que segue a pretônica é de especial relevância, pois é sobre este contexto que se dará o espraiamento*”.

- Labiais	de pois há outras actividades qual é o pro blema umas sem elhanças para grandes r eflexões quando nev ava não é?	(PE-90, H-1) (PE-90, H-2) (PE-70, H-3) (PE-90, H-3) (PE-70, H-3)
- Alveolares sibilantes	não ah , sobretudo no agradar que se ded ica fazer e nergia po rque a especialidade não há grande sol ução que os ame ricanos	(PE-90, H-3) (PE-70, H-1) (PE-90, H-2) (PE-70, H-1) (PE-90, M-3) (PE-90, H-2)
- Alveolares sibilantes	Um período espec ífico ah , apes ar de tudo	(PB-90, H-1) (PE-90, H-1)
- Alveopalatais/palatais em ataque	Para fechar aquela porta psicolog ia do ensino torna umas semel hanças	(PE-90, M-2) (PE-90, H-1) (PE-70, H-3)
- Palatais em coda	vest ir uma roupa uma verdadeira des graça	(PB-70, M1) PE-70, M2)

- Velares/uvulares	há um boc <u>a</u> dinho mais	(PE-70, H-3)
	de reg <u>u</u> lação que	(PE-70, H-1)
	havia lá terr <u>rr</u> enos (no ataque)	(PE-70, H-3)
	vários per <u>rr</u> sonagens né (em <i>coda</i>)	(PB-90, M-3)

- **Nasalidade**

De acordo com os estudos históricos, no latim não havia vogais e ditongos nasais, pelo menos, do ponto de vista fonológico. O caráter nasal das vogais do português atual provém do contato entre vogais e consoantes nasais do latim. Com a queda destas últimas, a sua ressonância nasal passou à vogal mais próxima, produzindo vários desenvolvimentos diferentes, de acordo com o contexto (sílabas tônicas, sílabas átonas, ditongação, etc.). Verificam-se alguns exemplos, como *granu* > *grão*; *canale* > *cão*⁸⁹; *mēdicum* > *mendigo*; *mēmōrāre* > *lembrar*; *homine* > *homēe* > *homem*⁹⁰. Portanto, a relação entre a vogal nasalizada e uma consoante é atestada nas suas origens.

Do ponto de vista silábico, de acordo com os estudos de Câmara Jr. (1970: 58), a sílaba que contém a vogal nasal encontra-se travada por uma consoante, representada pelo arquifonema /N/, que, via de regra, assume as características articulatórias da consoante seguinte. Com isso, ocorre a formação de uma sílaba pesada, de estrutura complexa (COLLISCHONN, 1996: 98, 99). Nas palavras de Câmara Jr:

Já vimos que, além da sílaba travada por /l/, /r/ e /S/, há em português um quarto tipo de vogal travada, em virtude da interpretação que aqui se propôs para a chamada <<vogal nasal>>. Segundo essa interpretação, é uma vogal travada por um elemento nasal. Trata-se, como para /S/, de um arquifonema /N/, que se realiza como /m/ diante de consoante labial na sílaba seguinte, como /n/ diante de consoante anterior nas mesmas condições e como um alofone [ɲ] posterior diante de vogal posterior: *campo*, *lenda*, *sangue*.

Bisol (1981: 88-92) observa as vogais nasais relacionadas a fenômenos de ressonância e percepção, ligados à área de fonética acústica. Com base em Fant, 1960, Delattre, 1954, Cagliari, 1978, dentre outros, define que: “*tanto a vogal nasalizada quanto a consoante nasal se caracterizam por crescerem formantes nasais ao espectro*

⁸⁹ Castro, 1991: 138.

⁹⁰ Williams, 1962: 54

do som, os quais, dependendo de suas posições, podem enfraquecer ou reforçar os formantes originais” (p.88).

No trabalho com os dados de sua pesquisa, a autora percebeu que a nasalidade atua de maneira oposta para as pretônicas anteriores e posteriores: favorece o alteamento de /e/ e inibe o alteamento de /o/. Para explicar tal comportamento oposto entre as vogais, Bisol (1981) levanta as seguintes hipóteses:

... a vogal /e/, quando nasalizada ([ẽ]), aproxima-se da área da vogal /i/, por aumento das frequências dos formantes altos, favorecendo, dessa forma, o processo da harmonização vocálica. Podemos tentativamente dizer que o formante 2 da vogal /o/, no processo de nasalização, tende também a aumentar suas frequências. E se os formantes 2 e os altos têm suas frequências levantadas e o formante 1 sua intensidade enfraquecida, então acentuam-se características fonéticas que tendem a afastar a vogal /o/ nasalizada das proximidades da área de /u/, tornando-a relativamente mais baixa e central, dificultando, dessa forma, a passagem de /o/ para /u/ no processo de harmonização vocálica. (p. 90)

Sendo assim, enquanto os formantes nasais elevam /e/, promovem abaixamento e centralização em /o/.

Hall (1943) diferencia a natureza da nasalidade de [e] das outras vogais. O autor, que defende a nasalidade vocálica por meio de um *suprassegmento nasal*, propõe, dentre outros aspectos, que as vogais nasalizadas antes de junção aberta podem ser seguidas por fechamento da cavidade oral pela língua que se encontra com o palato. No caso de /ẽ/, a oclusão resulta no fone [ɲ] e, em relação às outras vogais, o autor admite variação livre entre uma realização fraca do fone [ɲ] e um zero fonético, não conferindo a tais ocorrências *status* fonológico. Com tais observações, sem discussão de seu mérito e validade científicos, Hall destaca a “face” palatal da nasalização de /e/, o que também estreita a semelhança de seus traços com a vogal /i/, de natureza palatal.

Portanto, formulam-se as hipóteses da variável nasalidade para este trabalho da seguinte forma: a) A elevação da pretônica média anterior é motivada pela nasalidade que influencia a vogal com seus formantes, elevando formantes altos de [e], fazendo-a aproximar-se da região acústica de [i]; b) a nasalidade desfavorece a elevação da média posterior, pois, ao mesmo tempo que eleva os formantes de [o], enfraquece o formante

1, o que promove seu abaixamento, o que se configura como um obstáculo ao alteamento da média.

A respeito do cancelamento, no PE, acredita-se que a nasalidade não atue de forma significativa, pois o cancelamento tende a ocorrer mais em sílabas do tipo CV (cf. RODRIGUES, 2000:146), e a nasalidade envolve processo de travamento silábico.

A variável ficou assim constituída:

-Vogal oral	um palet <u>ó</u>	(PB-70, H-1)
-Vogal nasalizada	uma c <u>o</u> mpanhia	(PE-70, H-3)

- **Classe de palavras**

A variável, inicialmente, comportou fatores correspondentes às classes de palavras segundo a classificação tradicional. Optou-se por partir dessa classificação por ela já se encontrar bastante difundida, apesar de se reconhecer que não atende às exigências de uma análise descritiva mais criteriosa, principalmente no tocante à fala, que, como observa E. Sapir (apud: BIDERMAN, 1978: 241),

nas suas cambiantes infinitas furta-se a todo o momento a essa ordenação obsessiva, assemelhando-se as palavras aos pobres ateus, em inquéritos estatísticos, que têm de figurar como católicos, protestantes ou judeus, por mais convictos que vivam em seu ateísmo.

Reconhecendo tal fato, teve-se o cuidado de classificar os vocábulos respeitando sua funcionalidade no *corpus*, enfatizando-se não apenas a sua distribuição em classes fechadas de palavras, mas também tendo em conta uma visão escalar de suas propriedades conceituais.

R. Lenz, na obra *La Oración y sus Partes*, (apud BIDERMAN, 1978: 176), inspirado na lógica e na psicologia, apresenta uma divisão quaternária das significações das palavras. Embora não dê conta de todas as facetas da língua, como a estrutura gramatical em si, a divisão mostra-se bastante prática, sendo a) palavras que expressam conceitos, b) palavras que repetem ou substituem conceitos, c) palavras que relacionam e determinam conceitos ou orações e d) palavras que reforçam conceitos ou orações.

Tal classificação contribuiu para a formação de um grupo binário em que, de um lado, se tem o conjunto dos *vocábulos lexicais*, composto por palavras que,

predominantemente, expressam ou reforçam conceitos e/ou orações (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios) e, de outro lado, palavras que repetem ou substituem conceitos e que relacionam e determinam conceitos e orações (numerais, conjunções, preposições, pronomes). Essas últimas são colocadas no conjunto denominado de *vocábulos gramaticais*.

Trabalhos variacionistas vêm explorando a interferência do léxico na variação. Exemplos disso são os trabalhos de Lima (1989) e de Mollica & Lima (1990), em que foi constatado um condicionamento lexical para os fenômenos estudados.

Com base no exposto, supõe-se que *vocábulos lexicais* – cujos membros expressam conceitos e constituem um grupo mais aberto, como por exemplo, a classe dos nomes cujo inventário aumenta de acordo com a necessidade da comunidade linguística em nomear seres, objetos, etc. – estaria menos sujeito à variação, enquanto os *vocábulos gramaticais*, que contêm a maior parte de seus elementos listáveis em microsistemas, estaria mais propenso a apresentar variação.

A variável compõem-se de oito fatores, controlando-se a palavra “*porque*” separadamente, devido a sua alta produtividade nos *corpora* em estudo.

Vocábulos gramaticais:

- | | | |
|-------------------------|---------------------------------|--------------|
| - Numeral | em <u>segundo</u> lugar | (PB-90, H-1) |
| - Conjunção e locuções | <u>P</u> ortanto mais velhos | (PB-70, H-3) |
| - Preposição e locuções | em <u>r</u> elação à professora | (PE-70, H-1) |
| - Pronome | Vinha a falar <u>c</u> omigo | (PE-90, H-1) |
| - Palavra “porque” | <u>P</u> orque quando eu chego | (PE-90, H-2) |

Vocábulos lexicais:

- | | | |
|---------------------|-------------------------------|--------------|
| - Substantivo comum | outra <u>b</u> ebida qualquer | (PE-90, H-1) |
|---------------------|-------------------------------|--------------|

- Substantivo próprio	C <u>o</u> rcovado	(PB-90, H-3)
- Adjetivo	brincadeiras <u>f</u> emininas	(PE-70, M-1)
- Advérbio	que <u>p</u> orventura	(PE-70, H-2)
- Verbo	estão atrav <u>e</u> ssando	(PE-70, M-3)

- **Natureza e tonicidade da sílaba subsequente**

O grupo observa a qualidade da vogal da sílaba subsequente à que contém a vogal pretônica. Pretende-se averiguar a atuação de duas forças linguísticas: a tonicidade e a harmonização vocálica, que podem estar agindo em conjunto para a realização do alteamento das vogais médias pretônicas.

Câmara Jr. focaliza a origem do fenômeno de alteamento na tonicidade da vogal da sílaba subsequente. Reconhece a atuação da harmonização vocálica, “... *pela tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica...*” (1970: 44), mas relacionando-a à atuação da sílaba tônica: “...*a vogal alta se substituiu à vogal média correspondente, na pronúncia usual, para a maior parte dos vocábulos que têm vogal alta na sílaba tônica*” (CÂMARA JR., 1969: 24).

Já Silva Neto (1970) associa a elevação da pretônica à vogal alta da sílaba adjacente, sendo ou não tônica. Com isso, apenas a assimilação regressiva de traços da vogal alta da sílaba seguinte estaria em foco.

De acordo com Bisol (1981), o processo de harmonização pode atingir todas as vogais médias em situação pretônica, ou deter-se em apenas uma delas (a mais próxima da alta), isto é, numa palavra como *mexerica*, por exemplo, o mais provável seria mex[i]rica ou m[i]x[i]rica e, não, m[i]xerica. Tais exemplos ilustram também a não obrigatoriedade de tonicidade máxima na sílaba que contém a vogal alta para o desencadeamento do fenômeno. Nas palavras da autora: “*o condicionador da regra da harmonização vocálica não é necessariamente uma vogal alta acentuada, contrariando dessa forma uma das colocações registradas na Literatura.*” (BISOL, 1981:61).

Quanto ao cancelamento, acredita-se não estar sendo influenciado pela vogal da sílaba seguinte, como ocorre no processo de harmonização. Pode estar havendo algum tipo de correlação entre o cancelamento e tonicidade, pois o apagamento pode provocar alterações na sílaba, como o prolongamento da duração de determinadas consoantes (cf. item 3.2), que demandariam articulação consonantal mais complexa. A maior proximidade da sílaba tônica ofereceria à pretônica maior força expiratória, característica que será mais bem observada com a aplicação da variável *posição da sílaba*, apresentada mais à frente.

Em vista desses diferentes posicionamentos, esta variável foi construída de modo a oferecer flexibilidade de testagem, codificando as variantes vocálicas em 16 fatores, de acordo com a altura e com o nível de abertura, os quais podem ser amalgamados de acordo com o ponto de observação da análise pretendido (tonicidade, abertura ou altura). São eles:

- Tônica [i]	psicolog <u>i</u> a do ensino	(PE-90, H-1)
-Átona [i]	quer dizer, da invest <u>i</u> gação	(PE-70, H-1)
-Tônica [e]	havia lá terre <u>e</u> nos	(PE-70, H-3)
-Átona [e]	é uma gene <u>e</u> ralidade	(PE-70, H-1)
-Tônica [ɛ]	preparação oficiais res <u>e</u> rva	(PB-70, H-3)
-Tônica [a]	os deta <u>a</u> lhes eu não sei	(PB-70, H-1)
Átona [a]	Lev <u>a</u> ria aí, além	(PB-70, H-1)
Tônica [ɐ̃]	umas semel <u>h</u> aças	(PE-70, H-3)
Átona [ɐ]	uma compan <u>h</u> ania	(PE-70, H-3)
Tônica [ɔ]	um palet <u>o</u>	(PB-70, H-1)
-Átona [ɔ]	Tecn <u>o</u> lógico	(PB-90, H-1)
-Tônica [o]	depo <u>o</u> is há outras actividades	(PE-90, H-1)
-Átona [o]	em ciência e tecnol <u>o</u> gia	(PE-70, H-1)

-Tônica [u] nenhuma... (PE-70, H-3)

-Átona [u] não há grande soluução (PE-90, H-2)

Acredita-se que tanto a tonicidade quanto a altura da vogal da sílaba seguinte estejam influenciando a realização do fenômeno de alteamento, no PB, porém não atuando necessariamente em conjunto. Para o cancelamento, no PE, supõe-se que a altura da vogal da sílaba seguinte não esteja influenciando o fenômeno, apenas a tonicidade.

(ii) Variáveis linguísticas consideradas apenas na análise do PE

Após testagens e resultados preliminares das variáveis linguísticas, aventou-se a hipótese de que algumas tendências específicas do PE seriam mais bem controladas com a aplicação de duas variáveis criadas especialmente para o PE, discriminadas a seguir.

- **Estrutura da sílaba em que ocorrem <e> e <o>**

Com o fenômeno de cancelamento, o centro de sílaba por excelência em português – a vogal – deixa de apresentar plenamente suas características fonéticas e, com isso, a estrutura da sílaba que tem a vogal elidida fica sujeita a passar por alterações para reforçar a existência de elemento fonológico em contextos de apagamento. Delgado-Martins (1993)⁹¹ cita a diferença de duração entre as consoantes oclusivas envolvidas em contextos de apagamento e as consoantes não envolvidas com o fenômeno: a oclusiva em sílaba de cancelamento da vogal (/pɔt/) geralmente dura mais do que a oclusiva em contextos de não apagamento (/pit/).

Mateus (1993), Delgado-Martins (1996), dentre outros⁹², observam que o cancelamento da vogal vai de encontro a princípios universais relacionados à silabificação e envolve de certa forma mecanismos de re-estruturação silábica⁹³. Visto isso, acredita-se que a estrutura da sílaba em que ocorrem as pretônicas <e> e <o> pode

⁹¹ Cf. capítulo 3.2.

⁹² Idem.

⁹³ Há discussão no meio científico sobre o nível em que se encontra a re-estruturação silábica provocada pelo cancelamento da vogal, se fonético ou fonológico.

estar, de algum modo, facilitando, dificultando e/ou bloqueando o cancelamento das vogais no PE.

Acredita-se ainda que as sílabas do tipo CV, de estrutura mais simples, estejam mais aptas a apresentar o cancelamento das pretônicas <e> e <o> que o das sílabas de estrutura mais complexa, de ataque complexo ou com consoantes em *coda*. A nasalidade é considerada fator inibidor do cancelamento, pois envolve travamento silábico⁹⁴.

O grupo é constituído de nove fatores, discriminados a seguir:

#V\$C	exceção da bola	(PE-90, H-1)
#VC _{nasal} \$C	conseguimos en contrar	(PE-90, M-2)
#VC _{palatal} \$C	es crito no local	(PE-70, H-1)
#VC _{líquida} \$C	o rganizar uma sociedade	(PE-90, M-1)
CV\$C	Dizer numa g eração	(PE-70, H-3)
CCV\$C	que está p recisando	(PE-70, H-1)
CVC _{nasal} \$C	con seguimos encontrar	(PE-90, M-2)
CVC _{palatal} \$C	forma de d esespero	(PE-70, H2)
CVC _{líquida} \$C	A d iversão era essa	(PE-90, H-1)

- **Posição da sílaba no vocábulo**

O mecanismo de redução vocálica em português é sensível aos graus de tonicidade/atonicidade silábica. Visto isso, é possível que a posição da sílaba átona que contém as pretônicas <e> e <o> em relação à sílaba tônica da palavra esteja influenciando para a realização/não-realização da vogal, acreditando-se que quanto maior a proximidade da sílaba tônica, maior a chance de não realização da vogal pretônica.

A proximidade/distanciamento da sílaba átona em relação à tônica é fator observado em pesquisas que investigam o cancelamento das vogais em PE, como nas de Andrade (1984)⁹⁵ e Rodrigues (2000).

A variável compõe-se de seis fatores, os quais controlam seis posições à esquerda da tônica:

⁹⁴ Cf. item 4.2.

⁹⁵ Cf. item 3.2.

Posição 1	n ormal essa insistência	(PE-70, H-2)
Posição 2	pr ocuramos realmente	(PE-70, H-2)
Posição 3	a r econhecer	(PE-70, H-1)
Posição 4	em col aboração	(PE-70, H-2)
Posição 5	da h ereditariedade	(PE-70, H-2)
Posição 6	à com ercialização	(PE-90, H-3)

(ii) *Variáveis extralinguísticas:*

Como observa Labov:

em toda a comunidade existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência. Eles exibirão uma alternância estilística maior do que aqueles que não reconhecem tais padrões (LABOV, 2008: 251)

Os falantes não aceitam o fato de que duas expressões diferentes realmente "têm o mesmo significado" e existe uma forte tendência a atribuir diferentes significados a elas. Se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística. Sturtevant (1947) propôs um modelo geral de mudança linguística, mostrando a oposição de duas formas, cada qual favorecida por um grupo social particular. Quando a questão fica resolvida, e uma forma se torna universal, o valor social atribuído a ela desaparece (LABOV, 2008: 290, 291).

- Faixa etária

Labov (2008: 317), ao explicar a mudança sonora em progresso, indica “*uma grave dificuldade: temos pouquíssima informação sobre o estado da sociedade em que a maioria das mudanças linguísticas ocorreram*”. O problema pode ser resolvido, em parte, com a técnica de observação dos comportamentos dos falantes em *tempo aparente*, ou seja, gravam-se intencionalmente falantes de diferentes faixas etárias.

Os falantes com mais idade refletem a fala da comunidade há mais ou menos 40 ou 50 anos, isto é, refletem a língua como era utilizada na época de sua juventude, “*Competências linguísticas estão correlacionadas ao seu uso das variantes linguísticas quando eram socialmente significantes em sua juventude*”⁹⁶ (LABOV, 1994: 46), ou de seu processo de aquisição da linguagem, “*a fala dos mais velhos tende a refletir o estado da linguagem quando eles a adquiriram*”⁹⁷ (G. SANKOFF, 2002: 2).

Os mais jovens tendem a utilizar as formas inovadoras presentes no sistema e a desprezar arcaísmos. O movimento contrário ao padrão tende a ocorrer com mais intensidade nos adolescentes e pré-adolescentes: “*adolescentes, e preadolescentes, são a vanguarda no progresso da mudança linguística, e qualquer estudo deve estar seguro de incluir extensa gravação dessa fala*”⁹⁸ (LABOV, 1994: 47). Outra característica dos mais jovens é a pouca pressão social que sofrem do mercado de trabalho, característica que partilham com a faixa etária dos mais velhos.

Os falantes adultos são considerados os que mais sofrem a pressão do mercado de trabalho, tendo de se adequar aos padrões sociais, para disputar as concorridas vagas nos empregos. De maneira geral, seu perfil busca as formas padrão da língua, porém, eles não costumam valorizar arcaísmos e absorvem inovações do sistema, desde que não sofram grau elevado de estigmatização.

A pesquisa de Gauchat (1905, apud: LABOV, 2008: 42), em *tempo aparente*, no dialeto de Charmey, na Suíça, observou na fala de três gerações – maiores de 60 anos, entre 30 e 60, e abaixo de 30 anos – quatro fenômenos linguísticos variáveis (LABOV, 2008: 320, 321): a palatalização de (t̪); a monotongação de (ao); a ditongação da vogal

⁹⁶ “*linguistic skills is correlated with their use of the linguistic variables that were socially significant in their youth*”.

⁹⁷ “*speech of older people tended to reflect the state of the language when they had acquired it*”.

⁹⁸ “*adolescents, and preadolescents, are the leading edge in the progress of sound change, and that any study must be sure to include extended recording of their speech*”.

posterior (ɒ) e a ditongação de (ɛ)⁹⁹. A fala dos mais jovens e da faixa intermediária, de um modo geral, indicaram resultados relacionados às formas inovadoras (palatalização, monotongação e as duas ditongações), o que deu base a Gauchat para sugerir que seriam mudanças em progresso.

Em 1929, Hermann voltou ao local, realizando nova pesquisa focalizando os mesmos fenômenos de Gauchat, confirmando a maioria dos resultados do estudo anterior, porém, refutando um deles, que mostrou estabilidade.

O estudo de Labov (1963) na ilha de Martha's Vineyard, que observa a centralização de (ay) e (aw) em duas épocas distintas – em 1933, com base no Atlas Linguístico LANE (*Linguistic Atlas of New England*), e em 1963, com base em sua própria recolha de dados – revela resultados significativos em relação à faixa etária.

Enquanto o Atlas não mostra nenhuma centralização de /aw/ e revela centralização moderada de /ay/ em falantes com idade entre 56 e 82 anos, o estudo de Labov revela que “*A centralização de (ay) e (aw) parece exibir um aumento regular em faixas etárias sucessivas, alcançando um pico no grupo de 31 a 45 anos*” (LABOV, 2008: 41). Porém, tais centralizações mostram-se conservadoras em relação à evolução dos ditongos em inglês, não sendo normalmente formas de prestígio fora da ilha.

Sendo assim, após confrontar e relacionar os dados de faixa etária com outras variáveis sociais, a conclusão do autor vai em direção ao fator *identidade*, ou seja, naquela comunidade de fala, a centralização do ditongo equivale à afirmação de pertencimento à sociedade local, “*o significado imediato desse traço fonético é ‘vineyardense’. Quando um homem diz [rɛɪt] ou [hɛvs], está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence*” (LABOV, 2008: 57).

No trabalho aqui proposto, observa-se o fenômeno com base em três gerações de falantes:

- Faixa 1- 18 a 35 anos
- Faixa 2- 36 a 55 anos
- Faixa 3- 56 anos em diante

Acredita-se que o comportamento da variável faixa etária corrobore as tendências de cada variedade do português: em PB, delinea-se rumo a fortalecer o

⁹⁹ Os fones encontram-se entre parênteses, pois não se discute aqui sua natureza fonética ou fonológica.

sistema das médias pretônicas, herdado do português clássico, e em PE, tende a corroborar as mudanças realizadas a partir do século XVIII, em direção à eliminação da pronúncia das vogais médias pretônicas.

- Gênero

Gauchat, no estudo acima referido (apud: LABOV, 2008: 345,346) detectou mudança em progresso, ressaltando o papel das mulheres nesse processo: elas usavam mais as formas inovadoras do que os homens. Ao comentar seus resultados, fornece dados interessantes sobre as mulheres de Paris, ao revelar a sua fama de "iniciadoras de mudanças linguísticas".

Tal estudo, um dos precursores em relação à variável gênero, revela a dinâmica que tal variável pode oferecer a uma pesquisa em sociolinguística, pois a estratificação social dos gêneros masculino e feminino segue linhas heterogêneas no decorrer da História da sociedade ocidental, em linhas gerais. A começar pela estruturação familiar, em que coube/cabe ainda à mulher - ao menos no Brasil - o maior trato com a educação inicial das crianças.

Labov (2008: 347) baseia-se na estrutura familiar ao formular um argumento para tentar explicar por que as mulheres são mais sensíveis às formas linguísticas de prestígio e costumam avançar mais rápido do que os homens em fenômenos de variação:

Na medida em que os pais influenciam a língua inicial das crianças, as mulheres influenciam mais ainda; as mulheres certamente conversam mais do que os homens com as criancinhas e têm uma influência mais direta durante os anos em que as crianças estão formando regras linguísticas com maior rapidez e eficiência.

Com isso, o autor confere às mulheres "*especial sensibilidade (...) a todo o processo*", referindo-se a processos de mudança linguística. Na mesma obra, oferece mais informações sobre a variável gênero. Pode-se destacar a explanação sobre o seu trabalho "*A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos da cidade de nova York*", de 1966, no qual observa que as mulheres são mais sensíveis ao uso da pronúncia padrão do (r) pós vocálico do que os homens.

Como exemplo disso, podem-se observar as frequências gerais de uso/aplicação do (r) padrão novaiorquino (LABOV, 2008: 72, 77): na primeira amostragem, índices

gerais (mulheres e homens) revelam, dentre outras informações, a loja *Sacks* (de *status* mais alto) com 30 % de aplicação e *Macy's* (de *status* mediano) com 20% de aplicação. Na segunda amostragem, em que só mulheres brancas foram levadas em conta, *Sacks* demonstra um percentual de 33% e *Macy's*, 28% de aplicação.

Tais resultados revelam que a) as mulheres se mostram acima da média geral para o uso da forma padrão, b) a diferença dos índices gerais da primeira amostragem entre as duas lojas era de 10%, na segunda amostragem, a diferença cai para 5%, ratificando a maior disseminação do uso padrão de (r) pós vocálico na fala feminina.

Por conseguinte, a pesquisa com as lojas de departamentos revela outra face do gênero feminino: a sua participação no mercado de trabalho. Sendo assim, além da justificativa anteriormente relacionada ao trato das mulheres com as "criancinhas", a sua atividade profissional é fator importante, pois na competição diária pelas "fatias" do mercado, inclusive com os homens, o gênero feminino tende a reforçar sua sensibilidade às formas de prestígio, demonstrando maior preocupação com a autoimagem do que os homens, como exemplifica Labov (2008: 346) ao observar, no inglês de Nova Iorque, que elas revelam desempenho diferente dos homens na fala monitorada:

Caso após caso, descobrimos que as mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada. (...) as mulheres estão quase uma geração inteira à frente dos homens no alçamento de (eh)¹⁰⁰.

Existem tendências gerais para a variável gênero, entretanto, a estrutura sócio-cultural da comunidade pode revelar comportamentos particulares, diferentes dos padrões gerais. Tal fato pode ser observado, por exemplo, em grupos sociais onde a mulher não apresenta participação significativa no mercado de trabalho e possui pouca mobilidade social. Em tais grupos, a fala das mulheres pode igualar-se à fala dos homens, não havendo destaque do gênero feminino em relação às formas de prestígio ou inovadoras, conforme observa Chambers (2002: 354).

¹⁰⁰ Fonte citada pelo autor: Labov, Yaeger & Steiner (1972) *A quantitative study of sound change in progress*. Relatório final para a Nation Science Foundation, contrato nº NSF-GS-3287. Philadelphia, Pa.: U. S. Regional Survey. Cap. 3.

Labov, com base em mais de três décadas de pesquisa em sociolinguística, fez uma síntese de tendências comuns da variável gênero, às quais denominou princípios¹⁰¹:

Principle I in stable sociolinguistic stratification, men use a higher frequency of nonstandard forms than women.

Principle Ia in a change from above, women favour the incoming prestige forms more than men.

Principle II in change from below, women are most often the innovators. (LABOV, 1990: 210, 213, 215)¹⁰²,

No trabalho que aqui se apresenta, pretende-se verificar a contribuição da variável gênero para o estudo do alteamento das vogais médias pretônicas em PB e em PE. Acredita-se que as mulheres estejam valorizando a pronúncia padrão nas duas comunidades de fala, ou seja, em PB, tendem à manutenção das médias pretônicas, e, em PE, dão preferência ao cancelamento das pretônicas em estudo.

Ressalta-se ainda que em PE há quatro possibilidades de produção da média pretônica, [e, i, ĩ, ø]. Acredita-se que as mulheres irão preferir a variante de maior prestígio no sistema de PE, ou seja, caso se confirme a hipótese da preferência feminina pelo cancelamento das pretônicas, provavelmente, a variante [ø] estaria apresentando prestígio no sistema da comunidade de fala – neste caso, de Lisboa.

Análise em tempo real

O fenômeno será avaliado nas comunidades investigadas em tempo real do tipo tendências (*trend study*), em diferentes décadas do século XX:

- Década de 70
- Década de 90

101

Princípio I em uma estratificação sociolinguística estável, homens usam, com mais frequência, as formas linguísticas não padrão do que as mulheres.

Princípio Ia em mudanças de cima para baixo, mulheres são mais receptivas às formas de prestígio do que homens.

Princípio II em mudanças linguísticas de baixo para cima, as mulheres são frequentemente mais inovadoras. [tradução nossa]

¹⁰² In: CHESHIRE, 2002: 425, 426.

Quanto ao alteamento das vogais pretônicas no PB, observa-se que é um fenômeno considerado estável e, por alguns estudiosos, em via de regressão, enquanto o cancelamento da vogal, no PE, estaria ganhando mais espaço.

Assim, acredita-se que, no PB, os mais jovens estejam tendendo a mostrar retração no uso das variantes alteadas e, em PE, inversamente, os mais jovens estejam apresentando tendência a cancelar a vogal.

Analisa-se os dados em *tempo aparente* e em *tempo real*, possibilitando a observação da evolução do comportamento das pretônicas na fala das mesmas comunidades. Com base nisso, pode-se averiguar se a comunidade tende à mudança ou à estabilidade.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, será realizada a análise de <e> e, em seguida, a de <o>, observando-se, em conjunto, as décadas de 1970 e 1990, em cada variedade. Cabe lembrar que se objetiva determinar os fatores que condicionam (a) o alteamento no Português do Brasil e (b) o cancelamento no Português Europeu.

5.1 O alteamento das pretônicas no Português do Brasil

5.1.1 A vogal <e>

(A) No *corpus* 70

A análise da média anterior baseou-se em 439 dados, dos quais 113 apresentaram vogal alta (26%). No quadro a seguir, expõem-se os resultados obtidos na rodada mais significativa em que se confrontaram as variantes [i] e [e] e que teve como valor de aplicação o alteamento.

ALTEAMENTO DA VOGAL ANTERIOR / PB 1970					
Grupos de fatores selecionados	Ordem de seleção	Ocorrências		INPUT	SIGNIFIC.
		Número	%		
Contexto antecedente	1º	113/439	26	.16	.013
Altura da vogal da sílaba subsequente	2º				
Contexto subsequente	3º				
Faixa etária	4º				

Quadro 17: Índices relativos ao alteamento de <e> no *corpus* de PB da década de 1970

(B) No *corpus* 90

Na década de 90, o estudo, feito nos mesmos moldes da análise da de 70, conta com 448 dados, tendo-se obtido índice de 25% de alteamento. Percebe-se, desta forma, praticamente a manutenção tanto da frequência de 70 (25%/26%) quanto da ordem de importância dos grupos de fatores selecionados (cf. quadro 15, abaixo), à exceção do quarto, que, em 70, é de natureza social e em 90, de natureza linguística.

A princípio, investigando-se apenas os dados percentuais, tem-se a impressão de que quase nada se alterou em duas décadas. Entretanto, a mudança linguística verificada em tempo real deve-se à atuação do fator geracional, conforme será visto a seguir.

ALTEAMENTO DA VOGAL ANTERIOR / PB 1990					
Grupos de fatores selecionados	Ordem de seleção	Ocorrências		INPUT	SIGNIFIC.
		Número	%		
Contexto antecedente	1º	114/448	25	.13	.000
Altura da vogal da sílaba subsequente	2º				
Contexto subsequente	3º				
Classe de palavras	4º				

Quadro 18: Índices relativos ao alteamento de <e> no *corpus* de PB da década de 1990

A apresentação dos grupos selecionados priorizará, sobretudo por questões práticas, além da ordem de seleção do programa computacional, os grupos de natureza linguística, optando-se por deixar a análise dos grupos de natureza extralinguística e, conseqüentemente, a discussão sociolinguística para o fechamento da análise das anteriores no PB e no PE.

a- Contexto antecedente¹⁰³

Contexto Antecedente	Déc. 70			Déc. 90			Exemplos
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.	
Ataque vazio	56/80	70%	.91	49/70	70%	.92	enorme, esportes
Labiais	20/113	18%	.45	8/132	6%	.23	felizmente, pequena
Alveolares Sibilantes	11/43	26%	.58	11/32	34%	.73	desespero, insegurança
Alveolares não sibilantes	10/128	8%	.25	18/123	15%	.47	paletó, desestimular
Palatais ¹⁰⁴	4/16	25%	.64				conhecidos, conhecia
Velares	3/50	6%	.28	5/48	10%	.35	queria, esquecidas

Tabela 18: Atuação da variável *Contexto antecedente* no alteamento de <e> no PB 1970 & 1990

¹⁰³ O grupo das africadas pós-alveolares, [tʃ, dʒ], não foi levado em conta para contexto antecedente, pois admite-se que a palatalização ocorre por influência de [i], ou seja, é a vogal já alteada que influencia as alveolares /t, d/ a se concretizarem como africadas.

¹⁰⁴ As ocorrências de palatais são relativas a palavras derivadas do radical *conhec-*, apenas em 70.

Em 70 e em 90, o contexto *ataque vazio* foi o que mais favoreceu o alteamento da média anterior (p.r. .91 e .92, respectivamente). Williams (1961) indica o <e> pretônico do latim vulgar, em início de palavra, como um segmento vulnerável ao alteamento, em ocorrências como em *eclesiam* > *egreja* > *igreja*; fato que, segundo o autor, nem sempre tem reflexo na grafia, como em *eruiliam* > *ervilha*, pois o <e> gráfico realiza-se como vogal alta (cf. item 2 desta pesquisa, em que o autor parece basear-se na fala do PE).

O *ataque vazio* parece atuar fortemente em PB (como será visto a seguir) em conjunto com outros fatores, representando, inclusive, quase a **metade** das ocorrências do *corpus* de vogais alteadas em PB, ou seja, tal fato demonstra que o alteamento de <e> encontra-se muito difundido nesse contexto. Mesmo sendo de alta produtividade, encontram-se nos *corpora* exemplos variados de itens lexicais que não apresentam alteamento, como: [e]letrônico, [ẽ]baixada, [e]xemplo, [e]xercícios, [e]xiste.

O *fator ataque vazio*, porém, não atua sozinho, pois, ao realizar-se um cruzamento entre *contexto antecedente* e *contexto subsequente*, revelou-se uma ligação entre os dois fatores mais produtivos de cada grupo – *ataque vazio* (em *contexto antecedente*) e as palatais em *codas* (em *contexto subsequente*).

Em 70, com exceção do item lexical *enorme* (6 oco.), 34 ocorrências (60% do total de 56 dados) com *ataque vazio* combinam-se com palatais em *codas*. As outras 16 distribuem-se da seguinte forma:

- a) vogal nasal, nos itens lexicais *engraçado, engraçada, encontraram, então*;
- b) vogal alta tônica na sílaba seguinte nas formas verbais *existem, existe*.

Portanto, a nasalidade, que em PB tem influência para o alteamento de <e> (atingindo, no nível 1, peso relativo de .72, enquanto as não nasais ficaram com .49), e a altura da vogal subsequente – fator atuante na rodada em análise – também contribuem para o alteamento em PB em contexto de *ataque vazio*.

Em 90, com exceção do item *exatamente* (2 oco.), 63% das ocorrências (31) também apresentam palatais em *codas*. As 16 ocorrências restantes distribuem-se como vogal nasal, nos itens lexicais: *enfim, então, enlatados, enfronhado, entravam, embora, empresa*.

Nas duas décadas, as alveolares sibilantes [s, z] (respectivamente, p.r. .58, em 70 e .73, em 90), de traço [+ anterior], mostraram-se relevantes para o alteamento, mas, também aqui, parecem atuar, mais uma vez, em conjunto com fatores de outra natureza:

- a) contexto subsequente com palatal em *coda* → em 70: *desespero*; em 90: *desestimular*, *desestimulado*, *desestimulavam*;
- b) vogal alta tônica em sílaba seguinte → em 70: *insegurança*, *seria* (2 oco.), *segundo* (3 oco), *seguinte* (3 oco); em 90: *consegui* (3 oco), *conseguiu*, *consequimos*, *segundo* (2 oco);

Além do fator palatal em *coda*, os exemplos do item (a), acima, revelam *de(s)* como contexto propício para a elevação da média, como vem sendo observado em estudos sobre as pretônicas, conforme comentário de BRANDÃO & CRUZ (2005: 4):

...predomínio de alteamento, o que parece ser a tônica em vocábulos que se iniciam com a sequência *de(s)* – *desovar*, *desmaio*, *devagar* –, quer seja ela um prefixo ou não. Trabalhos variacionistas (CALLOU et alii, 1995) têm indicado a presença da média anterior no prefixo *des-* como um dos fatores condicionantes da elevação da vogal.

Assim sendo, as alveolares sibilantes destacam-se em contexto antecedente, atuando em conjunto com outros contextos propícios à realização do alteamento.

Em 70, dos elementos consonantais, há destaque para a palatal [ɲ], porém, com reduzido número de dados. O segmento ocorre nas palavras derivadas do radical “*conhec-*”: *conhecia*, *conheci*, *conhecimentos*, *conhecidos*, exemplos que poderiam sugerir além da influência do traço [+alto] da consoante palatal, a influência de [i] nas sílabas subsequentes ao <e> alteado.

b- Altura da vogal da sílaba subsequente

A hipótese inicial deste grupo, contemplava as possíveis influências de dois fatores conjugados : tonicidade e altura da vogal da sílaba subsequente (cf. item 4.2, em que se descrevem as variáveis). Foram realizadas rodadas para a análise da influência desses fatores em conjunto, o que resultou na conclusão de que a altura das vogais, nos *corpora* analisados, é mais significativa que a tonicidade. Sendo assim, reformulou-se a variável que passou a contar com apenas dois fatores: vogal [+ alta] e vogal [- alta]

Em ambas as décadas, a presença do traço [+ alto] na vogal da sílaba subsequente configura-se como fator atuante, pois o alteamento ocorre com maior frequência quando a pretônica <e> se localiza em sílabas que antecedem imediatamente sílabas que possuem vogais altas, com índices bastante expressivos (p. r. .78, na década de 70, e .72, na de 90). A Tabela 19, a seguir, expõe os dados da variável:

Altura da vogal da sílaba subsequente	DÉC. 70			DÉC. 90			EXEMPLOS
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.	
Vogais + altas	57/140	41%	.78	49/138	36%	.72	parec <u>ido</u> , insegur <u>an</u> ça
Vogais – altas	56/299	19%	.36	65/310	21%	.40	senh <u>o</u> ra, dep <u>o</u> is, pequ <u>e</u> no

Tabela 19: Atuação da variável *Altura da vogal da sílaba subsequente* no alteamento de <e> no PB 1970 & 1990

Williams (1961:56) observa, desde o latim vulgar, a atuação das vogais altas influenciando vogais médias, como mostram os exemplos: *prensionem* > *presionem* > *prijom* > *prisão*; *aequalem* > *igual*.

Do ponto de vista sincrônico, estudos comprovam a influência das vogais altas para o alteamento no PB, entre os quais os de SILVA (1991), sobre a fala recifense, o de Yacovenco (1993), sobre a fala do Rio de Janeiro, o de Viegas (1997), para Belo Horizonte e o de Bisol (1981), que reconhece a harmonização vocálica como o fenômeno assimilatório de maior eficiência no extremo sul do país.

c- Contexto subsequente

Para o alteamento das anteriores nas duas décadas observadas, as fricativas palatais em *coda* mostraram-se como o contexto mais atuante. Neste caso, por assimilação regressiva, a vogal anterior média adquire o traço [+ alto] por influência do traço [+ alto] da palatal. As palatais em ataque destacam-se também para ambas as décadas, ficando em segundo lugar.

Desta forma, as palatais demonstram influência para o alteamento de <e>, sendo que a posição em *coda*, além de demonstrar maior número de dados, mostrou-se mais

significativa, talvez pelo fato de o elemento influenciador estar na própria sílaba da vogal alteada

Williams (1961:55) destaca, posteriormente ao latim vulgar, a influência das palatais [ʒ, ɲ, ʎ] em contexto subsequente (*melio**re**m* > *mi**lh**or* [arcaico] > *me**lh**or*¹⁰⁵) e também [ʃ] em posição de *coda* (*ue**st**ire* > *ve**st**ir*¹⁰⁶ (cf. item 2). A Tabela 20, a seguir, contém os dados da variável:

Contexto	Déc. 70 ¹⁰⁷			Déc. 90			Exemplos
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.	
Subsequente							
Labiais	7/64	11%	.26	22/59	37%	.68	fute bol , dem ai s
Alveolares	20/108	19%	.43	21/115	18%	.35	Ex at amente,
Sibilantes							pare ci do
Alveolares não sibilantes	24/117	21%	.51	12/103	12%	.36	palet ó , feliz me nte
Alveopalatais/Palatais em ataque	5/22	23%	.64	4/24	17%	.73	me x ido, sen h ora, me lh or
Palatais em coda	43/50	86%	.90	46/73	63%	.84	est á veis, ve st ir
Velares	12/76	16%	.41	8/73	11%	.31	inseguran ça , pe qu ena

Tabela 20: Atuação da variável *Contexto subsequente* para o alteamento de <e> no PB 1970 & 1990

Do ponto de vista sincrônico, destaca-se o trabalho de Bisol (1981), em que, em contexto subsequente, as palatais¹⁰⁸ se mostraram o fator mais influente para o alteamento de <e>, processo que ocorre preferencialmente em conjunto com a vogal alta da sílaba seguinte como em *vestida* e *mexido* (BISOL, 1981: 95). Ainda segundo a autora, no PE, a consoante palatal não necessita da atuação da harmonização vocálica para que o alteamento se efetive, como servem de exemplo: *fechar* e *telhado*, pronunciados com vogal alta (BISOL, 1981: 95).

¹⁰⁵ Segundo o autor, a vogal *e* de “melhor” ocorre apenas na grafia.

¹⁰⁶ Conforme nota anterior, vogal *e* apenas na forma gráfica para a palavra “vestir”.

¹⁰⁷ No *corpus* 70, houve apenas 2 casos de consoantes africadas pós-alveolares, que não foram levados em conta para a rodada.

¹⁰⁸ Para a fala sulista, as velares também se mostraram influentes para <e> no estudo da autora.

Em 70, as alveolares não sibilantes ficaram com peso relativo próximo à neutralidade (.51). A princípio, estariam atuando por compartilharem o traço [+anterior] com a vogal [i], porém, excluindo-se o item lexical *paletó*, os contextos em que ocorreram mostram condicionantes de outra natureza, ou seja, demonstram que funcionam em co-atuação com outros fatores. Os itens lexicais relativos ao fenômeno são:

- a) ataque vazio: enorme(s) (6 oco.);
- b) ataque vazio e nasalidade: então (4 oco.);
- c) presença de vogal alta na sílaba seguinte: veludo, seria, menino(a)(s) (7 oco.), felizmente, seria (2 oco.), poderiam.

Em 90, destacaram-se, ainda, em contexto subsequente, com peso relativo maior que o das alveolares não sibilantes (cf. Tabela 20), as labiais, consideradas relevantes por Silva (1991) e que também parecem estar agindo em co-atuação com outros fatores, tais como:

- a) ataque vazio e/ou nasalidade: empresa, embora, enfim, desenvolvimento;
- b) presença de vogal alta na sílaba seguinte: prefiro, devia;
- c) presença de sequência de(s): debaixo, demais.

d- Classe de palavras

Para investigar a atuação do grupo *classe de palavras*, inicialmente, realizou-se a análise considerando cada uma delas um fator específico. No decorrer da análise, no entanto, observou-se que seria mais interessante distribuí-las por quatro grupos, o que revelou que o cancelamento percorre, de modo geral, um *continuum*, sendo mais produtivo no grupo que reúne *conjunção, preposição, numeral e pronome* e menos produtivo no que engloba adjetivos e substantivos (o grupo dos nomes), como se verifica na Tabela 21, abaixo, formada com base em dados percentuais fornecidos pelo programa Makecell, versão 2.5.

Distribuição por classes de palavra					
FATORES	DÉC. DE 70		DÉC. DE 90		EXEMPLOS
	Oco.	%	Oco.	%	
Conjunção, preposição, numeral & pronome	6/10	83%	9/24	57%	segundo, nenhum
Advérbio	9/30	30%	17/40	42%	Exatamente, demais
Verbos	38/119	32%	46/132	35%	Prefiro, escrito
Adjetivo, substantivo (comum e próprio)	60/280	21%	42/252	17%	Esporte, melhor, Estados Unidos*, veludo

Tabela 21: Distribuição por classes na variável *Classe de palavras* para o alteamento de <e> no PB 1970 & 1990

Sendo assim, de acordo com o comportamento dos dados, resolveu-se formar um grupo binário que compara o desempenho dos nomes com os dos não nomes.

CLASSE DE PALAVRAS ¹⁰⁹	DÉC. 70			DÉC. 90			EXEMPLOS
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.	
Não nomes	53/159	33%		72/196	37%	.67	nenhum, segundo
Nomes	60/280	21%		42/252	17%	.36	expectativa, veludo

Tabela 22: Atuação da variável *Classe de palavras* no alteamento de <e> no PB 1970 & 1990

Como se observa na tabela acima, o grupo dos não nomes, entre os quais se incluem os verbos, revela maior índice de alteamento, com maior índice percentual para os não nomes na década de 70 e, em 90, com peso relativo de .67, ficando o grupo dos nomes com peso relativo de .36, resultados que comprovam a hipótese inicial formulada para a variável.

e- Variáveis sociais

- **Faixa etária**

Tal como ocorre com o alteamento de <o> (que se verá no item 5.2), o de <e> mostra tendência à ascensão em 1970 (cf. Tabela 23). A variável *faixa etária*, que foi selecionada pelo programa nessa década, não o foi na de 90. Em 70, os mais jovens apresentam os índices mais altos (p.r. .65) e os adultos e os mais velhos p.r. abaixo de

¹⁰⁹ Para o *corpus* 70 não foi selecionado. Será mostrado apenas para termos comparativos com a década de 90.

.50, conforme ilustra o Gráfico 1, que sugere, em tempo aparente, um processo de mudança.

FAIXA ETÁRIA	DÉC. 70			DÉC. 90		
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.
Faixa 1	45/126	36%	.65	41/199	21%	
Faixa 2	37/150	25%	.47	29/125	23%	
Faixa 3	31/163	19%	.42	44/124	35%	

Tabela 23: Atuação da variável *Faixa etária* no alteamento de <e> no PB 1970 & 1990

Ainda em relação à Tabela 23, observe-se, levando-se em conta os índices percentuais, que, em 90, o quadro parece inverter-se: os mais velhos apresentam 35% de alteamento, enquanto os mais jovens, 21%.

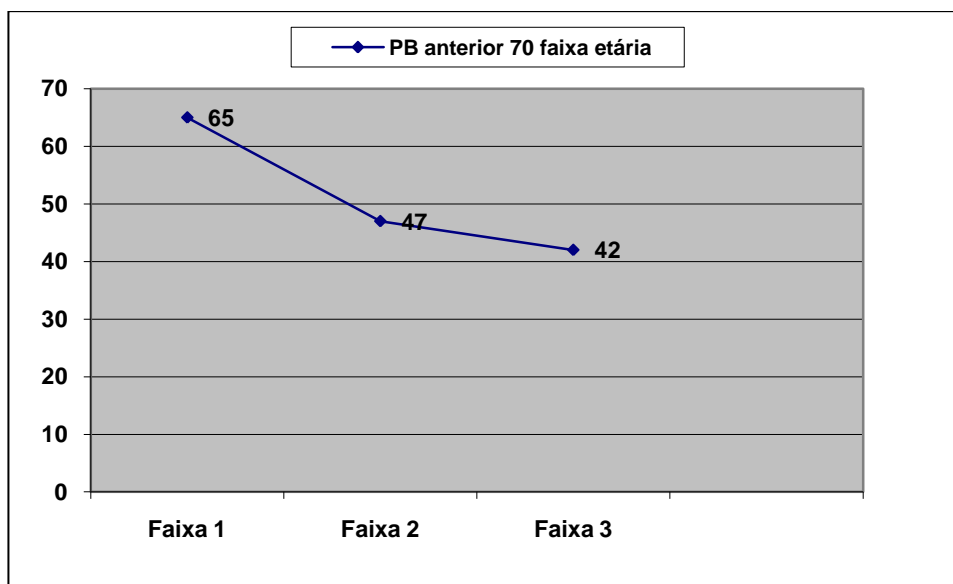


Gráfico 1: Atuação, com base em pesos relativos, da variável *Faixa etária* para o alteamento de <e> no PB 1970

Ao se cruzarem as variáveis *faixa etária* e *gênero* (cf. Gráfico 2), percebe-se que os mais jovens encabeçam o uso de [i] tanto na fala masculina (40%), quanto na feminina (27%). Além disso, em 70, os homens ultrapassam os índices das mulheres nas três faixas, o que leva à conclusão de que, nessa década, o alteamento é liderado pelos mais jovens e pelos homens.

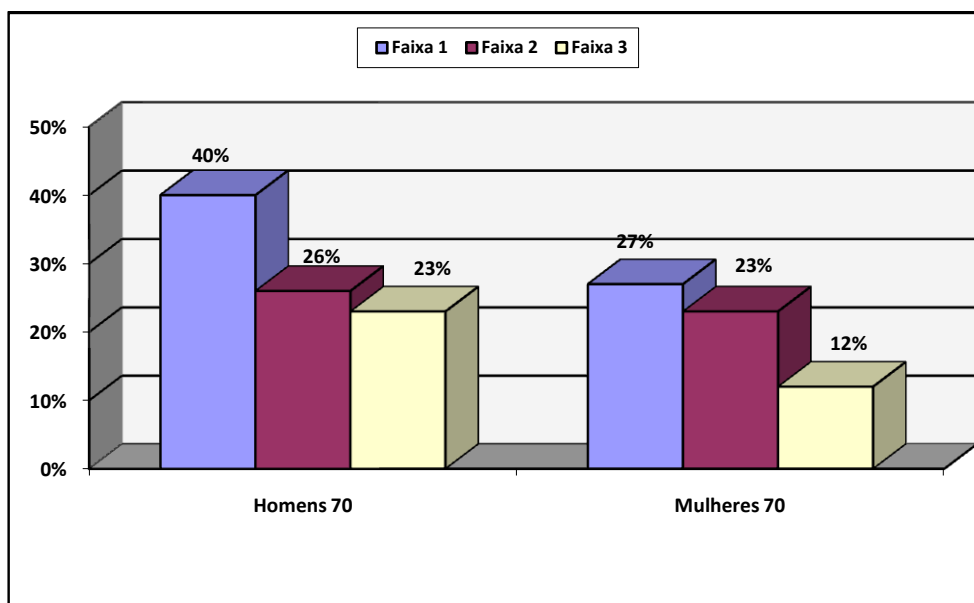


Gráfico 2: Alçamento de <e> segundo *Faixa etária* e *gênero* no PB 1970

Duas décadas após, a tendência verificada na fala dos jovens dos anos 70 não se confirmou, pois, em 90¹¹⁰, os maiores índices de alçamento de <e> encontram-se na faixa 3, sendo que ainda se nota a preponderância do fenômeno na fala masculina, conforme revela a variável gênero (Tabela 24), com base nos valores percentuais.

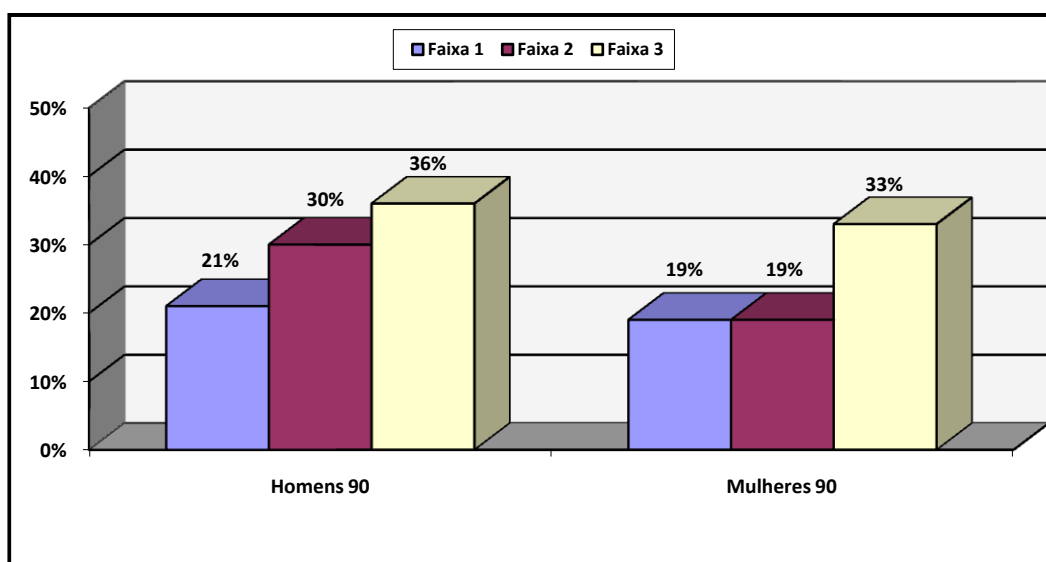


Gráfico 3: Alçamento de <e> segundo *Faixa etária* e *gênero* na década de 90 em PB

¹¹⁰ O programa não selecionou variáveis sociais para a análise da vogal anterior em PB na década de 90. Sendo assim, os dados de faixa etária e gênero serão analisados em seguida, com base nos valores percentuais, efetivando a análise em tempo real.

Assim sendo, a direção inverteu-se completamente, no sentido de que os jovens, que antes lideravam a implementação do processo de alteamento de <e> em 70, em 90, inversamente, lideram o processo de retração do fenômeno.

Em relação a gênero, as diferenças por faixa etária são mais tênues (com exceção da faixa 2, mais elevada na fala masculina), destacando-se a fala feminina no que tange à retração do uso de [i] na década de 90, isto é, os jovens, especialmente as mulheres, tendem à manutenção das médias. A retração na fala feminina em 90 fica ainda mais explícita na faixa 2 (19%), que apresenta índice idêntico ao das mulheres jovens. Tradicionalmente, nos estudo sociolinguísticos, a faixa 2 é a que engloba informantes mais preocupados com a postura social por estarem atuando plenamente no mercado de trabalho.

Os mais velhos, faixa 3, de ambos os gêneros, denotam índices de alteamento superiores aos dos jovens em geral, o que parece corroborar a idéia de que o processo tende a envolver na fala culta do Rio de Janeiro.

GÊNERO	DÉC. 70			DÉC. 90		
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.
Homem	79/271	29%		79/279	28%	
Mulher	34/168	20%		35/169	21%	

Tabela 24: Índices percentuais referentes à variável *Gênero* no alteamento de <e> em PB 1970 & 1990

A tabela acima corrobora, de modo mais geral, a informação de que os homens continuam à frente do processo de alteamento em 90, contudo, a direção inverteu-se completamente, conforme se pôde visualizar ao se compararem os gráficos 2 (referente à década de 70) e 3 (referente à de 90), que se encontram acima.

5.1.2 A vogal <o>

Como se pode observar, respectivamente, nos quadros 19 e 20, a atuação das variáveis que condicionam o alteamento de <o> é diferenciada nas décadas de 70 e 90, não só em relação a sua ordem de importância, mas também por uma delas (*nasalidade*) só ser selecionada em 70 e outra (*faixa etária*), apenas em 90. Por esse motivo, resolveu-se apresentar as variáveis com base na ordem referente à década de 70, deixando para o final as observações relativas à *faixa etária*, selecionada em 90.

(A) No *corpus* 70

ALTEAMENTO DA VOGAL POSTERIOR / PB 1970					
Grupos de fatores selecionados	Ordem de seleção	Ocorrências		INPUT	SIGNIFIC.
		Número	%		
Contexto antecedente	1 ^a	95/325	29	.16	.012
Classe de palavras	2 ^a				
Altura da vogal da sílaba subsequente	3 ^a				
Nasalidade	4 ^a				

Quadro 19: Índices referentes ao alteamento de <O> no *corpus* de PB 1970

(B) No *corpus* 1990

ALTEAMENTO DA VOGAL POSTERIOR / PB 1990					
Grupos de fatores selecionados	Ordem de seleção	Ocorrências		INPUT	SIGNIFIC.
		Número	%		
Faixa etária	1 ^o	85/377	23	.09	.000
Classe de palavras	2 ^o				
Contexto antecedente	3 ^o				
Altura da vogal da sílaba subsequente	4 ^o				

Quadro 20: Índices referentes ao alteamento de <O> no *corpus* do PB 1990

a) Contexto antecedente

Tanto em 70 quanto em 90, não se registrou alteamento para o contexto de *ataque vazio*, ou seja, em 100% de suas ocorrências obtiveram-se realizações de [o], como nos exemplos: “*temos que observar que*” (H 1, 70), “*e nessa ocasião*” (H 2, 70).

Contexto Antecedente	Déc. 70			Déc. 90			Exemplos
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.	
Labiais	50/123	41%	.64	42/129	33%	.56	<u>b</u> onito, portugu <u>ê</u> s
Alveolares	1/16	6%	.10	1/9	11%	.29	<u>s</u> obrinha,
Sibilantes							absol <u>u</u> tamente
Alveolares não sibilantes	1/58	2%	.06	7/84	8%	.23	<u>p</u> ro <u>c</u> uro, <u>d</u> ormiu
Alveopalatais/Palatais	1/6	17%	.66				são <u>J</u> osé
Velares	42/111	38%	.75	35/122	29%	.66	<u>c</u> oberto, <u>c</u> olher, <u>c</u> olégio

Tabela 25: Atuação da variável *Contexto antecedente* para o alteamento de <o> no PB 1970 & 1990

Com exceção das alveopalatais, com uma ocorrência em 70 (*São José*), os mesmos fatores selecionados para a década de 70 atuam na década de 90: as consoantes labiais e as velares (cf. Tabela 39).

As consoantes **velares**, que têm os traços [+ alto, + posterior], foram as que atingiram os pesos relativos mais altos e, em seguida, as **labiais**, que, por seu ponto de articulação, facilitam a produção das posteriores, vogais arredondadas, o que confirma a hipótese inicial.

Bisol (1981: 154) e Viegas (2006: 48) revelam também as velares e labiais como mais relevantes em contexto antecedente para o alteamento de <o> (cf. Figura 1 e Quadro 8). As palatais (que aqui só se externaram com poucas ocorrências) atuam mais em contexto subsequente¹¹¹ (44%, em 70 e 67%, em 90, em palavras como: *conheci*,

¹¹¹ Variável não selecionada pelo Varbrul.

conchavou), tendência que se confirma também em Bisol (1981: 154) e Viegas (2006: 48). Tais consoantes provavelmente atuam por possuírem o traço [+ alto].

b) Classe de palavras

Em relação à *classe de palavras*, a mesma tendência registrada para o alteamento de <e> verifica-se em relação a <o> nas duas décadas: nos não nomes (conjunções, pronomes, advérbios e verbos) o alteamento incide com mais frequência, comprovando a hipótese inicial do grupo.

CLASSE DE PALAVRAS	DÉC. 70			DÉC. 90			EXEMPLOS
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.	
Não nomes	28/99	28	.58	36/176	20	.65	Procurava, portanto
Nomes	47/205	23	.46	18/170	11	.35	São José, cozinha, impossível

Tabela 26: Atuação da variável *Classe de palavras* no alteamento de <o> no PB 1970 & 1990

A palavra *porque* – que revelou alta frequência de uso, com alteamento praticamente categórico e que, por tal motivo, não foi levada em consideração para a análise probabilística – apresenta, no contexto antecedente, a labial [p] – condicionamento fonético atuante para o alteamento de <o> (cf. Tabela 39) e, em contexto subsequente consoante velar [x]. Além disso, é uma palavra de natureza gramatical, de alta produtividade na fala cotidiana em PB. Note-se que palavras com contexto fonético mais ou menos semelhante (labial + <o> + velar [x]) e de menor frequência na fala corrente não apresentaram alteamento da pretônica, como *forçada* (M-2), *formada* (H-1), *formidável* (M-3).

A seguir, com o auxílio da Tabela 40a e do quadro 21, observa-se a distribuição dos dados por classe de palavra, com o objetivo de realizar algumas reflexões referentes à seleção da variável.

Distribuição por classes de palavra					
FATORES	DÉC. DE 70		DÉC. DE 90		EXEMPLOS
	Oco.	%	Oco.	%	
Conjunção, & pronome	4/20	20%			comigo portanto
Advérbio			1/9	11%	absolutamente
Verbos	24/72	33%	35/132	27%	conheci,
Adjetivo e substantivo (comum e próprio)	47/212	22%	18/170	8%	bonito domingo

Tabela 26a: Distribuição do alteamento de <o> por *Classes de palavras* no PB 1970 & 1990

Na série das posteriores, os não nomes mostraram pouco rendimento nos *corpora*, ficando o destaque do grupo para os verbos, cujas formas com alteamento se elencam a seguir.

<i>Década</i>	<i>Ocos</i>	<i>Formas verbais com alteamento</i>
70	24/72	<i>corria, comia, podia, pod[i]ria</i> <i>conh[e]ço, conh[i]ci, conh[i]cia</i> <i>coberto, acont[ø]sai</i> <i>costumo, cozinhar, cozinhave, procuro</i> <i>colaborei, com[e]cei, com[e]çou, conchavou</i>
90	35/132	<i>conseguiram, dormimos, dormir, dormirmos, dormiu</i> <i>podia</i> <i>comer, conheceram, poderia</i> <i>acostumado, acostumou, costuma, cozinhar, procurava</i> <i>começando, começaria, comecei</i>

Quadro 21: *Formas verbais com alteamento no PB*

Observe-se que as formas acima enumeradas, todas elas muito frequentes nas falas culta e popular, apresentam todos ou pelo menos um dos seguintes condicionamentos:

- (a) vogal alta em contexto subsequente;
- (b) consoante velar ou labial em contexto antecedente;
- (c) palatal em contexto subsequente;

As formas verbais que se mostraram suscetíveis ao alteamento de <o> no PB enquadram-se nos três quesitos elencados por Oliveira (1991: 10) ao sugerir as características das palavras que seriam primeiramente afetadas em caso de mudança:

- a. ocorrem em palavras comuns;
- b. oferecem contextos fonéticos naturais para a ocorrência do fenômeno em estudo;
- c. em sua maioria, representam palavras que ocorrem em contextos informais de fala.

Quanto aos nomes, as tendências parecem ser as mesmas que as apontadas nos verbos, ocorrendo alteamento em palavras como: *bonito(a)(s)*, *fogão*, *colégio*, *cozinha*, *domingo*, *fortuna*

Sob a ótica dos princípios difusionistas, em linhas gerais, o alteamento de <o> em PB se comportaria como uma mudança incipiente (pelo menos na década de 70), atingindo com maior frequência itens lexicais mais vulneráveis a apresentar o fenômeno em questão. Sabendo-se que, na fala carioca, tende-se à manutenção da média na produção das pretônicas, a tendência natural da língua em reduzir as vogais em posições fracas manifesta-se nos *corpora* analisados em contextos mais restritos.

c) Altura da vogal da sílaba subsequente

Os índices que constam da Tabela 27, no que toca tanto à década de 70, quanto à de 90, corroboram o que consta da literatura: as vogais altas da sílaba subsequente influenciam o alteamento de <o>, desencadeando o processo de harmonia vocálica, considerado primordial para a efetivação do alteamento em PB por estudos como os de Silva (1991), Yacovenco (1993), Viegas (1997) e Bisol (1981), já citados anteriormente.

Altura da vogal da sílaba subsequente	DÉC. 70			DÉC. 90			EXEMPLOS
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.	
Vogais altas	53/110	48%	.80	29/105	28%	.73	procuro, sobrinha
Vogais não altas	42/215	20%	.33	56/272	21%	.40	comecei, professores

Tabela 27: Atuação da variável *Altura da vogal da sílaba subsequente* no alteamento de <o> no PB 1970 & 1990

Tais resultados, que ocorrem de forma análoga com <e> (cf. Tabela 20), contribuem para a discussão sobre a influência da tonicidade e da altura da vogal da sílaba subsequente. Câmara Jr. (1969: 24) dá ênfase às sílabas que contêm vogal alta e tônica: “...a vogal alta se substituiu à vogal média correspondente, na pronúncia usual, para a maior parte dos vocábulos que têm vogal alta na sílaba tônica”. Já Bisol (1981: 61) destaca a extensão do fenômeno a outros contextos, observando que o processo de harmonização pode atingir todas as vogais médias em situação pretônica, ou deter-se em apenas uma delas (a mais próxima da alta). Cita o exemplo da palavra *mexerica*, em que seriam mais prováveis as realizações mex[i]rica ou m[i]x[i]rica do que m[i]xerica, uma vez que “o condicionador da regra da harmonização vocálica não é necessariamente uma vogal alta acentuada, contrariando dessa forma uma das colocações registradas na Literatura.”

Portanto, após a realização de vários testes com o auxílio do programa computacional Varbrul, verificou-se que são mormente as vogais altas as responsáveis pelo desencadeamento da harmonia vocálica, não necessariamente as que têm acento tônico.

Comparando-se o que ocorre em PB com o que se verifica no PE e como já explicitado nas tabelas 10 e 11 (cf. capítulo 4), o alteamento de <o> já se encontra bastante avançado no PE, configurando-se inclusive como norma, o que pode ser comprovado pelos índices da Tabela 27a, em que se observa o espraiamento do fenômeno a contextos diversificados.

A frequência de vogais alteadas em 70 em contexto de alta em sílaba subsequente é a mesma – 73% – que em contexto de vogais não altas. Na década de 90, a maior frequência fica para as não-altas – 78% –, o que vai de encontro ao funcionamento da harmonia vocálica.

Altura da vogal da sílaba subsequente / PE	DÉC. 70		DÉC. 90	
	Oco.	%	Oco.	%
Vogais altas	97/132	73	118/161	73
Vogais não altas	199/274	73	158/203	78

Tabela 27a: Atuação da variável *Altura da sílaba subsequente* no alteamento de <o> no PE 1970 & 1990

Com base nisso, percebe-se que a vogal alta em sílaba subsequente no PB exerce função significativa no tocante ao alteamento de <o>, o que praticamente não ocorre em PE, em que a série das posteriores se neutralizou.

d) Nasalidade

Nasalidade	DÉC. 70			DÉC. 90			EXEMPLOS
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P. R.	
Vogal [-nasal]	89/294	30	.53	82/354	23		acostumou, poderia
Vogal [+nasal]	6/31	19	.24	3/25	12		<u>con</u> heceram, <u>acon</u> tecia

Tabela 28: Atuação da variável *Nasalidade* para o alteamento de <o> no PB 1970 & 1990

Conforme previsto na hipótese inicial, o traço [+nasal] funciona como inibidor do alteamento de <o>: ao elevar os formantes de [o], enfraquece o formante 1, resultando no abaixamento da vogal, fato que se configura como um obstáculo ao alteamento da média (Cf. item 4.2.3.2).

Tal tendência também se revela em PE nas duas décadas: em 70, as nasais altearam 22% (as não nasais, 77%) e em 90, as nasais revelaram 18% de alteamento (as não nasais, 83%).

A atuação da nasalidade exemplifica a existência de tendências em comum a ambas as variedades, PB e PE.

e) Faixa etária e gênero

Além da análise da variável *faixa etária*, selecionada em 90 pelo programa computacional, também serão feitas observações sobre o comportamento da variável *gênero*, neste último caso com base em valores percentuais.

Na década de 70, em PB, os jovens (37%) tendem a alrear mais a vogal posterior que os adultos (22%) e idosos (28%), tendência que se observou também quanto a <e> no mesmo período (cf. gráfico 1).

Faixa etária	DÉC. 70			DÉC. 90		
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.
Faixa 1	42/114	37%		9/121	7%	.25
Faixa 2	26/116	22%		27/138	20%	.44
Faixa 3	27/95	28%		49/118	42%	.80

Tabela 29: Atuação da variável *Faixa etária* para o alreamento de <o> no PB 1970 & 1990

Em tempo aparente, a frequência de aplicação do fenômeno, que se mostrou elevada na fala dos jovens, demonstra, por isso, possibilidade de mudança. Entretanto, o quadro sugere estabilidade, pois os adultos, que estão no mercado de trabalho, tendem a retrair o uso das médias alteadas e os idosos diferem dos mais jovens em apenas 9 pontos percentuais e alteiam mais que os adultos. A curva do gráfico 4 abaixo ilustra tal fato.

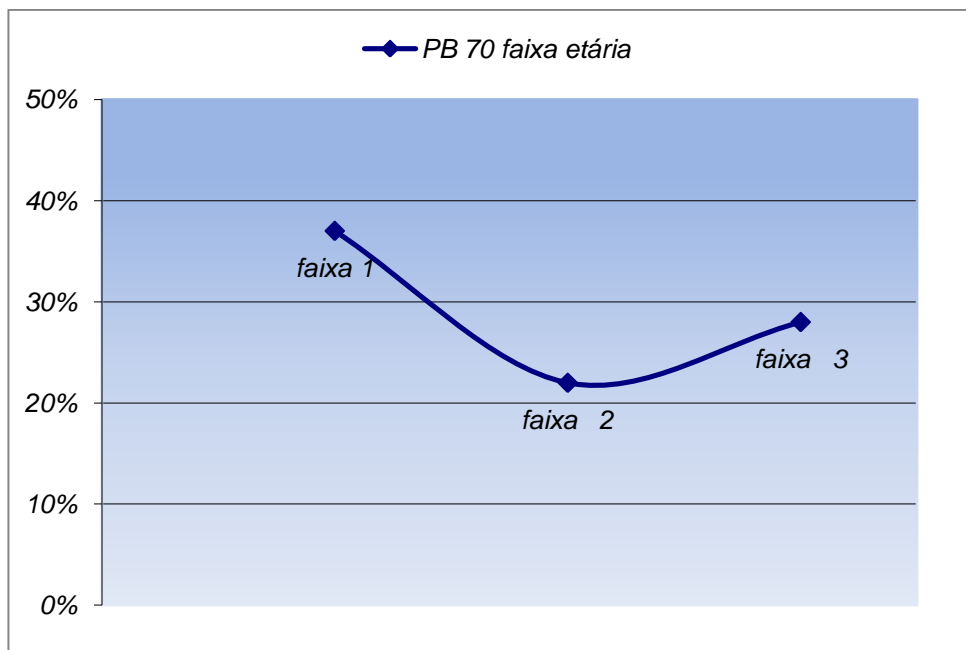


Gráfico 4: Comportamento da variável *faixa etária* para o alteamento de <o> em tempo aparente no PB 1970

O estudo em tempo aparente demonstra, na década de 90, tendências opostas às reveladas em 1970 quanto ao alteamento de <o>, tendências que também se percebem para <e> no *corpus* 90 (cf. gráfico 3). Vinte anos depois, os jovens tendem a alrear menos que adultos e idosos, reduzindo em 30% a frequência da variantes alteada. Em 90, enquanto a faixa 2 não mostrou grandes alterações em seu comportamento, a faixa 3 apresentou os maiores índices de aplicação da regra, como ilustra o gráfico 5, abaixo:

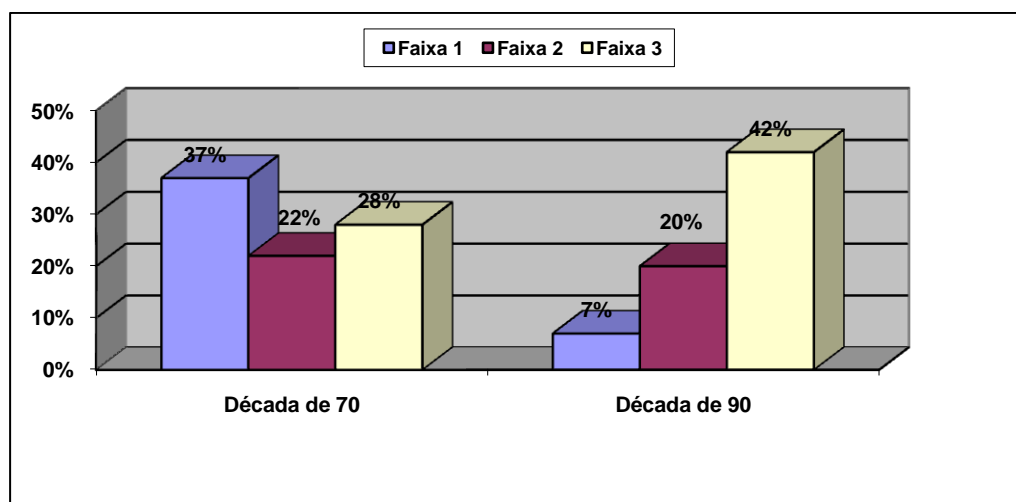


Gráfico 5: Comparação dos índices percentuais de alteamento de <o> no PB por faixa etária nas décadas de 1970 e 1990

Portanto, tal quadro sugere, para a década de 90, mudança em direção oposta à tendência da década de 70, ou seja, a diminuição do índice de alteamento da pretônica média posterior, o que se ilustra no gráfico 6, a seguir, com base nos pesos relativos:

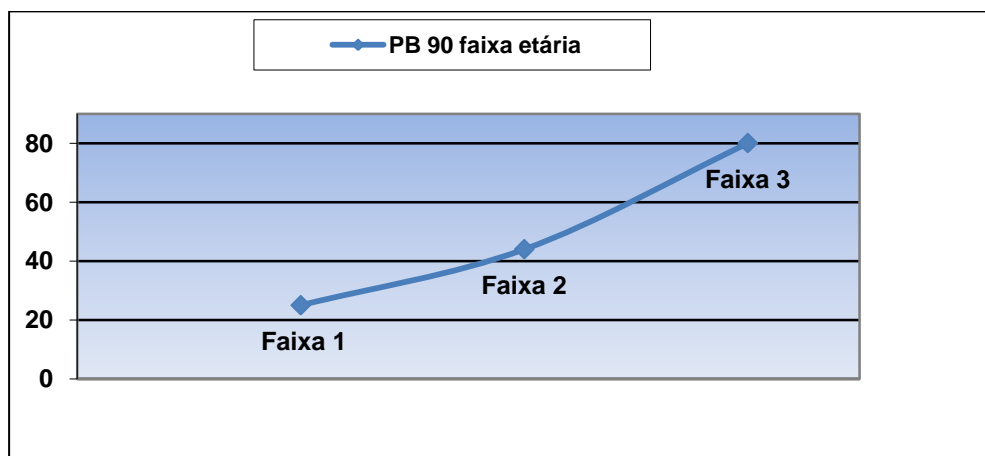


Gráfico 6: Alçamento de <o> com base em pesos relativos, segundo a atuação da variável *faixa etária* em tempo aparente no PB 1990

Para melhor aquilatar o comportamento do fenômeno do ponto de vista social, observa-se a variável *gênero* que, mesmo não tendo sido escolhida pelo programa, contribui para a interpretação dos dados do ponto de vista social.

A Tabela 30, abaixo, revela um discreto predomínio do alteamento de <o> na fala das mulheres em 70, embora, em 90, os dados sugiram neutralidade entre os gêneros.

Gênero	DÉC. 70		DÉC. 90	
	Oco.	%	Oco.	%
Mulher	48/137	35	41/175	23
Homem	47/188	25	44/202	22

Tabela 30: Índices percentuais referentes à variável *Gênero* para o alteamento de <o> no PB 1970 & 1990

As tendências da década de 70 tornam-se mais significativas ao se perceber que o fenômeno tende a ser liderado pelas mulheres jovens e adultas, que apresentam índices percentuais mais altos que os dos homens nas faixas 1 e 2, ficando os mais

velhos com índices semelhantes em ambos os gêneros, conforme ilustra o gráfico 7, a seguir:

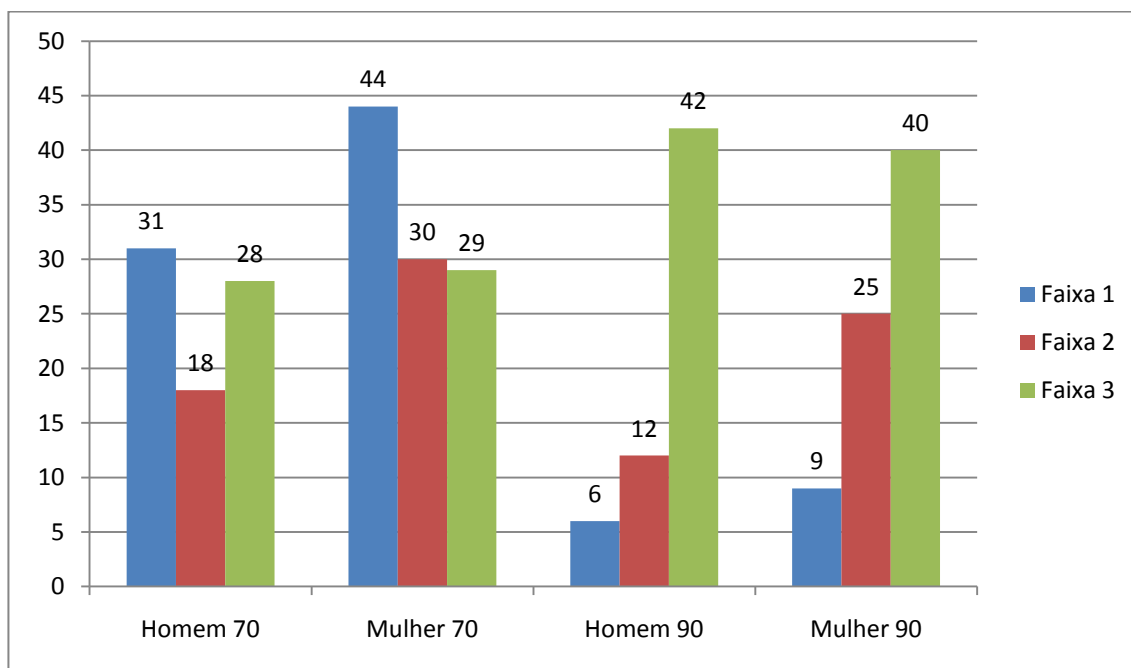


Gráfico 7: Alçamento de <o> com base em índices percentuais, segundo a atuação da variável *Gênero* em tempo real no PB 1970 & 1990

Em 90, percebem-se, de modo geral, índices de alçamento próximos para homens e mulheres (cf. Tabela 30). Com o cruzamento entre *faixa etária* e *gênero*, confirmam-se para ambos os gêneros as mesmas tendências gerais de *faixa etária* – redução dos índices de alçamento na fala dos mais jovens e adultos. Mesmo assim, nota-se que a fala feminina mostra índices maiores que a dos homens nas faixas 1 e 2¹¹² na década de 90.

Visto que o gênero feminino destacou-se nas duas décadas para o alçamento de <o>, verifica-se algo que merece melhor esclarecimento: as mulheres, que costumam buscar as formas inovadoras e/ou de prestígio, mantêm certa preponderância sobre os homens no período de 20 anos em favor do alçamento de <o>, fenômeno que mostrou tendência à retração em 90. Visto isso, realizam-se algumas reflexões, utilizando-se também informações sobre o alçamento de <e> desta pesquisa (item 5.1.1).

O *corpus* 70 no PB revela destaque para os jovens, que lideram tanto o alçamento de <e> quanto o de <o>. Entretanto, há uma diferenciação comportamental

¹¹² Com índices mais significativos na faixa 2.

no tocante à variável gênero em relação às diferentes vogais: os homens lideram o alteamento de <e> (cf. gráfico 2), enquanto as mulheres o de <o> (cf. gráfico 7).

Resumindo-se o quadro, tem-se mulheres utilizando-se mais da variante alteada de <o> do que da de <e>, e vice-versa com respeito à fala masculina.

BISOL (2003) observa, ao tratar do vocalismo átono, que

As vogais /o, u/ estão mais próximas umas das outras do que as vogais /e, i/. Segundo Martinet (1964: 139), dado um sistema com o mesmo número de fonemas na série anterior e posterior, **as margens de segurança são mais estreitas na série posterior do que na série anterior, o que pode explicar em parte a diferença de comportamento entre as duas séries.**” (BISOL, 2003: 272, grifo nosso).

Com base nas reflexões de Bisol (2003), admite-se a possibilidade de o alteamento de <o> revelar-se menos marcado do que o de <e>, ao se constatar a maior saliência fônica que o alteamento produz na série das anteriores do que na das posteriores (maior distância fonética entre [e] e [i] do que entre [o] e [u]).

A alteração [e] > [i] destacar-se-ia mais no *continuum* da fala do que a de [o] > [u], sendo assim, a primeira tenderia a ser mais evitada pelos falantes do PB do que a segunda.

Com relação aos dados do *corpus* 70, as mulheres foram as que mais revelaram retração quanto ao uso de <e>, o que já não aconteceu com <o>. Tal fato pode estar ocorrendo pois, de acordo com as tendências gerais mostradas na linha de análise laboviana, as mulheres tendem a acompanhar inovações no sistema mas não costumam valorizar variantes marcadas com um grau significativo de rejeição pela norma padrão.

Apesar de Viegas (2001) ter constatado o desprestígio do alteamento¹¹³ na fala de Belo Horizonte, não se defende aqui que o alteamento das pretônicas médias <e, o> seja um caso clássico de variante estigmatizada no PB. Acredita-se, no entanto, que na fala culta carioca, em que as variantes [e] e [o] predominam, haja certa tendência a manter a frequência do processo a contextos restritos. Talvez o alteamento de <e>, por ser mais saliente, tenha mostrado menor índice de aceitação por parte das mulheres, enquanto o de <o>, por ser menos perceptível, tenha ativado menos o julgamento de valor por elas atribuído ao processo.

¹¹³ Refere-se ao fenômeno de modo genérico como *alçamento*.

5.2 O cancelamento das pretônicas no Português Europeu

5.2.1 A vogal <e>

(A) No *corpus* 70

A análise referente à década de 70 baseou-se em 530 dados, dos quais 69 (13%) apresentaram cancelamento, tendo-se mostrado relevantes para a implementação do processo quatro grupos de fatores, dois de natureza social – *gênero* e *faixa etária* – e dois de cunho linguístico – *estrutura da sílaba em que ocorre <e>* e *contexto antecedente*, conforme se verifica no Quadro 22.

CANCELAMENTO DA VOGAL ANTERIOR / PE 1970					
GRUPOS SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Gênero	1º	69/530	13%	.11	.005
Estrutura da sílaba em que ocorre <e>	2º				
Contexto antecedente	3º				
Faixa etária	4º				

Quadro 22: Índices relativos ao cancelamento de <e> no *corpus* de PE da década de 1970

(B) No *corpus* 90

Na década de 90 (Quadro 23), houve um significativo aumento no índice de cancelamento (21%), tendo-se mostrado relevantes cinco variáveis, todas de natureza linguística, entre as quais duas das selecionadas para a década de 70.

CANCELAMENTO DE <e> / PE 1990					
GRUPOS SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Contexto subsequente	1º				
Classe de palavras	2º				

Estrutura da sílaba em que ocorre <e>	3º	121/567	21%	.22	.037
Contexto antecedente	4º				
Posição da sílaba no vocábulo	5º				

Quadro 23: Índices relativos ao cancelamento de <e> no *corpus* de PE da década de 1990

Por uma questão operacional, a análise seguirá a ordem dos grupos selecionados em 90, pois tal rodada engloba variáveis selecionadas em 70. Em seguida, como se procedeu na análise do PB, encerra-se o capítulo com as observações sobre as variáveis de natureza extralinguística selecionadas para 70.

a- Contexto subsequente

Em *contexto subsequente*, destacam-se as alveolares sibilantes, fator que, em 90, foi o único com peso relativo acima de .50 e que, em 70, também apresentou o maior índice percentual (cf. Tabela 31).

Contexto subsequente	DÉC. 70			DÉC. 90			EXEMPLOS
	OCO.	%	P.R.	OCO.	%	P.R.	
Labiais	13/83	16%		17/96	18%	.42	perce <u>b</u> er
Alveolares sibilantes	25/132	19%		67/150	45%	.72	de <u>s</u> enho
Alveolares não sibilantes	21/152	14%		19/145	13%	.35	expe <u>r</u> imental
Palatais, velares/uvulares	2/65	3%		12/76	16%	.44	fe <u>ch</u> ar, mediterr <u>â</u> neo

Tabela 31: Atuação da variável *Contexto subsequente* no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990

Diante do pequeno número de dados, foi possível fazer um levantamento dos vocábulos que apresentam alveolares sibilantes em contexto subsequente (cf. quadro 24), de modo a verificar com que segmentos do contexto antecedente se combinam.

Verificou-se que labiais e alveolares não sibilantes, que compartilham o traço [+anterior], são os que mais ocorrem à esquerda da vogal cancelada, co-atuando, assim, para o cancelamento de <e> e, conseqüentemente, formando, no nível fonético¹¹⁴, ‘encontros’ do tipo [dz ds ts ns ps pz ms], que violam as regras fonotáticas da língua.

desenho, decidi, aconteceu, necessário, interessava	pessoa, apesar, professor, começamos,
--	--

Quadro 24: Segmentos em contexto antecedente que mais co-atuam com as alveolares Sibilantes para o cancelamento de <e>

Embora as alveolares não-sibilantes não tenham se mostrado relevantes em contexto subsequente, ao explorar os dados, verificou-se que [r]¹¹⁵ constituía o segmento mais produtivo dentre os que constituíam esse fator e contribuíam para o cancelamento (13 das 21 ocorrências, em 70 e 11 das 19, em 90), sendo, portanto, pertinente dizer que encontros do tipo [fr pr tr], estes perfeitamente de acordo com as regras fonotáticas da língua, decorrem do cancelamento e também o propiciam, como, por exemplo, nos vocábulos diferença, experimental e interessava.

b- Classe de palavras

A variável só foi selecionada na década de 90. Como se verifica pela tabela abaixo, o cancelamento predomina entre nomes e verbos, embora com peso relativo apenas um pouco acima da neutralidade (.55), revelando que o processo é mais produtivo em palavras de natureza conceitual, de significação mais definida, difundindo-se menos entre classes em que as palavras representam grupos mais fechados. Tal comportamento vai de encontro à hipótese inicial formulada para a atuação da variável.

Classe de palavras	DÉC. 70			DÉC. 90		
	OCO.	%	P.R.	OCO.	%	P.R.

¹¹⁴ Conforme visto em 3.2, há interpretações fonético-fonológicas para a constituição do elemento apagado, ou seja, nesses casos, não há, do ponto de vista fonológico, encontro de consoantes.

¹¹⁵ As vibrantes chamaram a atenção na fase de audição dos dados, percebida como sendo contexto propício ao cancelamento da vogal.

Nomes/verbos	63/449	14%		105/469	22%	.55
Outras classes	6/81	7%		16/98	16%	.39

Tabela 32: Atuação da variável *Classe de palavras* no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990

Ao observarem-se, no quadro 20 abaixo, as palavras dos *corpora* que representam as outras classes (locução prepositiva, advérbio e numeral), nota-se que, na década de 70, o cancelamento só atuou em dois itens lexicais, *especialmente* e *depois*, vocábulos que apresentam contextos fonéticos propícios a apresentar o fenômeno (cf. resultados das análises de *contexto antecedente* e *contexto subsequente*).

<i>Corpus</i> da déc de 70	<i>Corpus</i> da déc de 90
especialmente, depois	Apesar de, depois , imediatamente , necessariamente Setenta , terceira

Quadro 25: Cancelamento de <e> referente ao fator *outras classes*, no PB 1970 & 1990

Entre os nomes e verbos, há alguns itens lexicais, também com contexto fonético propício ao cancelamento, em que o processo é recorrente em ambas as décadas (*diferença*, *especial*, *impressão*, *interesse*, *necessário*, *pessoa*, *preferível*, *professor* / *acontecer*, *interessar*, *perceber*, *precisar*), o que pode estar indicando indícios de difusão lexical, tomando por base os princípios gerais apresentados por Oliveira (1991:10; cf. item 4.2). É possível que tais itens lexicais se encaixem, de modo geral, nos preceitos que apontam mudança sonora em fase inicial, apresentados por Oliveira (1991), que se configurariam, neste caso, como: a) ser nome comum; b) oferecer contexto fonético natural para o cancelamento e c) ocorrer em contextos informais de fala.

c- Estrutura da sílaba em que ocorre <e>

Nos *corpora* estudados, as sílabas com ataque vazio (*exato*, *espera*, *ervilha*) não se revelaram, categoricamente, propícias ao cancelamento, como já tinham observado Mateus & d'Andrade (2000) e Rodrigues (2000). Sílabas com travamento nasal (*então*, *centelha*) também não registraram a ocorrência do fenômeno.

Estrutura	DÉC. 70	DÉC. 90	EXEMPLOS
-----------	---------	---------	----------

da sílaba em que ocorre <e>	OCO.	%	P.R.	OCO.	%	P.R.	
CV\$C	58/356	16%	.51	97/394	25%	.51	matemática
CVC _{líquida} \$C	3/46	7%	.23	18/67	27%	.62	perceber
CCV\$C/ CVC _{palatal} \$C	8/58	14%	.65	6/54	11%	.27	preferível / questão

Tabela 33: Atuação da variável *Estrutura da sílaba em que ocorre <e>* no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990

As estruturas silábicas que mais se mostraram favorecedoras do cancelamento foram as que contêm palatal em *coda* ou ataque complexo (p.r. .65) e consoante líquida travando sílaba (p.r. .62), respectivamente nas décadas de 70 e 90. A hipótese inicial, fundamentada nos resultados de Rodrigues (2000: 185), de que as sílabas do tipo CV seriam as mais propícias ao cancelamento, não se efetivou, como comprova seu baixo peso relativo (.51), próximo da neutralidade, nas duas décadas.

d- Contexto antecedente

Comparando-se as duas décadas, percebe-se que as alveolares não sibilantes são os segmentos que, em contexto antecedente, mais propiciam o cancelamento, tanto que seu peso relativo é praticamente o mesmo (.61/.62) nos dois períodos. As labiais mantêm também o mesmo índice (.55), enquanto as alveolares sibilantes só parecem atuar na década de 70.

Contexto Antecedente	DÉC. 70			DÉC. 90			EXEMPLOS
	OCO.	%	P.R.	OCO.	%	P.R.	
Labiais	22/161	14%	.55	62/210	30%	.55	imediatamente, pessoal, preferível
Alveolares sibilantes	8/49	16%	.59	6/63	10%	.31	Semana
Alveolares não sibilantes	35/186	19%	.61	46/186	25%	.62	Apresentação
Palatais, velares/uvulares	4/90	4%	.18	7/82	9%	.28	chegar, questão

Tabela 34: Atuação da variável *Contexto antecedente* no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990

Na realidade, os segmentos alveolares não sibilantes que estão atuando para o apagamento de <e> são as oclusivas [t] (com 24/35 ocorrências, em 70, 18/46, em 90) e [d] (11/35, em 70 e 13/35 em 90). Das 66 ocorrências envolvendo [t] e [d], apenas 13 ocorrem em contexto de oclusiva + oclusiva, sendo estes: [dd, dp] (*dedica, depois*). As outras 53 ocorrências combinam-se com segmento de traço [+contínuo] e/ou [+soante] após a oclusiva, que são: [ʒ ʃ z s l m r¹¹⁶].

O contexto *consoante explosiva + r*, considerado propício ao cancelamento de ‘e mudo’ por Gonçalves Viana, 1892¹¹⁷, exemplifica-se nas palavras *interessar* (H-2, 90), *mediterrâneo* (M-3, 90).

Ao explicar ocorrências de africadas alveolares em PB¹¹⁸, Bisol (1986: 176) observa que a presença de /s z/ posterior à sequência /t, d + i/ é favorável ao apagamento da vogal. O foco da autora estava em PB e na africada alveolar [ts], mas, indiretamente, acabou abordando um dos contextos de apagamento da vogal átona no PE. A autora sugere que facilitam o cancelamento a) a “atração mútua” entre duas consoantes foneticamente similares, no caso, /t d s z/; b) o envolvimento de consoantes de traço [+ contínuo], no contexto apontado por Bisol, aliadas a consoantes plosivas. Como exemplos, têm-se: *acontecer* (M-1, 70), *desenho* (M-2, 70).

Dentre as labiais, têm destaque as surdas [p] (11/22 casos em 70, 16/62 casos em 90,) e [f] (8/22, em 70 e 19/62 em 90). Os casos de [p] ocorrem, preferencialmente, seguidos de [s] ou [r]: *especiais* (M-3, 70), *pessoas* (H-1, 70), *experimental* (H-3, 70).

As sibilantes, com peso relativo .59 em 70, estão representadas apenas por [s]. Das oito ocorrências de cancelamento relativas a esse fator, seis ocorrem com labial (*receber* (H-3), *semana* (M-1) e cinco com sibilante em contexto subsequente, como em *processamento* (H-1, 70).

e- Posição da sílaba no vocábulo

As posições 1 (*depois*) e 2 (*necessário*) à esquerda da tônica mostraram-se como as mais proeminentes em relação ao cancelamento de <e> (cf. Tabela 35), embora com

¹¹⁶ Com maior atuação da vibrante alveolar.

¹¹⁷ Apud Andrade (1994).

¹¹⁸ Como já citado em 3.1.

peso relativo neutro. A variável foi selecionada apenas para a década de 90, porém os índices percentuais de 70 confirmam as tendências do PE.

Posição da sílaba no vocábulo / PE	Déc. 70			Déc. 90			Exemplos
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.	
Posições 1 & 2 à esquerda da tônica	63/433	15%		113/512	22%	.51	depois necessário
Posições 3 & 4 à esquerda da tônica	6/96	6%		8/53	15%	.42	departamento, degenerescência

Tabela 35: Atuação da variável *Posição da sílaba no vocábulo* no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990

f- Gênero & Faixa etária

As variáveis *gênero* e *faixa etária*, ambas selecionadas pelo programa computacional para os anos 70, não o foram para os anos 90. Assim, para fins de comparação entre as décadas, serão utilizados apenas índices percentuais.

GÊNERO / PE	DÉC. 70			DÉC. 90		
	OCO.	%	P.R.	OCO.	%	P.R.
Mulher	46/206	22%	.69	66/288	23%	
Homem	23/324	7%	.38	55/279	20%	

Tabela 36: Atuação da variável *Gênero* no cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990

Gênero, das quatro variáveis atuantes em 70 a que se mostrou mais relevante, demonstra que as mulheres tendem mais ao cancelamento (p.r..69) do que os homens, o que não ocorre na década de 90, em que os índices referentes à fala masculina (20%) são bem próximos à da feminina (23%), como melhor se visualiza por meio do gráfico 8.

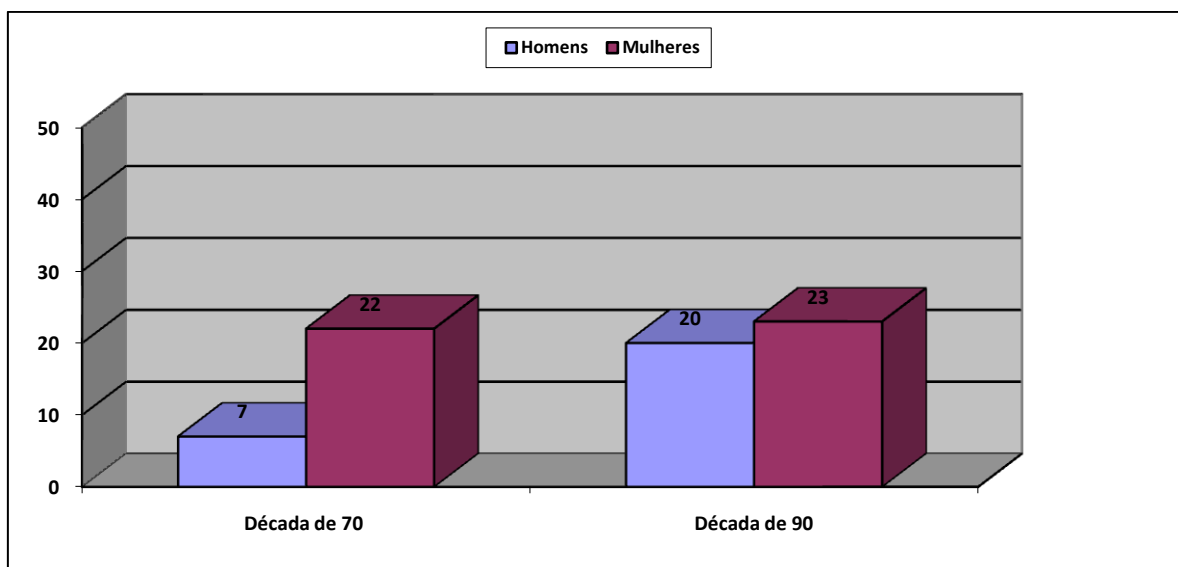


Gráfico 8: Cancelamento de <e> no PE 1970 e 1990, segundo a variável *Gênero*

A preponderância do cancelamento na fala feminina é também observada por Delgado-Martins, Harmegnies & Poch (1996), para os quais este seria um indício de mudança. Como as mulheres são mais sensíveis às inovações linguísticas que não apresentam grau elevado de estigmatização social, a não realização da vogal poderia ser interpretada como um processo não marcado na fala culta, tanto em 70, quanto em 90

Para a análise da faixa etária, utilizou-se diferente procedimento para avaliar a sua atuação. Verificou-se, com base nos resultados preliminares, que a faixa 2 ora se igualava à 3 (na década de 70) ora à 1 (na década de 90), o que levou às junções representadas na Tabela 37. Observa-se, então, que, na década de 70, são os mais jovens que implementam o processo (p.r. .63), enquanto, na de 90, o cancelamento já atingiu também a fala da faixa média.

Faixa etária	Déc. 70				Déc. 90		
	Oco.	%	P.R.		Oco.	%	P.R.
Faixa 1	27/160	17%	.63	Faixas 1 & 2	79/351	23%	
Faixas 2 & 3	42/370	11%	.44	Faixa 3	42/216	19%	

Tabela 37: Atuação da variável *Faixa etária* para o cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990

Com o auxílio dos gráficos 9 e 10, a seguir, pode-se observar o comportamento por *gênero* segundo a *faixa etária*:

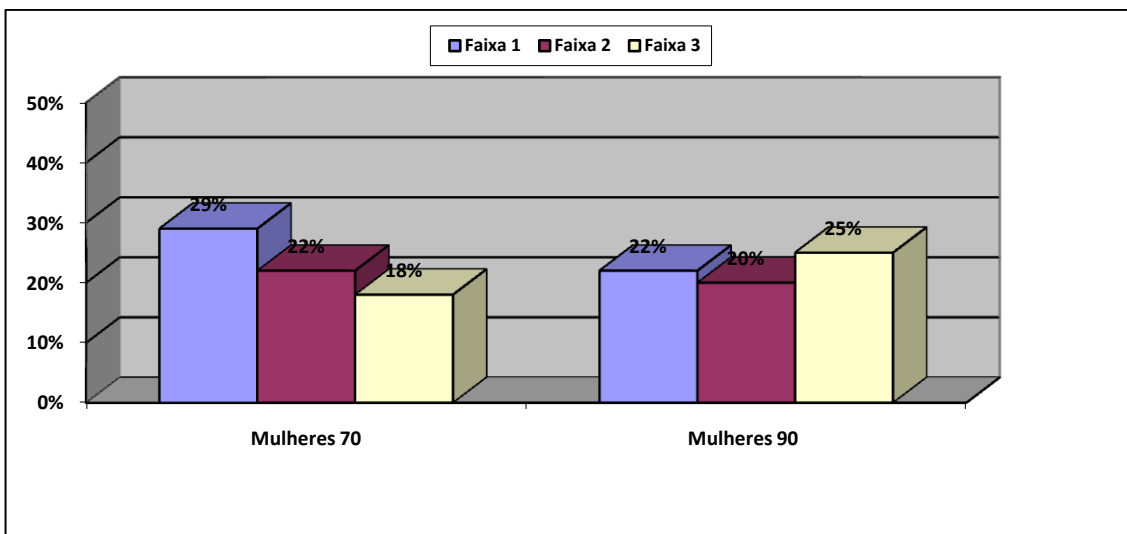


Gráfico 9: Cancelamento de <e> na fala feminina do PE 1970 & 1990, segundo a *faixa etária*

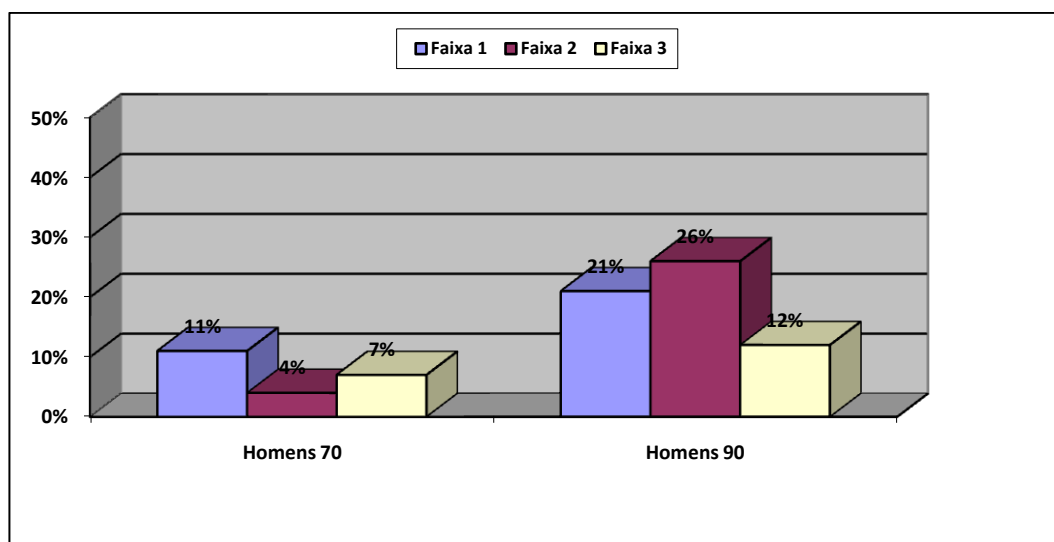


Gráfico 10: Cancelamento de <e> na fala masculina do PE 1970 & 1990, segundo a *faixa etária*

Os cruzamentos expostos nos dois gráficos permitem perceber que:

(a) as mulheres das faixas 1 e 2, na década de 70, lideram o cancelamento, que se mantém praticamente no mesmo patamar na década de 90, período em que se destacam as da faixa 3, cujo índice de apagamento passa de 12% para 25%.

(b) os homens de todas as idades apresentam, na década de 70, baixos índices de cancelamento, sobretudo os da faixa 2, o que já não se verifica na década de 90, em que o gênero masculino praticamente se iguala as mulheres, entre eles destacando-se os da faixa 2, a que mais absorveu a inovação.

Após duas décadas, confirma-se a progressão do cancelamento de <e>.

5.2.2 A vogal <o>

(A) No *corpus* 70

O cancelamento de <o> mostrou-se menos produtivo que o de <e>, tendência registrada também em Rodrigues (2000). Na década de 70, está representado em 10% do total de dados (406) do *corpus*. Quatro grupos de fatores destacaram-se: três de natureza linguística e um de natureza social, conforme mostra o quadro 26.

CANCELAMENTO DA VOGAL POSTERIOR / PE 1970					
GRUPOS SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Gênero	1º	40/406	10%	.10	.018
Estrutura da sílaba em que ocorre <o>	2º				
Classe de palavras	3º				
Contexto subsequente	4º				

Quadro 26: Índices relativos ao cancelamento de <o> no *corpus* de PE da década de 1970

(B) No *corpus* 90

Em 90, a frequência manteve-se praticamente a mesma, 9%, com base em 364 dados. O *corpus* mostrou contextualização mais restrita para o cancelamento da posterior, sendo escolhidas pelo programa apenas duas variáveis de natureza linguística: *contexto antecedente* e *classe de palavras* (cf. quadro 27).

CANCELAMENTO DA VOGAL POSTERIOR / PE 1990				
GRUPOS	ORDEM	OCORRÊNCIAS	INPUT	SIGNIFIC.

SELECIONADOS	DE SELEÇÃO	NÚMERO	%		C.
Contexto antecedente	1º	31/364	9%	.08	.001
Classe de palavras	2º				

Quadro 27: Índices relativos ao cancelamento de <o> no *corpus* de PE da década de 1990

Inicia-se a análise pela ordem de seleção dos grupos referente à década de 70, por esta apresentar mais variáveis, inclusive *classe de palavras*, selecionada também para 90.

a- Gênero

Em 70, o cancelamento das médias posteriores é mais difundido na fala masculina (p.r. 58), atuando, com baixa frequência, na feminina. Num período de 20 anos, como sugerem os resultados de 90, o comportamento das mulheres é equivalente ao dos homens.

Gênero / PE	Déc. 70			Déc. 90		
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.
Homem	31/250	12%	.58	15/170	9%	
Mulher	9/156	6%	.37	16/194	8%	

Tabela 38: Índices referentes à variável *Gênero* para o cancelamento de <e> no PE 1970 & 1990

A observação da variável *gênero* em conjunto com *faixa etária* pode mostrar em maior detalhe como atua a variável selecionada. Com o auxílio do gráfico 11, percebe-se, na década de 70, maior difusão do fenômeno na fala dos indivíduos mais jovens, entre eles sobressaindo os homens, de qualquer faixa etária. Note-se que, nessa década, as mulheres mais idosas apresentam tão poucos casos de cancelamento que o programa lhes atribuiu 0% de percentual, o que não se verifica nos anos 90, em que seu índice é de 6%.

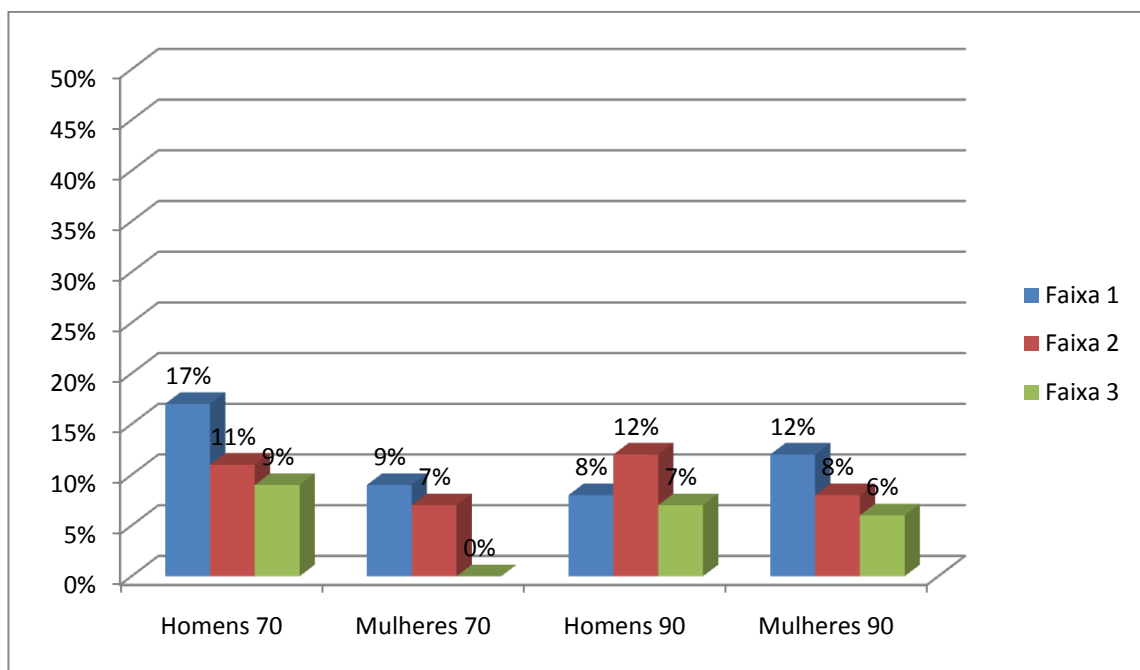


Gráfico 11: Índices referentes ao cancelamento de <o> segundo gênero e faixa etária em tempo aparente no PE 1990

Sendo assim, duas observações podem ser feitas :

(a) o cancelamento caracteriza-se, em 70, como uma variante inovadora (a faixa 1 destaca-se, entre os homens e as mulheres, enquanto a faixa 3, também em ambos os gêneros, apresenta as frequências mais baixas, o que sugere um quadro de mudança na fala tanto masculina (gráfico 12) quanto feminina (gráfico 13).

(b) Nos anos 90, o quadro é de variação estável entre os homens, cujos índices de cancelamento decrescem, e de mudança entre as mulheres, que, ao contrário deles, aumentam a implementação do processo em todas as faixas etárias (cf. gráficos 12 e 13, a seguir).

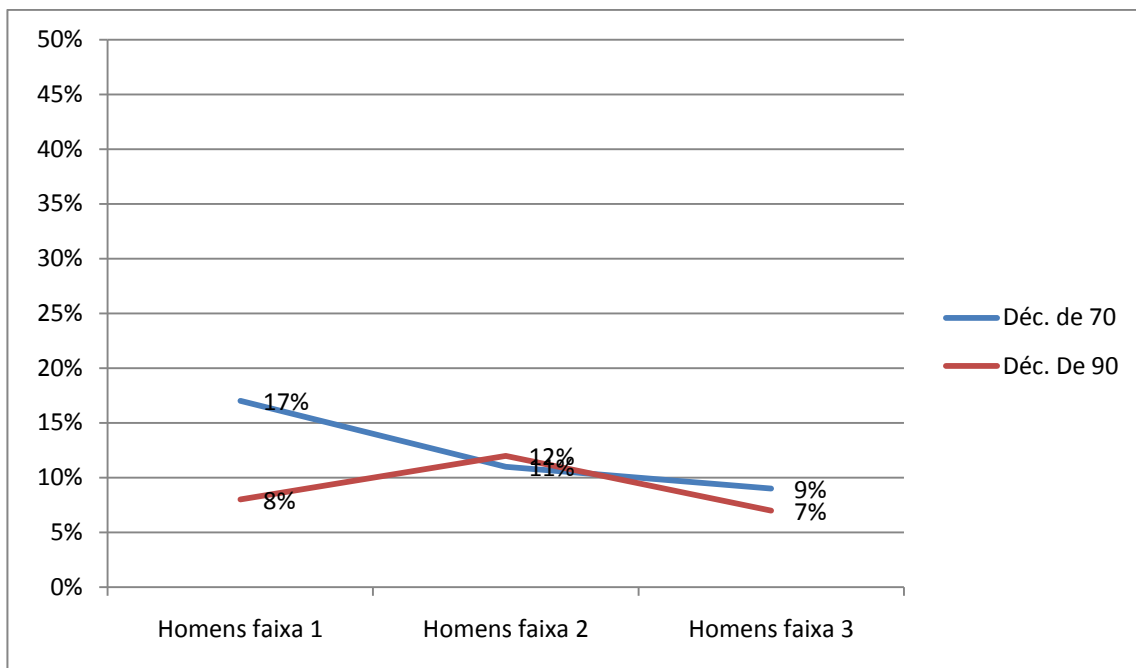


Gráfico 12: Índices referentes ao cancelamento de <o> segundo *faixa etária* na fala masculina em PE 1970 & 1990

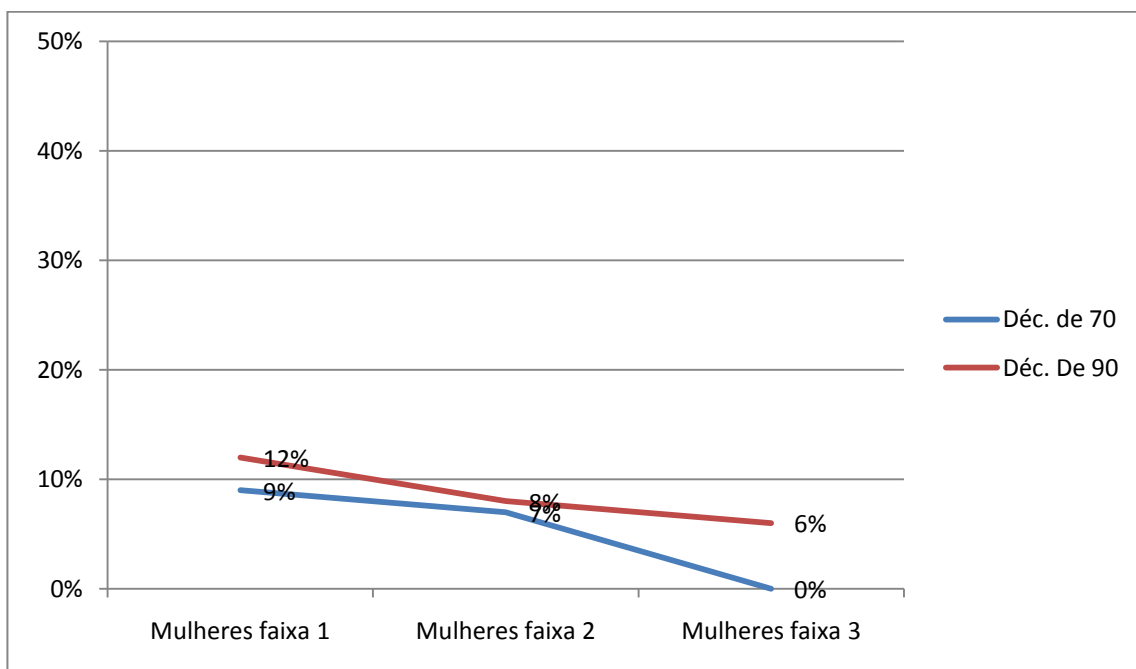


Gráfico 13: Índices referentes ao cancelamento de <o> segundo *faixa etária* na fala feminina em PE 1970 & 1990

b- Estrutura da sílaba em que ocorre <o>

Nos *corpora* em estudo, tal como ocorreu para o cancelamento de <e>, atuam como bloqueadores do fenômeno as estruturas em ataque vazio (#V\$C) – *ocasião* H-2 70, *horrível* M-3 70 –, (#VC_{líquida}\$C) – *orgulha* H-3 90 – e (VC_{palatal}\$C) – *hospital* H-3 90; também inibem o processo as estruturas silábicas que envolvem a nasalidade, que se manifestaram em palavras como *vontade* H-3 90 (CVC_{nasal}\$C).

Os contextos em que ocorre o cancelamento de <o> nos *corpora* do PE são: sílaba aberta (CV\$C), sílaba travada por consoante líquida (CVC_{líquida}\$C) e sílaba com consoante líquida em ataque complexo (CCV\$C), conforme a Tabela 41. No *corpus* 90, houve ainda duas ocorrências de cancelamento em sílaba travada por palatal (CVC_{palatal}\$C): *respeito* H-3 90, *atmosfera* H-3 90, não levadas em conta para a análise probabilística pois, ao mesmo tempo em que tal tipo de sílaba apresentou pouco número de dados, não foi registrado na década de 70.

ESTRUTURA DA SÍLABA EM QUE OCORRE <O>	DÉC. 70			DÉC. 90			EXEMPLO S
	OCO.	%	P.R.	OCO.	%	P.R.	
\$CV\$C / \$CVC _{líquida} \$C	36/29 5	12%	.55	20/25 0	8%		<u>b</u> ocado, <u>p</u> ortanto
\$CCV\$C	3/56	5%	.30	9/47	19%		<u>P</u> rofessor

Tabela 39: Atuação da variável *Estrutura da sílaba em que ocorre <o>* para o cancelamento em PE 1970 & 1990

A hipótese inicial do grupo só se revela na década de 70, com as sílabas abertas, tipo CV, como contexto propício ao cancelamento de <o>. Paralelamente a isso, registra-se a influência das sílabas travadas por consoante líquida, tipo de sílaba que se mostrou também favorável ao cancelamento de <e> na década de 90 (cf. Tabela 33).

O tipo de sílaba relativo a ataque complexo, estrutura silábica considerada desfavorável ao cancelamento na hipótese inicial, apresentou índices percentuais altos

na década de 90, porém, como concentrou a maioria de suas ocorrências no mesmo item lexical – *professor*¹¹⁹ –, sua atuação deve ser relativizada.

c- Contexto subsequente

Contexto Subsequente	DÉC. 70			DÉC. 90			EXEMPLOS
	OCO.	%	P.R.	OCO.	%	P.R.	
Labiais	7/99	7%	.32	15/94	16%		mo <u>m</u> ento, pro <u>f</u> essor
Alveolares sibilantes e não sibilantes	14/121	12%	.52	6/122	5%		im <u>o</u> ssível, po <u>d</u> er
Velares/uvulares	8/38	21%	.72	3/33	9%		adv <u>o</u> gado, bo <u>o</u> ado

Tabela 40: Índices referentes à variável *Contexto subsequente* para o cancelamento de <o> em PE 1970 & 1990

Ao compararem-se as décadas, o comportamento dos dados parece assistemático, isto é, contextos fonéticos que atuam em 70 não atuam em 90, e vice-versa. Porém, ao se observarem os segmentos mais atuantes, nota-se maior regularidade no comportamento dos dados.

Em 90, as labiais são as que apresentam maiores índices percentuais e, contrariamente, as que revelam os menores índices em 70. Porém, tais resultados tornam-se homogêneos ao se perceber que as labiais destacaram-se com dois segmentos em ambas as décadas: [f], consoante apontada por Gonçalves Viana, 1892, como influente para o cancelamento de <e>¹²⁰, e [m]. Em 70, tem-se três ocorrências de [f] e em 90, nove, em itens lexicais como *profundo* M-1 e *professor(a)(s)*¹²¹. O [m] atua com quatro ocorrências em 70 e seis dados em 90, em palavras como *comercial* (H-3, 70) e *tomar* (M-3, 90).

As alveolares, em 70, destacam-se com as sibilantes [s, z] e a lateral [l], que somam 10 ocorrências¹²², em itens lexicais como: *impossível* M-2, *cozinha* M-2, *colega(s)* H-1, *morfologia* H-2, *psicológico* H-2. Em 90, não se detectou recorrência nos segmentos alveolares.

¹¹⁹ Em diferentes falantes: H-2, M-1 e M-3.

¹²⁰ Cf. item 3.2.

¹²¹ Conforme observado na nota 11, em 90, [f] relaciona-se ao item lexical *professor(a)(s)*.

¹²² As outras quatro ocorrências são relativas aos segmentos [t, d, n].

As velares atuaram com os segmentos [g, k] em 70 e com [k], em 90. As ocorrências de 70 estão relacionadas aos itens lexicais *advogado* (H-1) e *bocado* (M-1). Em 90, o item lexical é *bocado* (H-1).

Com base no exposto acima, as conclusões da variável tenderão a guiar-se mais pelos segmentos que se mostraram mais frequentes nos *corpora*, reunidos no quadro 24, a seguir.

Segmentos mais frequentes em <i>Contexto subsequente a <o></i> .					
Labiais	[f m]	Alveolares	[s z l]	Velares	[k g]

Quadro 28: Consoantes adjacentes à posição da vogal <o> apagada

Não se levou em conta a influência das palatais em *coda* para a análise do contexto subsequente, pois tal fator está sendo observado no grupo que avalia a estrutura da sílaba.

d- Classe de palavras

Classe de palavras	DÉC. 70			DÉC. 90			EXEMPLOS
	OCO.	%	P.R.	OCO.	%	P.R.	
Nomes /Verbos	26/207	13%	.60	25/297	8%	.54	comercial
Outras classes	9/198	6%	.39	1/39	3%	.25	portanto

Tabela 41: Índices referentes à variável *Classe de palavras* para o cancelamento de <o> no PE 1970 & 1990

Ao observar a variável *classe de palavras* (Tabela 41) para o PE, percebe-se, de modo geral, que nomes e verbos mostram-se mais influentes que outras classes de palavras. A hipótese inicial do grupo supõe que as classes de inventário mais fechado e de caráter menos conceitual (como as palavras gramaticais – pronomes, numerais, etc.) atuariam menos para o alteamento/cancelamento. Tal tendência se confirmou para o alteamento, em PB, mas não para o cancelamento em PE.

Ao observar-se os itens lexicais sujeitos ao cancelamento de <o> nos *corpora*, percebem-se palavras que, a princípio, têm caráter usual, como: *bocado* (H-1, 70)¹²³, *porque* (M-2, 70), *advogado* (H-1, 70), *colegas* (H-1, 70), *cozinha* (M-2, 70), *Portugal* (H-3, 70), *comercial* (H-3, 90), *momento* (H-2, 90), *poder* (H-1, 70), *professor* (M-1, 90), *sabonetes* (H-3, 90).

Em negrito, estão os itens recorrentes nas duas décadas..

e- Contexto antecedente

Em contexto antecedente, as labiais, que na década de 70 são as mais produtivas para o cancelamento (13%), aparecem, em 90, como segmentos inibidores (p. r. . 49) da regra. Nesse período são as alveolares que favorecem o processo, com p.r. .70

A princípio, tal fato parece soar como algo assistemático – tal qual ocorreu em contexto subsequente – o que será mais bem avaliado com a observação dos segmentos mais atuantes por década.

¹²³ Para este item, notou-se sua recorrência na fala informal dos *corpora*.

Contexto Antecedente	Déc. 70			Déc. 90			Exemplos
	Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.	
Labiais	24/187	13%		13/126	10%	.49	<u>b</u> ocado, <u>m</u> omento
Alveolares	8/102	8%		12/68	18%	.70	<u>t</u> omar,
Velares/uvulares	7/109	7%		6/112	6%	.38	<u>c</u> olegas, <u>r</u> espeito

Tabela 42: Atuação da variável *Contexto antecedente* para o cancelamento de <o> em PE 1970 & 1990

Quanto às labiais, o segmento mais frequente foi [p], nas duas décadas (15 oco. em 70 e 6, em 90), ocorrendo em palavras do tipo *portanto* (H-1, 70) e *podíamos* (M-2, 90). A labial [b] aparece também nas duas décadas, porém, com menos ocorrências (3 oco. em cada década), nas palavras: *bocado* (M-1, 70) e *sabonetes* (H-3, 90). Não se mostram recorrentes as consoantes [m]¹²⁴, existente apenas em 90, e [f, v]¹²⁵, apenas em 70.

Dentre as alveolares, a que se mostrou mais recorrente foi a vibrante¹²⁶. Porém, chama a atenção que, nas palavras em que atua (3 oco. em 70 e 9 oco. em 90), a labial [f] sempre esteja no contexto subsequente, como nos exemplos: *profissional* (H-1, 70), *profissão* (H-1,70), *profundo* (M-1, 70), *professores* (M-3, 90).

As demais alveolares exemplificam-se nos itens lexicais: *doutorandos* (H-2, 90), *tomar* (M-3, 90), *abandonaram* (H-2, 90), *Associação* (M-2, 70).

¹²⁴ Nas palavras *momento* (M-1) e *atmosfera* (H-3).

¹²⁵ Nas palavras *Advogado* (H-1) e *morfologia* (H-2).

¹²⁶ As outras alveolares são [d, s, n] em 70 e [t, d] em 90.

5.3 Síntese comparativa dos resultados

Embora os dois fenômenos em estudo – o alteamento (no PB) e o cancelamento (no PE) – atuem em variedades da língua que se encontram em estágios evolutivos diferentes no que se refere às vogais pretônicas, propõe-se aqui um breve olhar comparativo entre os contextos mais influentes, a fim de se observar até que ponto revelaram características em comum. Sendo assim, observe-se o quadro a seguir.

Contextos de alteamento	Contextos de cancelamento	Contextos em comum
Harmonia vocálica		
Ataque vazio para <e>		
Nasalidade para <e>		
Atinge mais os não nomes	Atinge mais os nomes	
	Labiais e alveolares não sibilantes em contexto antecedente	Alveolares sibilantes para <e>, em contexto antecedente (em PE, no <i>corpus</i> 70)
Palatais (em <i>coda</i> e em ataque) para <e>, em contexto subsequente	Alveolares sibilantes, em contexto subsequente	
Velares para <o>, em contexto antecedente	Alveolares (com destaque para a vibrante) para <o>, em contexto antecedente	Labiais (no PE, destaque para [p] e [b]) para <o>, em contexto antecedente
	Labiais (destaque para [f], [m]) em contexto subsequente	Velares (36% em 70 e 40% em 90) no PB e, no PE, velares (destaques para [k], [g]) para <o>, em contexto subsequente

Quadro 29: Principais contextos estruturais em que houve semelhanças e diferenças entre alteamento (no PB) e cancelamento (no PE)

Com base no quadro acima, percebe-se que não há uma relação direta entre os contextos que levam ao alteamento, no PB, e os contextos que levam ao cancelamento, no PE. Em última análise, pode-se entender que o cancelamento, ao que tudo indica, seria uma evolução relativa às alterações sistêmicas do séc. XVIII em Portugal, alterações estas que já não mais estariam sujeitas a condicionamentos fonéticos e sim mais relacionadas à maior vulnerabilidade vocálica do PE em posições fracas.

No entanto, na coluna 3 do quadro 29, notam-se alguns contextos em comum entre os dois fenômenos. Apesar de no séc. XVIII¹²⁷ não se registrar mais a necessidade de condicionamentos fonéticos para o alteamento, provavelmente isso esteja ocorrendo pois tais condicionamentos, no nível sintagmático, funcionaram como significativos propulsores para as alterações sistêmicas, no nível paradigmático.

Sendo assim, é provável que os contextos presentes na coluna 3 sejam resquícios do alteamento, etapa anterior à mudança setecentista e ao cancelamento. As consoantes adjacentes à vogal apagada, no caso as sibilantes, labiais e velares, podem estar conservando traços da vogal já alteada anteriormente.

¹²⁷ Não no séc. XVIII como um todo, em sim a partir de um período (cf. introdução e capítulo 2).

6. CONCLUSÃO

Neste trabalho, focalizaram-se as vogais <e> e <o> em contexto pretônico na modalidade falada culta do Português do Brasil (PB) e do Português europeu (PE), nas décadas de 1970 e 1990, no intuito de verificar os fatores que concorrem para a implementação dos processos de alteamento e de cancelamento, respectivamente, na primeira e segunda dessas variedades.

Os resultados da análise variacionista demonstraram que, no PB, o processo de alteamento parece estar em regressão, apesar da significativa atuação da harmonização vocálica, que se revela por meio do desempenho da variável *altura da vogal da sílaba subsequente*, selecionada pelo programa computacional nas análises tanto de <e> quanto de <o>, para as duas décadas. O processo é, ainda, condicionado por fatores vinculados aos contextos antecedente e subsequente, bem como à classe do vocábulo, à nasalidade e à faixa etária do falante.

No que toca à vogal <e>, verificou-se que o alteamento se efetiva quando a vogal inicia o vocábulo (*ataque vazio*) ou é precedida de *alveolares sibilantes*, ou, no contexto subsequente, há palatais em coda ou no ataque, o que atinge sobretudo a classe dos não-nomes (palavras de outras classes). A implementação do processo, liderado na década de 70, pelos jovens do sexo masculino, toma direção oposta na década de 90, com a diminuição da frequência de uso da variante alta na fala dos jovens e dos adultos, principalmente na das mulheres.

No que se refere à vogal <o>, constatou-se a relevância, em contexto antecedente, das consoantes *labiais* e *velares* para o alteamento, que tem menor atuação na classe dos nomes, e é inibido, contrariamente ao que ocorre em relação a <e>, quando há uma nasal em travamento silábico. O uso da variante alteada, [u], mais saliente na fala das mulheres de ambas as décadas, tem indícios de progressão em 70 (maior frequência entre os mais jovens e as mulheres), também tende a diminuir nos anos 90, com menor incidência na fala dos mais jovens e dos adultos, sendo tal diminuição comandada pelos homens.

Já, no PE, o cancelamento, que revelou ser um processo em expansão no âmbito de <e>, no que concerne a <o>, manteve-se, em 90, nos mesmos patamares da década de 70. A presença de nasal em travamento silábico bloqueia categoricamente a

realização do fenômeno. Mostraram-se atuantes, ainda, fatores relacionados às variáveis *contexto antecedente*, *contexto subsequente*, *posição da sílaba no vocábulo*, *classe de palavras*, *estrutura da sílaba em que ocorre o segmento* e as variáveis extralingüísticas.

Quanto à vogal <e>, para a efetivação do cancelamento, destacam-se, em contexto antecedente, as consoantes *labiais*, *alveolares não-sibilantes* e *sibilantes* (estas apenas na década de 70) e, no contexto seguinte, as *alveolares sibilantes* e a *vibrante*. O fenômeno mostra-se sensível à posição da sílaba no vocábulo (para a série das anteriores da década de 90), ocorrendo, preferencialmente, nas posições 1 e 2 à esquerda da tônica e em nomes e verbos. Jovens e mulheres parecem impulsionar, na década de 70, a efetivação do processo, que, nos anos 90, se destaca na fala dos jovens e adultos de ambos os sexos

Quanto à vogal <o>, constatou-se que o cancelamento é mais produtivo quando, em contexto antecedente, há um segmento labial (em especial [p] ou [b]), ou alveolar (com destaque para o tepe). No contexto subsequente, atuam com mais intensidade as labiais, as alveolares, e as velares [k, g]. No que concerne à variável *classe de palavras*, observaram-se as mesmas tendências registradas para <e>. O cancelamento, em 70, é mais produtivo na faixa 1, entre os homens e as mulheres, enquanto a faixa 3, também em ambos os gêneros, apresenta as frequências mais baixas, o que sugere um quadro de mudança na fala de ambos os sexos. Nos anos 90, o quadro é de variação estável entre os homens e de mudança entre as mulheres, que, ao contrário deles, aumentam a implementação do processo em todas as faixas etárias.

Especificamente quanto à atuação da variável *Estrutura da sílaba em que ocorre o segmento*, selecionada para <e> nas duas décadas e para <o>, em 70, verifica-se a maior probabilidade de o fenômeno ocorrer em sílabas abertas e de estrutura simples, do tipo CV. Em segundo lugar, oscilando entre <e>, na década de 90, e <o>, na década de 70, destaca-se o tipo de sílaba travada por consoante líquida. Sílabas do tipo *ataque vazio*, travadas por consoante (em que se inclui o travamento por nasal, /N/) e com ataque complexo revelaram-se como ambientes menos propício à realização do fenômeno em estudo.

Por meio dos resultados aqui sinteticamente expostos, foi, ainda possível, demonstrar a dinâmica do quadro das médias pretônicas em língua portuguesa. Na variedade brasileira, confirmaram-se tendências quinhentistas e conservadoras,

enquanto, na variedade européia, de certa forma, ratificou-se a face inovadora, iniciada no século XVIII: o cancelamento mostrou-se mais atuante para <e>, revelando aumento na frequência de uso entre os anos 70 e 90 do século XX, além de quadro sociolinguístico propício à evolução; no que tange a <o>, a frequência de uso manteve-se praticamente a mesma por duas décadas, porém as variáveis de cunho social revelaram potencial para a evolução do fenômeno no PE.

Espera-se, com esta análise, ter contribuído para a caracterização do vocalismo átono do Português do Brasil e do Português Europeu, sobretudo com a conjugação dos estudos em tempo real e em tempo aparente, por meio da qual se confirmaram as hipóteses iniciais desta pesquisa.

7. BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, A. (1996) Reflexões sobre o “e mudo” em português europeu. . In: DUARTE, I. & LEIRIA, I. *Congresso Internacional sobre o Português, Actas*, 3 v., Lisboa: APL e Colibri. p. 303-344.
- _____. (1992) Ainda as vogais de Sagres, *Actas do VIII Encontro Nacional da APL*, Lisboa, Setembro de 1992, Lisboa, 1993, PP. 37-58.
- _____. (1989) *Um estudo experimental das vogais anteriores e recuadas em português, Implicações para a teoria dos traços distintivos*, Diss. para Provas da Carreira de Investigação, Lisboa.
- BATTISTI, Elisa (2005) O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda, org (2005) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 171--206.
- BISOL, L. (1981) *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Tese de Doutorado em Lingüística.
- _____. (1996) *Introdução a estudos de Fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs.
- _____. (1989) Vowel Harmony: a variable rule in Brazilian Portuguese. *Language variation and Change*, 1. Cambridge University Press.
- _____. (2003) Neutralização das átonas. In: *Revista D.E.L.T.A.*, vol. 19:2. p. 267-276.
- BLOOMFIELD, L. (1927) A set of postulates for the study of language. *Language*. I. p. 1-5.
- _____. (1933) *Language*. Allen & Unwin. London.
- BRANDÃO, Silvia F.; CRUZ, Maria Luiza C. (2005) Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA. In: AGUILERA, V. (org.) *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina. p. 299-318.
- BYBEE, J. L. (1995) Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Processes* 10, 425-455. Reprinted with kind permission from Lawrence Erlbaum Associates.
- CALLOU, D. M. I. & AVELAR, J. (2002) Subsídios para uma história do falar carioca: mobilidade social no Rio de Janeiro do século XIX. IN: DUARTE, M. E. L. & CALLOU, D. I. (Orgs.) 2002 Para a história do português brasileiro, vol. IV: Notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/F APERJ. 95-112.

- _____. & LEITE, Y; COUTINHO, L. (1991) Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 5, n. 18. p. 71-78.
- _____. & SERRA, C. (2004) Norma e escolarização no Rio de Janeiro: a nova realidade social como reflexo de antigos problemas. *VI Seminário do projeto 'Para a História do Português Brasileiro*. Ilha de Itaparica - Bahia, de 29 de agosto a 2 de setembro.
- _____. MATTOS e SILVA, Rosa V. (2004). *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- _____. e Y. Leite (1986). As vogais pretônicas do falar carioca, *Estudos Lingüísticos e Literários*, 5, p. 151-162.
- _____., Y. Leite, L. Coutinho e C. Cunha (1995). Um problema na fonologia do português: variação das vogais pretônicas, C. Pereira e P. Pereira (orgs.), *Miscelânea de Estudos Lingüísticos, Filológicos e Literários In Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 59-70.
- _____., Y. Leite, L. Coutinho e C. Cunha, 1995, «Um problema na fonologia do português: variação das vogais pretônicas», C. Pereira e P. Pereira (orgs.), *Miscelânea de Estudos Lingüísticos, Revista Portuguesa de Filologia*, 12, 1962, p. 12-73).
- _____. (1996) O vocalismo do Português do Brasil. *Letras de hoje*, p. 27-40.
- _____. et. al. (1998) O sistema pretônico do português do Brasil: regra de harmonia vocálica. *Actas do XXI Congresso de Internazionale de Linguística e Filologia Romanza*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p. 95-100.
- _____. Da história social à história lingüística: o Rio de Janeiro no século XIX. In: ALKMIN, Tânia M. (Org.) (2002) *Para a história do português brasileiro*, vol. III: novos estudos. São Paulo: USP.
- CÂMARA JR., J. M. (1969) *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1970) *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1977) *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- CARDEIRA, Esperança. (2006) *O essencial sobre a história do português*. Lisboa: Caminho.
- CARDOSO, Suzana. (1993) *Sobre a africada [tʃ] no português do Brasil*. *DIG*, [S.l.], n. 1, p.92-111.
- _____. (1999) As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, V. A. (org.) *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*.

- CARVALHO, J. G. H. 1984 (1962). Le vocalisme atone des parlers créoles du Cap Vert, *Estudos Linguísticos*, vol. II, Coimbra, Coimbra Editora, pp. 35-45 [1ª edição: Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica, III, p. 3-12].
- _____. (1969). Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas e e o em sílaba átona, *Estudos Linguísticos*, vol. II, Coimbra, Atlântida Editora, p. 77-103 [1ª edição: *Revista Portuguesa de Filologia*, 12, 1962, p. 12-73].
- _____. *Id.*, 1984 (1962) 2, «Le vocalisme atone des parlers créoles du Cap Vert», *Estudos Linguísticos*, vol. II, *Filologia*, 22, pp. 81-116.
- CARVALHO, J. G. H., 1984 (1962)1, «Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas e e o em sílaba átona», *Estudos Linguísticos*, vol. II, Coimbra, Coimbra Editora, pp. 77-103 (1ª edição: Coimbra, Coimbra Editora, pp. 35-45 (1ª edição: *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, III, pp. 3-12, 1962)
- CARVALHO, José Herculano de (1969) Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas e e o em sílaba átona. In: _____ *Estudos linguísticos*. Coimbra: Atlântida. v.2, p. 75-103.
- CARVALHO, Sergio D. M. (2002) *A palatalização das plosivas dentais na fala de pescadores do Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 143 fl. mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.
- CASTRO, E. C. de (1990) *As pretônicas na variedade mineira de Juiz de Fora*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.
- CASTRO, I. (1991) *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- _____. (org.). (1991) *Curso de história da língua portuguesa: leituras complementares*. Lisboa: Universidade aberta.
- CHAMBERS, J. K. (1992) Linguistic correlates of gender and sex. *English worldwide* 13. p. 173-218.
- _____. (2002) Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGIL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (Orgs.) (2002) *The handbook of language variation and change*. Reimpressão. s.l.: Wiley-Blackwell. p. 349-372.
- CHEN, M. & WANG, W.S.-Y. (1975) Sound change: actuation and implementation. *Language* 51(2), 255-281.
- CHESHIRE, J. Sex and gender in variationist research. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGIL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (Orgs.) (2002) *The handbook of language variation and change*. Reimpressão. s.l.: Wiley-Blackwell. p. 423-443.

- CINTRA, L. F. L. (1971), «Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses», *Boletim de Estudos Filológicos e Literários In Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 59-70.
- CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the theory of syntax*. MIT Press. Cambridge, Massachusetts.
- CHOMSKY, N. & HALLE, M. (1968) *Sound pattern of English*. New York: Harper and Row.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *Princípios de fonologia generativa*. Trad. José Antonio Millán. Madrid: Editorial Fundamentos, 1979.
- COLLISCHONN, G. (1996) A sílaba em português. In: BISOL, Leda (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 95-130.
- CUNHA, Celso F. da (1986) Conservação e inovação no português do Brasil. *O Eixo e a Roda*, v. 5. Belo Horizonte: UFMG. p. 199-230.
- _____. & CINTRA, Luís F. L. (2001) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio: Nova Fronteira. 3ª ed.
- DELGADO-MARTINS, M. R. (1996) Relação fonética/fonologia: a propósito do sistema vocálico do português. In: DUARTE, I. & LEIRIA, I. *Congresso Internacional sobre o Português, Actas*, 3 v., Lisboa: APL e Colibri. p. 311-325.
- _____; HARMEGNIES, B. & POCH, D. (1996) Changement phonétique en cours du portugais européen. In: DUARTE, I. & MIGUEL, M. *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, V. 3*, Lisboa: Colibri. p. 249-259.
- FERRAZ, L. I., 1978, «The creole of São Tomé», *African Studies*, 37, 1, pp. 3-68. Id., 1984, «The substrate of Annobonese», *African Studies*, 43, 2, p. 119-136.
- GALVES, Charlotte (1998) A gramática do português brasileiro. In: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, 1, 79-96.
- GUY, G. R. & ZILLES, A. (2007) *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial.
- HAADSMA, R. A. & NUCHELMANS, J. Précis de Latin Vulgaire, Groningen, J. B. Wolters, 1963, pp. 7-33, 77-80, 103-107, 125-127. In: CASTRO, Ivo (org.). (1991) *Curso de história da língua portuguesa: leituras complementares*. Lisboa: Universidade aberta. p. 143-183.
- HALL Jr., Robert A. 1943. "The Unit Phonemes of Brazilian Portuguese". *Studies in Linguistics*, 1: 15.1-6.

- HART Jr., Thomas R., (1955), «Notes on Sixteenth-Century Portuguese Pronunciation», *Word*, 11, pp. 404-415.
- _____. (1959) The overseas dialects as sources for the History of Portuguese pronunciation. *III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Lisboa, 1957. /*Actas...*/ vol. 1, Lisboa. P. 261-272.
- HORA, Dermeval da; SANTIAGO, Solange (2006) Vogais pretônicas no Norte do Brasil: o falar de Macapá. In: RAMOS, Jânia, org. *Estudos sociolingüísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. P. 21-36
- HUBER, J., 1985 (1933), *Gramática do Português Antigo*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (edição original: *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1933).
- JAKOBSON, R. (1967) *Fonema e fonologia: ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- KATO, Mary A. (2005) *O Português na América*. Trabalho apresentado em conferência plenária no Congresso da ALFAL, Monterrey/México.
- _____. (2005) A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: Marques, M. A. et alii (orgs.) *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho – no prelo).
- KIPARSKY (1982) Lexical morphology and phonology. In: I.-S. Yang (ed.), *Linguistics in the morning calm*. 3-91. Linguistics Society of Korea. Seoul: Hanshin.
- _____. (1985) Some consequences of lexical phonology. *Phonology Yearbook* 2. 82-138.
- _____. (1988) Phonological change, in: *Linguistics: the Cambridge Survey*, vol. I, Cambridge.
- _____. (1995), The Phonological Basis of Sound Change, J. A. Goldsmith (ed.), *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Mss., Blackwell, p. 640-670.
- KRISHNAMURTI, B. (1978) Areal and lexical diffusion of sound change. *Language* 54(1), 1-20.
- LABOV, W. (1963). The social motivation of a sound change. *Word*, 19, 273-309.
- _____. (1966) *The Social Stratification of English in New York*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistic.
- _____. (1972) *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press.
- _____. (2008) *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola [Tradução: Marcos Bagno].

- _____. (1990) The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language, variation and change* 2. p. 205-254.
- _____. (1994/2001). *Principles of linguistic change*. Vol 1: Internal factors. Vol 2: Social factors. Cambridge, Blackwell.
- LEE, Seung-Hwa & OLIVEIRA, Marco A de. (2003) Variação inter-e-intra-dialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: HORA, D. & COLLISCHONN, Gisela, org. *Teoria lingüística, fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária.
- LEITE, Y, D. Callou & J. Moraes, (1996), «Neutralização e realização fonética: a harmonia vocálica no português do Brasil», *Congresso Internacional sobre o Português, Actas*, I. Duarte e I. Leiria (orgs.), III. Lisboa, Colibri-APL, p. 395-404.
- LEITE et al. (1994) Neutralização e realização fonética: harmonia vocálica no português do Brasil. In: DUARTE, I. & LEIRIA, I. *Actas do Congresso Internacional sobre o Português, III*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994, p. 395-405.
- _____. & CALLOU, Dinah (2002) *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LEHMANN, W. P. (ed.) (1967) *A reader in nineteenth century historical indo-european linguistics*. Bloomington and London, Indiana University Press.
- LEMLE, M. (1974) Analogia na morfologia: um estudo de um caso. In: _____. *Revista Brasileira de Linguística*, 1. Petrópolis: Vozes. v. 1: 16-21.
- LOPES, C. (org.) (2005). *A norma brasileira em construção. Fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro, In-Fólio.
- LUCCHESI, Dante. (2004) *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola.
- MAIA, Vera Lúcia Medeiros (1986) Vogais pretônicas médias na fala de Natal. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, 5: 209-225.
- MARQUES, Sandra M. O. (2006) *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.
- MARQUILHAS, R. (2000), *A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no século XVII*. Lisboa, IN-CM.
- MARTINS, A. M., (1985), *Elementos para um Comentário Lingüístico do Testamento de Afonso II (1214)*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (dissertação policopiada).

- MATEUS, M. H. M. (1990) Fonologia. In: M. H. M. Mateus, A. Andrade, M. C. Viana e A. Villalva, *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 297-407.
- _____. (1993) Onset of Portuguese Syllables and Rising Diphtongs, *Workshops on Phonology*, Coimbra, APL, p.93-104.
- _____. & d'ANDRADE, Ernesto (2000) *The phonology of portuguese*. Oxford:University Press.
- _____. (2002) *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. & MARTINS, M. R. D. (2002/1982) Contribuição para o estudo das vogais átonas [ə] e [u] no português europeu. In: MATEUS, M. H. M. (2002) *A face exposta da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. p. 137-152.
- _____. et alii. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª ed., Lisboa: Caminho.
- _____. et alii (2003) Aspectos fonológicos e prosódicos da gramática do português. In: MATEUS, M. H. M. et alii *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2004). *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- MOHANAM, K. P. (1982) *Lexical phonology*. Doctoral dissertation, Massachusetts Institute of Technology.
- _____.(1986) *The theory of Lexical phonology*. Dordrecht: Kluwer.
- MORAES, J.; CALLOU, D. & LEITE, Y. (1996) O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, M. (org.) *Gramática do português falado*, vol. V: Convergências. Campinas: UNICAMP / FAPESP.
- NARO, Anthony J. (1973) A História do *e* e do *o* em português: um estudo de deriva lingüística. In: _____ *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes. p.9-51.
- OLIVEIRA: Fernão de. (1536) *Grammática da lingoagem portuguesa*. Lisboa [Adaptação de 1975].
- OLIVEIRA, M. A. (1991) The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the sociology of language*, v.89. Berlim, p. 93-105.
- _____. (2008) *Variação Fonológica: O indivíduo e a comunidade de fala*. VIII Seminário de Pesquisa do PPGLLP _UNESP-Araraquara. (Seminário).
- PASSOS, C. e M. E. Passos (1984), «O auto-segmento tonal em português», *Estudos Lingüísticos e Literários*, 1, p. 67-80.

- PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- PAUL, H. (1970/1880) *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEREIRA, R. C. (1997) *As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano*. Dissertação de mestrado. João Pessoa: UFPB/CCHLA/ Curso de Pós-Graduação em Letras, 1997.
- PHILIPS, B. S. (1984) Word frequency and the actuation of sound change. *Language* 60(2), 320-342.
- _____. (1998) Lexical diffusion is not lexical analogy. *Word*, v. 49. n. 3.
- PINTZUK, S. *VARBRUL programs* (Original e tradução de Ivone Isidoro Pinto, revisão de Maria Tereza G. Fioretti e coordenação de Maria M. P. Scherre). 1988.
- RÉVAH, I. S. (1958) L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVIe. siècle à nos jours. I Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, Salvador, 1956. /*Anais...*/ Rio de Janeiro, MEC. p. 387-402.
- _____. (1959) Comment et jusqu'à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVIe.-XVIIe. siècles? *III Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros*, Lisboa, 1957. /*Actas...*/ Lisboa: v. I, p. 271-291.
- RODRIGUES, Maria Celeste Matias (2000). *Lisboa e Braga: fonologia e variação*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Língua Portuguesa. 2 vols.
- _____. (2003) *Lisboa e Braga: fonologia e variação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).
- SANKOFF, G. (2002) Cross-Sectional and Longitudinal Studies in Sociolinguistics. In: DITTMAR, N. et al. *Handbook of Sociolinguistics* (no prelo).
- SAUSSURE, F. (1916) *Curso de lingüística geral*. Cultrix: São Paulo.
- SCHWINDT, L. C. (2002). A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL & BRESCANCINI (Orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. ??
- SHERMAN, D. (1973) Noun-verb stress alternation: an example of the lexical diffusion of sound change in English. *POLA Reports* (2nd series) 17. 46-82.
- SILVA-CORVALÁN (1989) *Sociolingüística: teoría y analisis*. Madrid: Editorial Alhambra.

- SILVA, M. B. (1989) *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. Tese de Doutorado.
- _____. (1991) Um traço regional na fala culta de Salvador. *Organon*, 18: 79-89.
- _____. (2008) Pretônicas fechadas na fala culta de Recife. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia, (org.) *Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras. p. 320-336.
- SILVA NETO, S. 1970. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- _____. (1986). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Presença.
- TEYSSIER, Paul (1966) La prononciation des voyelles portugaises au XVIe. siècle d'après le système orthographique de João de Barros. Segundo Convegno Italiano di Studi Filologici e storici portoghesi e brasiliani. /Atti.../ Napoli, Instituto Universitário Orientale, 1966. p. 127-198.
- _____. (1997) *História da Língua Portuguesa*. Ed., São Paulo: Martins Fontes [Trad. Celso Cunha].
- VIANNA DA SILVA, E. (1995) Uma contribuição para o conhecimento do português no Brasil: as pretônicas fluminenses. In: PEREIRA, C. da C. & PEREIRA, P.R.D. (orgs.) *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p.391-397.
- VIANA, M. C. *et al.*, (1996), «Sobre a pronúncia de nomes próprios, siglas e acrónimos em português europeu», *Congresso Internacional sobre o Português, Actas*, I. Duarte e I. Leiria (orgs.), III. Lisboa, Colibri-APL, p. 481-519.
- VIANA, M. C., (1990), «Propriedades prosódicas», M. H. M. Mateus, A. Andrade, M. C. Viana e A. Villalva, *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa, Universidade Aberta, p. 189-222.
- VIEGAS, M. C. & VEADO, R. M. A. (1982) Alçamento de vogais pretônicas. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, Belo Horizonte, n. 7.
- _____. (1987) *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de mestrado, 231 p., Belo Horizonte, FALE/UFMG (dissertação policopiada).
- _____. (2001) *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. Tese de doutorado, Belo Horizonte, FALE/UFMG.

- _____. (2006) Elevação das vogais médias pré-tônicas na Região de Belo Horizonte: harmonia e redução. In: RAMOS, Jânia, org. *Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. p. 37-56.
- VIEIRA, M. J. B. (2002) As vogais médias postônicas. Uma análise variacionista. In: BISOL, L. & BRESCANCINI, C. (Org.) *Fonologia e Variação. Recortes do português brasileiro*: 127-159. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- WANG, W. S.-Y. & CHENG, C.-C. (1977) Implementation of phonological change: the Shuang-Feng Chinese case. In *The Lexicon in Phonological change*. W.S.-Y. Wang (ed.) 148-158. The Hague: Mouton.
- _____. & LIEN, C. (1993) Bidirectional diffusion in sound change. In: *Historical Linguistics*, London, Longman, p. 345-400.
- WEIRINCH, U., LABOV W. & HERZOG. (1968) Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics: A symposium*. Austin-London: University of Texas Press. p. 95-199.
- WEIRINCH, U., LABOV W. & HERZOG. (2006) Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (1968) *Directions for historical linguistics: A symposium*. Austin-London: University of Texas Press. p. 95-199. [tradução de Marcos Bagno; revisão de Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva & Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006]
- WILLIAMS, E. B., (1961), *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC [Tradução de Antônio Houaiss] (edição original: *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press e Oxford, Oxford University Press, 1938).
- YACOVENCO, L. C. (1993) *As vogais médias pretônicas na fala culta carioca*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.

ANEXOS

I

Vogal <e>

Vocábulos com alteamento de no PB e cancelamento no PE¹²⁸

PB 1970	PB 1990	PE 70	PE 90
Alteamento de <e>	Alteamento de <e>	Cancelamento de <e>	Cancelamento de <e>
Acredito	consegui(u)(mos)	Acontecer	Aconteceu
Assessoria	conseguimos	Aconteceu	Agressivas
conheci	Conseguiu	Alemão	Alegria
Conhecia	Debaixo	Anedota	apesar de que
conhecidos*	Demais	Conhecimentos	apetece-me
crescido	Desaparecer	Corresponde	Apresentação
demais	Desconheço	Dedica	Certeza
Depois	Descrever	Degenerescência	Chegar
Descreva	Descritiva	Depois	Começamos
desespero	Descuidados*	Descoberta	Começava
desordem	Desculpe	Descobrimos	Comecei
Despachei	Desenvolvido	Descobrimos	Começou
Devia	Desenvolvimento	Descobrir	Competência
Devido a	desestimular(vam) (ndo)	Desenho	Conferência
Encontraram	desponta(r)	Diferença	Conscientemente
Engraçado*	Devia	Dispersar	Decidi
Enorme*	Dezenove	Elevada	Departamento
Então	Dezessete	Especialidade	Depois
Escola	Dezoito	Especialmente	Desenhada
Escolher	Embora	Específico	Desequilíbrio
Escrevia	Empresa	Evidentemente	Diferentes
Escrito	Enfim	Experimental	Enxertar
Escuros	Enlatados	Fechado	Especiais
Espaço	Então	Feminina*	Especialmente
Espera	Entravam	Impressão	Fechar
Espetáculo	Escolher	Interessa(r)	Fechava
Esporte*	escrachado(as)	Interessante	Imediatamente
Esquecidas*	Escreve	Interessava	impressão
Esquina	Escrito	Interesse	Ingenuidade
Está	Escuta	Interessou	Interessa
Estado	Especificamente	Menina*	Interessados
Estalado	Específico*	Menor	Interessante*
Estampada*	Espetacular	Necessária	Interessar
Estão	Esporte	Necessidade	Interessaram

¹²⁸ Os asteriscos nos nomes indicam que o vocábulo pode ter ocorrido também no plural ou no feminino.

Estar	Esqueci	Percebi	Interesse
Estava	Esqueço	Perfeitamente	Interpretando
Estáveis	Esquema	Perfeito	Matemática
Estejam	Estação	Pessoas	Mecânicos
Estimulada	Estádio	Precisam	Mediterraneo
Estudar	Estados Unidos	Preferível	Melhor*
Estudo	Estadual	Processamento	Memória
Existe	Estampado	Processou	Necessariamente
Existem	Estaria	Professora*	necessário
Expectativa	Estava	Receber	Necessidade
Explicar	Esteja	Recebo	Perceber
Exploração	Estrada	Semana	Pessoa
Explorando	Estrutura	Telefone	Precisam
Extravagante	estudar(ou)	Tempestade	Preferível
Favorecidas	Estudo		Pretendia
Felizmente	Exatamente		Professor*
Insegurança	Existia		Questão
melhor*	existisse(m)		Renascimento
Menino*	Expressão		Requintes
Mexido	Extirpado		Secundário
Nenhum	Futebol		Setenta
os demais	melhor		terceira idade
Paletó	Menino		Universidade
Parecido	Metia		
Pequeno*	Nenhum		
Perigo	Pequena		
Poderiam	precisa(ou)		
Precisando	Prefiro		
Seguinte	Queria		
Segundo	Segundo		
Senhora	Setecentos		
Seria	Vesícula		
Veludo	Vestia		
Vestida	Vestida		
Vestir			

II

Vogal <o>

Vocábulos com alteamento no PB e cancelamento no PE¹²⁹

PB 1970		PB 1990	PE 1970	PE 1990
Alteamento de <o>		Alteamento de <o>	Cancelamento de <o>	Cancelamento de <o>
1	Acontecia	Absolutamente	Advogado	Abandonaram
	Bonito*	Acostumado	Associação	Atmosfera
	Borracha	Acostumou	Bocado	Bocado
	Coberto	Agoniada	Colegas	Colônias
	Coberto	Bonito*	Comercial	Comercial
	Cobertura	Cobertas	Cozinha	Comove
	Colaborei	Colégio	Importante	Cozinha
	Colega	Comecei	Impossível	Doutorandos
	Colégio	Começou	Morfologia*	Momento
10	Colher	Comer	Morfológica	Podíamos
	Comecei	Conheceram	Notável	Porque
	Começou	Conseguiram	Oposição	Professor*
	Comia	Costuma	Personagens	Respeito
	Comida	Cozinha	Poder	Sabonetes
	Comigo	Cozinhar	Porque	Tomar
	Conchavou	Cozinheira	Portanto	
	Conheci	Dormir	Portugal	
	Conhecia	Dormirmos	Predominância	
	Conhecidos	Dormiu	Profissão*	
20	Conheço	Gordura	Profissional	
	Corria	Impossível	Profundo	
	Corrida	Poderia	Psicológico	
	Costumo	Podia		
	Costura	Por que		
	Cozido	Porque		
	Cozinha	Português		
	Cozinhar	Possível		
	Cozinhava	Procurava		
	Cozinheira	Professores		
30	Evolução			
	Fogão			
	Fogareiro			
	Fortuna			
	Morangos			
	Podia*			
	Política			
	Porão			
	Porção (= muita)			
	Porque			

¹²⁹ Os asteriscos nos nomes indicam que o vocábulo pode ter ocorrido também no plural ou no feminino.

40	Portanto			
	Português			
	Procuo			
	São José			
	Sobrinha			

III

Quadro de informantes

Português brasileiro (PB)

Homens

Década de 70	Década de 90
Cultos	Cultos
25 anos, físico, grav. em 1972 (NURC Inq. 96) 29 anos, advogado, grav. em 1971 (NURC Inq. 12)	33 anos, prof. Universitário, grav. em 1996 (Varport Oc-B-9C-1m-002) 33 anos, grav. em 1996 (NURC Inq. 23)
41 anos, advogado, grav. em 1974 (Varport Oc-B-70-2m-002) 48 anos, médico, grav. em 1973 (NURC Inq. 176)	45 anos, contador, grav. em 1996 (Varport Oc-B-9C-2m-001) 45 anos, professor, grav. em 1992 (Varport Oc-B-9C-2m-002)
56 anos, nível superior – servidor público, gravado em 1973 (Varport Oc-B-70-3m-001) 56 anos, advogado, grav. 1972 (NURC Inq. 71)	61 anos, nível superior-aposentado, grav. em 1998 (Varport Oc-B-9C-3m-002) 70 anos, professor aposentado, grav. em 1996 (Varport Oc-B-9C-3m-001)
Total: 12 informantes	

Mulheres

Década de 70	Década de 90
Cultos	Cultos
27 anos, assistente social, grav. em 1972 (NURC Inq. 056) 26 anos, museóloga, grav em 1971 (Varport Oc-B-70-1f-001)	27 anos, analista de sistema, grav. em 1993 (Varport Oc-B-9C-1f-001) 27 anos, dentista, grav. em 1996 (Varport Oc-B-9C-1f-002)
45 anos, nutricionista, grav. em 1974 (NURC Inq. 213) 44 anos, professora, grav. em 1971 (Varport Oc-B-70-2f-001)	44 anos, professora-pedagoga, grav. em 1996 (Varport Oc-B-9C-2f-001) 54 anos, pedagoga, grav. em 1996 (Varport Oc-B-9C-2f-002)
58 anos, advogada, grav. em 1978 (Varport Oc-B-70-3f-002) 60 anos, profa. de biologia, grav. em 1974 (NURC Inq. 210)	76 anos, engenheira química, grav. em 1996 (Varport Oc-B-9C-3f-001) 74anos, técnica em educação, grav. em 1992 (Inq. 140)
Total: 12 informantes	

Português europeu

Homens

Década de 70	Década de 90
Cultos	Cultos
22 anos, estudante universitário de química, grav. em 1972 (Varport Oc-P-70-1m-001) / 33anos, administrador, grav. entre 1970 e 1974 (Varport Oc-P-70-1m-002)	31 anos, doutoramento, grav. em 2001 (Varport Oc-P-90-1m-006) / 25 anos, ciências da comunic., grav. em 2000 (Varport Oc-P-90-1m-005)
2 inf. faixa 2 psicólogo (Varport Oc-P-70-2m-002) 43 anos, licenciatura, grav. em 1972 (Varport Oc-P-70-2m-001)	36 anos, licenciatura em gestão, grav. em 2001 (Varport Oc-P-90-2m-005) 36 anos, investigador-nível superior, grav. em 2000 (Varport Oc-P-90-2m-006)
57 anos, engenheiro agr., grav. entre 1970 e 1974 (Varport Oc-P-70-3m-001) 56 anos, ator- nível superior, grav. entre 1970 e 1974 (Varport Oc-P-70-3m-002)	65 anos, pianista, grav. em 1990 (Varport Oc-P-90-3m-005) 81 anos, médico, grav. em 1990 (Varport Oc-P-90-3m-006)
Total: 12 informantes	

Mulheres

Década de 70	Década de 90
Cultos	Cultos
35 anos, profa. Biologia, grav em 1970 (Varport Oc-P-70-1f-003) 32 anos, médica, grav. em 1970 (Varport Oc-P-70-1f-004)	35 anos, profa. de belas artes, grav. em 2001 (Varport Oc-P-70-1F-008) 34 anos, rel. internacionais, grav. em 2001 (Varport Oc-P-90-1f-007)
42 anos, psicóloga, grav. em 1972 (Varport Oc-P-70-2f-003) 40 anos, arquiteta, grav. entre 1970 e 1974 (Varport Oc-P-70-2f-004)	nível superior-hospedeira, grav. em 2001 (Varport Oc-P-90-2f-007) 41 anos, geóloga, grav. em 2002 (Varport Oc-P-90-2f-008)
58 anos, advogada, grav. em 1974 (Varport Oc-P-70-3f-004) 56 anos, profa. Música, grav. entre 1970 e 1974 (Varport Oc-P-70-3f-003)	(Varport Oc-P-90-3F-008) (Varport Oc-P-90-3F-007)
Total: 12 informantes	

CARVALHO, Sergio Drummond Madureira. *As pretônicas <e> e <o> no português do Brasil e no português europeu*. Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Letras, 2010, 177 fl. mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

RESUMO

Este estudo, elaborado com base na Sociolinguística Variacionista, trata das vogais <e> e <o> em contexto pretônico, focalizando o alteamento em PB (na fala culta do Rio de Janeiro) e o cancelamento em PE (na fala culta de Lisboa), nas décadas de 1970 e 1990. Os *corpora* (num total de 3525 dados) constituem-se de amostras de fala selecionadas do *site* do Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português (VARPORT) e correspondentes a 48 gravações de entrevistas do tipo DID, com falantes de ambos os gêneros, distribuídos por três faixas etárias e pelas duas mencionadas décadas. A análise foi realizada com o auxílio do programa computacional VARBRUL, controlando-se variáveis de natureza linguística e extralinguística.

Quanto ao PB, os resultados revelam indícios de regressão do alteamento tanto de <e> quanto de <o> no período de duas décadas. Em 70 e 90, são significativos, para a implementação do processo, a presença de vogal alta na sílaba subsequente e o contexto fonético adjacente: *ataque vazio*, *alveolares sibilantes*, *palatais em coda* e *em ataque*, consoantes de traços [+anterior] e [+alto] no que se refere <e>; *labiais* e *velares*, consoantes de traços [+arredondado] e [+posterior], no que respeita a <o>. O fenômeno atinge sobretudo as classes de palavras reunidas sob o rótulo de não nomes.

Quanto ao PE, o cancelamento, mais frequente na fala de jovens e mulheres nos anos 70, demonstra tendência à expansão, o que efetivamente se observa na década de 90, em que aumentam seus índices de ocorrência na fala de indivíduos de ambos os sexos, sobretudo nas dos jovens e da faixa intermediária. Além de condicionamentos de natureza extralinguística, o processo é favorecido por fatores vinculados às variáveis contexto antecedente e subsequente, classe da palavra, tipo de estrutura da sílaba e posição da sílaba no vocábulo, embora uns atuem no âmbito de <e> e outros no de <o>.

CARVALHO, Sergio Drummond Madureira. *As pretônicas <e> e <o> no português do Brasil e no português europeu*. Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Letras, 2010, 177 fl. mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This work, based on the Labov's Sociolinguistics Theory, discusses about the vowels <e> and <o> in pretonic context, focusing the raising in BP (formal speaking from Rio de Janeiro) and the cancelling in EP (formal speaking from Lisboa), in the 70's and 90's. The *corpora* (a sum of 3.525 datas) is consisted of speaking samples selected from the VARPORT's website (Projeto Análise Contrastativa de Variedades do Português) and corresponding to 48 interview's recordings type DID, with both genders speakers, arranged in three age groups and in both decades cited above. The analysis was accomplished with the support of the VARBRUL computer program, managing the linguistic and extralinguistic variables.

For the BP, the results reveal evidences of regression from the raising of <e> as much as from <o> in the period of two decades. In the 70's and 90's, the high vowel presence in the subsequent syllable and the adjacent phonetic context are expressive for the process application: *onsetless syllable*, *alveolar sibilant*, *palatal coda* and *palatal onset*, consonants with features [+front] e [+high] regarding <e>; *labial* and *velar* consonants with features [+round] e [+back] regarding <o>. The phenomenon reaches especially words categories gathered with the non-name label.

For the EP, the cancelling, more often in the youth and women speaking in the 70's, shows a trend to expansiveness, which is effectively observed in the 90's when its occurrence's rate in the speaking of both genders is raised, over all in the youth and intermediary range. Moreover the extralinguistic nature of conditioning, the process is favored for factors linked to the antecedent and subsequent context variables, word category, syllable structure type and syllable position in the vocable, although some operate on the <e> ambit, and others on the <o>.

CARVALHO, Sergio Drummond Madureira. *As pretônicas <e> e <o> no português do Brasil e no português europeu*. Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Letras, 2010, 177 fl. mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

RÉSUMÉ

Cette thèse, conçue sur la base de la Sociolinguistique Variationniste, a pour objet la réalisation des voyelles <e> et <o> en contexte pré-tonique, étudiant le phénomène d'élévation au PB (dans le langage cultivé de Rio de Janeiro) et celui d'effacement au PE (dans le langage cultivé de Lisbonne), aux années 1970 et aux années 1990. Les *corpora* (3525 données) constituent des réalisations de parole sélectionnées à partir de 48 enregistrements d'interviews type DID, appartenant à la banque des données du Projet "Análise Contrastiva de Variedades do Português" (VARPORT), avec des sujets des deux sexes, distribués dans trois tranches d'âge et le long de la période mentionnée. L'analyse a été réalisée avec l'aide du logiciel VARBRUL, selon des variables linguistiques et extralinguistiques.

Pour le PB, les résultats révèlent des indices de régression de l'élévation du <e> aussi bien que du <o> dans la période des deux décennies. Aux années 70 et 90, sont pertinents, pour l'occurrence de ce processus, la présence d'une voyelle haute dans la syllabe suivante et le contexte phonétique adjacent: attaque vide, alvéolaires sifflantes, palatales en **coda** e en attaque, consonnes aux traits [+antérieur] et [+haut], quant au <e>; labiales et vélaires, consonnes aux traits [+arrondi] e [+postérieur] quant au <o>. Ce phénomène se vérifie surtout dans les classes de mots réunies sous le label de non-noms.

Pour le PE, l'effacement, plus fréquent chez les jeunes gens et les femmes dans les années 70, démontre une tendance à l'expansion, ce qui est observé, en effet, aux années 90, quand les indices de ce phénomène augmentent chez les individus des deux sexes, surtout parmi les plus jeunes et ceux qui sont à une tranche d'âge intermédiaire. En plus des conditionnements de nature extralinguistique, ce processus est favorisé par des facteurs liés à d'autres variables: contexte précédent et suivant, classe du mot, type de structure syllabique et position de la syllabe dans le mot, les uns atteignant plutôt le <e> et les autres plutôt le <o>.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)